

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

LIDIA HELENA MULLER ZART

**A ESCRITA EMERGENTE: AUTORIA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
ESCOLARES EM AMBIENTES DIGITAIS, COM O USO DA INTERNET**

São Leopoldo

2010

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

LIDIA HELENA MULLER ZART

**A ESCRITA EMERGENTE: AUTORIA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
ESCOLARES EM AMBIENTES DIGITAIS, COM O USO DA INTERNET**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dinorá Moraes de Fraga

São Leopoldo

2010

Z38e Zart, Lidia Helena Muller.

A escrita emergente : autoria nas produções textuais escolares em ambientes digitais, com o uso da Internet / Lidia Helena Muller Zart. – 2010.
163 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2010.
“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dinorá Moraes de Fraga”.

1. Linguística aplicada. 2. Autoria na internet. 3. Internet na educação. 4. Ciberespaço – Aspectos sociais. 5. Escrita (Ensino fundamental). 6. Escrita (Ensino médio). 7. Letramento digital. I. Título.

CDD 418
CDU 81'33

Catálogo na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes, CRB 10/1298

Lidia Helena Muller Zart

“A ESCRITA EMERGENTE: AUTORIA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS ESCOLARES EM
AMBIENTES DIGITAIS, COM O USO DA INTERNET”

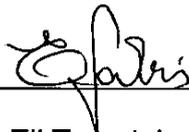
Monografia (Dissertação) apresentada à
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Linguística Aplicada

Aprovada em 05 de março de 2010

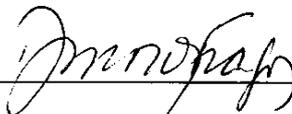
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Vera Wannmacher Pereira (PUC/RS)



Profa. Dra. Eli Terezinha Henn Fabris (UNISINOS)



Profa. Dra. Dinorá Moraes de Fraga (UNISINOS)

Dedico este trabalho à minha família que sempre me apoiou, à sensibilidade da professora Dinorá por acolher minhas inquietações, aos colegas que contribuíram comigo e aos queridos alunos que tornaram possível esse estudo.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço em primeiro lugar a Deus, criador e ao Divino Espírito Santo, fonte de inspiração;
- ao meu marido Carlos, por acreditar que seria possível e pelo apoio incondicional em todos os momentos;
- aos meus filhos Luana e Thomas, ao genro Guilherme, por entenderem que eu nem sempre podia estar presente;
- à professora Dinorá, minha orientadora, por acreditar em mim, pela sábia orientação e por acreditar que poderíamos empreender este projeto;
- aos queridos alunos, meus colaboradores, por suas valiosas contribuições;
- ao colégio Luterano Artur Konrath e EMEF Cecília Meireles, por ter acolhido minha pesquisa;
- à colega e amiga Adriane Buss, por colaborar com a produção do corpus dessa pesquisa;
- aos colegas de profissão que contribuíram com seus depoimentos;
- aos professores do Programa de Linguística Aplicada da UNISINOS, pelos valiosos conhecimentos;
- às amigas Marlise, Ilsa e Janine, pelos conhecimentos compartilhados.

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal, está o perigo?”

Foucault

RESUMO

Este estudo busca verificar como se dá o processo da autoria nas produções textuais escolares em ambientes digitais, com o uso da internet. Sua motivação partiu do desejo de compreender a fala corrente entre os professores, trazidos nesta pesquisa, quando afirmam que o aluno, ao utilizar o texto da internet (o hipertexto) em atividades escolares, usando o procedimento do *copia e cola* não está sendo autor. Esse novo ambiente de produção textual no meio digital suscita implicações sobre a concepção de autoria nos textos digitais e sobre práticas escolares em contextos digitais, em que as marcas de um autor individual desaparecem em favor de um autor coletivo constituído pelo hipertexto. De forma particular, interessa vincular três termos – autoria (FOUCAULT, 1996, 1999, 2006), reprodutibilidade técnica (WALTER BENJAMIN, 1994) e produção textual. A pesquisa parte de um trabalho proposto a um grupo de cinco alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Médio, a partir da escolha de temas livres para serem significados durante o período letivo de 2008. Para tanto, deveriam relacionar o intertexto, através de um processo hipertextual, com o uso da internet e o maior número possível de recursos midiáticos, sob a forma de sites hospedados no PBWIKI. As conclusões sugerem que o ambiente proporciona a instauração de descontinuidades no letramento digital e o surgimento de vários movimentos de autoria, autorizados pela função autor de Foucault.

Palavras-chave: autoria; reprodutibilidade técnica; produção textual.

ABSTRACT

This study aims to determine how is the process of authorship on school textual in digital environments, using the Internet. Its motivation came from the desire to understand the everyday speech of the teachers brought on this research to assert that the student, when using the Internet text (hypertext) in school activities, taking the copy and paste procedure is not being an author. This new environment of textual production in the digital environment raises implications for the concept of authorship in digital texts and on school practices in digital environments, in which the characteristics of an individual author disappear in favor of a collective author constituent of an hypertext. In a particular way, it is interesting to link three terms - author (FOUCAULT, 1996, 1999, 2006), technical reproduction (WALTER BENJAMIN, 1994) and textual production. The research starts from a proposed work to a group of five students on the final series of the Elementary and High School, based on the choice of free topics during the school year of 2008. Therefore, they should relate the intertext through a process of hypertext, using the Internet and the largest possible number of media resources in the form of sites hosted on PBWIKI. The findings suggest that the environment provides the introduction of discontinuities in digital literacy and the emergence of various movements of authorship, authorized by Foucault's author function.

Keywords: authorship; technical reproduction; textual production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2-1: Página do Site da Bruna.	29
Figura 3-1: Página do Site da Bruna.	70
Figura 3-2: Página do Site do Roger.	71
Figura 3-3: Página do Site da Daiane.	72
Figura 3-4: Página do Site do Roger.	72
Figura 3-5: Página do Site da Bruna.	73
Figura 3-6: Página do Site da Simone.	74
Figura 3-7: Página do Site da Daiane.	74
Figura 3-8: Página do Site do Roger.	77
Figura 3-9: Relatório do Site do Roger - Parte 1.	79
Figura 3-10: Relatório do Site do Roger - Parte 2.	80
Figura 3-11: Relatório do Site do Roger - Parte 3.	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 3-1: Relatório da análise do texto do aluno Roger (Anexo N).	69
Tabela 3-2: Relatório da análise do texto da aluna Daiane (Anexo T).....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 QUANDO OS REFERENCIAIS TEÓRICOS ORIENTAM PARA A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE AUTORIA	18
2.1 A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA.....	26
2.2 A FUNÇÃO AUTOR	32
3 COMPREENSÃO DO PROCESSO DE INSTAURAÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCOLARES NA INTERNET: ASPECTOS METODOLÓGICOS E DE TEORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS.....	38
3.1 SOBRE A METODOLOGIA.....	38
3.2 A TEORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EM BUSCA DO APROFUNDAMENTO DA TEORIA	43
3.3 O SENTIDO DE AUTORIA ASSUMIDO PELO ALUNO.....	54
3.4 A TEORIZAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DE ESCRITA DOS ALUNOS.....	61
3.4.1 A prática da escrita dos alunos em atividades com sequência pré-determinada	62
3.4.2 A prática da escrita dos alunos em atividades com produção livre.....	69
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	86
ANEXO A: RELATO DO PROFESSOR A (VIA E-MAIL).....	87
ANEXO B: RELATO DO PROFESSOR B (VIA E-MAIL)	89
ANEXO C: RELATO DO PROFESSOR C (VIA E-MAIL).....	91
ANEXO D: RELATO DO PROFESSOR D (VIA E-MAIL).....	93
ANEXO E: RELATO DO PROFESSOR E (VIA E-MAIL)	95
ANEXO F: RELATO DO PROFESSOR F (VIA E-MAIL).....	97
ANEXO G: RELATO DO PROFESSOR G (VIA E-MAIL)	99
ANEXO H: RELATO DO ALUNO ROGER	101
ANEXO I: RELATO DA ALUNA BRUNA.....	110
ANEXO J: RELATO DA ALUNA DAIANE.....	117
ANEXO L: RELATO DA ALUNA SIMONE.....	121
ANEXO M: RELATO DA ALUNA ROBERTA	125
ANEXO N: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DO ALUNO ROGER	128

ANEXO O: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA BRUNA	133
ANEXO P: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE	140
ANEXO Q: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA SIMONE	145
ANEXO R: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA ROBERTA.....	150
ANEXO S: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE	154
ANEXO T: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE.....	158
ANEXO U: CD-ROM COM ARQUIVOS DOS SITES RELACIONADOS À DISSERTAÇÃO.....	162

1 INTRODUÇÃO

Segundo Lévy (1993, p.7)¹, “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”. As constantes inovações nos dispositivos informacionais de todos os tipos modificam as relações entre o ser humano, o trabalho, a inteligência.

Lévy (1993) nos chama a atenção sobre o distanciamento entre a natureza dos problemas colocados à coletividade humana (e por inclusão a escola), causada pelo avanço acelerado da técnica e a falta do debate midiático necessário. Os métodos ainda refletem esse distanciamento, explicado pela razão histórica da filosofia política e a reflexão sobre o fato de conhecimento ter se cristalizado em épocas nas quais as tecnologias de transformação e de comunicação se apresentavam relativamente estáveis e evoluíam de uma forma previsível.

Com o advento da tecnologia digital², a prática pedagógica em sala de aula se tornou um novo desafio: o de ensinar e aprender linguagem no chamado ciberespaço³, produtor de uma cibercultura⁴. A cibercultura e o ciberespaço se organizam por meio da linguagem digital.

Uma nova tecnologia surgida no contexto da cibercultura é a internet⁵, que trouxe consigo novas formas de produzir a linguagem. A cultura da internet envolve a inclusão digital ou infoinclusão, que é a democratização do acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs), de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Para que essa inserção ocorra, é necessário mais do que um simples contato físico com o computador, como ressalta Lévy (1999): deve haver a possibilidade de se participar efetivamente dos processos de comunicação e informação dessa cultura e tecnologia. A

¹ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

² Entende-se por **digital** o conjunto de dados usados como uma contagem discreta. Atualmente, a palavra é usada em computadores e em aplicações eletrônicas, especialmente quando a informação do “mundo real” é convertida em um sistema binário.

³ Lévy define **ciberespaço** (também chamado de “rede”) como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Id. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. p.17).

⁴ **Cibercultura** especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Ibid., p.17).

⁵ Para Lévy (1999), o nome **internet** vem de *internetworking* (ligação entre redes), e é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores, etc.) e programas (protocolo TCP/IP) usados para o transporte da informação. A Web (WWW) é apenas um dos serviços disponíveis através da internet, e as duas palavras não significam a mesma coisa (Ibid., p.255).

alfabetização, a capacitação no uso do software⁶ e do hardware⁷, e a oportunidade de utilização constante do aprendizado são essenciais ao processo:

[...] não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso, antes de mais nada, estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.238).

O ciberespaço favorece o desenvolvimento da inteligência coletiva, um conceito que surgiu com as discussões de Lévy a respeito das tecnologias da inteligência. Caracterizado por um novo tipo de pensamento, é viabilizada por meio das conexões sociais, que se realizam pela utilização das redes abertas de computador pela internet. A inteligência coletiva é caracterizada pelo uso coletivo da interatividade, das comunidades virtuais, dos fóruns, dos weblogs e wikis na construção e disseminação dos saberes, com base no acesso à informação democratizada e sua constante atualização. Dessa forma, as produções intelectuais não teriam mais autoria exclusiva de uma pessoa, país ou classe social isolada, mas de todos que têm acesso à internet.

Na escola, com o acesso à internet cada vez mais facilitado, o que percebemos de forma crescente é o uso, pelos professores, dos laboratórios de informática para realizar trabalhos e produções textuais com seus alunos nesse ambiente.. Essa situação traz consigo alguns problemas, normalmente discutidos nas salas dos professores e em conselhos de classe: a cópia de textos da internet e a apropriação de sua autoria pelos alunos. Isso pode ser comprovado pelas respostas dadas por alguns colegas, por e-mails, questionados sobre sua visão em relação à autoria nas produções feitas pelos alunos no computador, com o uso da internet. Nesse sentido, os professores e professoras apontam o seguinte:

[...] ainda recebo muitas pesquisas de cópia pura da internet, leio e coloco observações escritas para as crianças e reservo um momento para chamá-los e conversar sobre como foi o desenvolvimento desta pesquisa, quem ajudou, o que entenderam, como poderia ficar melhor, o que estão levando pra vida, etc.,etc...e novamente oriento sobre ler e retirar o que realmente responde aos pedidos feitos, que escrevam o que entenderam do que encontraram, que sempre releiam o que escreveram...etc,etc... (Anexo A).

⁶ Lévy (1999, p.258) define **software** como sendo um programa de computador. Consiste em um conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento do computador e de seus periféricos.

⁷ **Hardware**, segundo Levy, é qualquer componente físico de um computador. A palavra *hardware* poderia ser livremente traduzida como *equipamento*. Na categoria de hardware enquadram-se monitores, teclados, placas-mãe, mouses, scanners, modems, discos rígidos, etc. (Ibid., p.258).

[...] Acredito que não sabem ao certo que a partir daquilo que eles escrevem passa a ser um pensamento ou algo produzido por eles mesmos, acho que não tem essa clareza e mais, eles tem preguiça de ler aí fica mais fácil *copiar e colar*, não importa se é eles ou não que produziram, mas torno a dizer não é claro que o que escrevem passa a ser de autoria deles (Anexo B).

[...] em suma acredito que antes de utilizar essa ferramenta, temos que estabelecer claramente o que desejamos, ainda mais que esse aluno nos dias atuais, me perdoe o termo, quer se livrar da atividade proposta, não se importando com a qualidade. Por isso copia e cola, fazendo de conta que a ideia é sua, e tudo fica assim mesmo. Mas infelizmente muitas vezes temos somente que aplicar os conteúdos previstos, com a escola se preocupando com uma miscelânea de assuntos que não seria papel da escola...então temos na verdade uma torre de babel... (Anexo C).

[...] Acredito que os alunos não associaram bem o bom uso da internet na construção do seu conhecimento. Eles utilizam a pesquisa na internet como forma de "economizar" tempo e não para se apropriar do conhecimento oferecido, como se eles tivessem escrito esse texto. Percebo que há grandes reproduções de pesquisas. Os alunos não informam de quem estão copiando as informações e às vezes eles nem tem conhecimento do quê está sendo informado. Colocam os dados no trabalho, entregando ao professor e são avaliados por isso. O mais chocante é que ganham notas excelentes por este tipo de trabalho... Cabe ao professor orientar o aluno a forma correta de pesquisar na internet e avaliá-lo de uma forma que demonstre que este tipo de trabalho foi válido e que houve aprendizagem (Anexo D).

[...] No ensino fundamental, a cópia acontece esporadicamente, mas no médio, chegam a combinar entre si quem fará o suposto trabalho. Este passará para a turma e eles modificam a ordem dos títulos e ou parágrafos. Tem alunos que, inclusive, copiam uma parte de cada colega, formando uma "colcha de retalhos". Como um texto requer treino, leitura, interesse, vontade... o adolescente, geralmente, não aprecia. Certa vez, um colega professor do técnico marcou um trabalho de pesquisa no início do ano letivo para ser entregue no final deste. A maioria deixou para a última hora, restando apenas "baixar", "copiar" e "colar". Porém, este professor, mais esperto que os seus alunos, no dia da entrega, promoveu perguntas específicas sobre o conteúdo da pesquisa, fazendo com que os estudantes respondessem e explicassem o seu trabalho. Por isso, estou evitando marcar pesquisas. Prefiro trabalhos curtos em aula, em que consigo visualizar o potencial de cada um e orientar para o crescimento individual (Anexo E).

[...] O acesso ao recurso da informática para pesquisas tem contribuído muito para que alguns alunos tomem essa prática do "recorte" e "colagem", fazendo com que seus trabalhos se pareçam como uma colcha de retalhos. Que procedimentos são encaminhados ao solicitar um trabalho de pesquisa? Bem, faço uma orientação prévia de que pesquisar não é copiar o que alguém outro escreveu. É necessário que o aluno aprenda o que é uma citação, que ele a identifique em seu material. Também faz-se pertinente levantar o assunto em sala de aula: o que é plágio? É uma prática correta? É condenável ou não? Por quê? São questões fundamentais para uma reflexão e para se deixar claro que, se ocorrer cópia por parte do aluno, ele deve arcar com as consequências. Os educandos nos têm como orientadores seus e é nossa responsabilidade alertá-los, conduzi-los a realizarem um trabalho que atinja os objetivos aos quais nos propusemos: aprendizagem, leitura, reflexão, análise, escrita. Quando identifico, então, que houve cópia, plágio, procuro chamar o aluno envolvido, mostrar o erro, dialogar sobre o porquê dessa atitude e proponho uma nova escrita. Se o aluno se negar a refazê-lo, sabe da reprovação do seu ato. Faz-se necessário que a todo tempo e em qualquer oportunidade estejamos formando cidadãos éticos, bons profissionais, conscientes de seu papel na sociedade (Anexo F).

[...] Ainda focando na graduação, é possível identificar em alguns trabalhos de conclusão de curso, uma exigência para obtenção do título, a produção feita através de "cópia" de textos pré-existentes fato que desqualifica o profissional e faz perder o sentido a exigência acadêmica. Passando para o nível da Pós-Graduação, embora possa ser identificada esta prática em alguns casos, o que preocupa é o fato de muitos alunos basearem seus estudos e seus projetos científicos, nesse tipo de material cujas informações nem sempre são corretas. A possibilidade de ser ter

acesso a informação quase que instantaneamente, em particular em termos de ciência, é de inquestionável valor. Basta fazer uma pequena retrospectiva sobre a produção científica no Brasil nas últimas décadas, mas também devemos ter um olhar crítico e fazermos uma reflexão sobre as conseqüências no que se refere ao desenvolvimento da linguagem e até mesmo cognitiva dos jovens expostos a estes instrumentos (Anexo G).

Considerando que a mudança nas formas de pensar e o próprio processo de modernização estão em última instância no ser humano, que tem poder de decisão para assumir suas próprias construções, uma vez que ele se torna consciente da sua relação de reciprocidade com o social, percebemos o surgimento de uma nova tecnologia que favorece a inserção do ser nessa cultura: o hipertexto.

Nesse meio, os alunos estão construindo hipertextos, fazendo composições de textos por meio de textos que já existem, com o uso dos links e do procedimento conhecido como *copia e cola*. Esse tipo de produção está sendo avaliada de forma generalizada pelos professores como ausência de autoria.

Há tempo esse tema me chama atenção para o estudo, principal motivo do mestrado, vendo na Linguística Aplicada uma possibilidade para compreender esse fenômeno de produção textual, que na escola está sendo entendido como desonesto. Na prática, percebo que o aluno se utiliza muito da internet em várias disciplinas. Porém, o que tem predominado é a produção de textos, sem citação de fonte. Esse procedimento é, sem dúvida, questionável. Também observamos a reprodução de ideias pelo processo *copia e cola*, sem fazer referência à autoria. Para ilustrar, trazemos um excerto de um texto em que dois alunos definiam o termo *mitologia chinesa*, copiando a definição disponível na Wikipédia, um site de construção colaborativa, e coincidentemente de forma igual no Yahoo, que visa um trabalho mais elaborado, sem fazer qualquer referência à fonte de consulta, como se o texto fosse originariamente de sua autoria.

A mitologia chinesa é o conjunto de histórias, lendas e ritos passados de geração para geração de forma oral ou escrita. Há diversos temas na mitologia chinesa, incluindo mitos envolvendo a criação e lendas e mitos a respeito da fundação da cultura chinesa e do Estado chinês. Como em muitas mitologias, acredita-se que ela seja uma forma de rememoração de fatos passados. Os historiadores supõem que a mitologia chinesa tem início por volta de 1100 a.C. Os mitos e lendas foram passados de forma oral durante aproximadamente mil anos antes de serem escritos nos primeiros livros como o Shui Jing Zhu e o Shan Hai

Jing. Outros mitos continuaram a ser passados através de tradições orais tais como o teatro e canções, antes de serem escritos em livros como no Fengshen Yanyi.⁸

Diante desse panorama de produção textual no contexto da internet é que propomos como tema a autoria nas produções textuais escolares em ambientes digitais, com o uso da internet, que se apresenta como uma possibilidade de estudos da Linguística Aplicada.

Para começarmos a pensar o tema da pesquisa, trazemos os conceitos de reprodutibilidade técnica e função autor, que serão desenvolvidos no referencial teórico. Ressalta-se, assim, a necessidade de produção de teoria no ambiente acadêmico sobre as novas formas de construção de sentido na utilização das TICs.

Nosso estudo tem como objetivos, primeiro, teorizar sobre o processo de instauração da autoria em produções textuais escolares em ambientes digitais, com o uso da internet, sob orientação do referencial teórico. Segundo, propor implicações na concepção de autoria nos textos digitais para as práticas escolares de produção textual em contextos digitais.

O quadro teórico será desenvolvido em dois momentos. No primeiro momento, trataremos da apresentação da teoria como corpo conceitual dado, apresentando os principais conceitos, delimitados para o interesse do estudo em Foucault (1996, 1999, 2006) e Walter Benjamin (1994). No segundo momento, faremos uma volta à teoria, buscando teorizar as práticas de autoria dos alunos, a partir de Roger Chartier (1998). Consideramos que o desenvolvimento desse quadro conceitual vai se dar numa perspectiva de menor para maior complexidade teórica. Neste último momento, a teoria continuará sendo desenvolvida, mas buscando um aprofundamento de sua compreensão a partir da busca de teorização das suas práticas de atualização.

Assim, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro situa o leitor no contexto social e histórico em que a pesquisa se estrutura, com a pretensão de trazer reflexões sobre a necessidade de produção de teoria no ambiente acadêmico a respeito das novas formas de construção de sentido na utilização das TICs.

No segundo capítulo, situamos o contexto da cibercultura como a cultura do letramento digital. Seguimos com a discussão dos conceitos da reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (1994) e a função autor nesse ambiente, com a contribuição de Michel Foucault (1996, 1999, 2006).

⁸ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080629142342AArhW8t>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

Disponível em:

<http://wikipédia.mobi/pt/Mitologia_chinesa>. Acesso em: 20 jan. 2009.

No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada para o procedimento de produção de dados dessa pesquisa. São estabelecidas algumas considerações epistemológicas sobre a abordagem para a teorização dos dados do *corpus*, que será interpretativa, sob a contribuição de Faraco (2007).

Na sequência, é feita uma retomada da história social da escrita e da história da escrita na vida dos alunos, sujeitos dessa pesquisa, numa hipótese genealógica da escrita, estudada através de Foucault (1996, 1999, 2006) e com Chartier (1998), de forma complementar. Na relação de ambas as histórias, busca-se compreender a ação dos alunos de *copiar e colar*.

Será discutido também o sentido de autoria para os alunos a partir dos aspectos genealógicos da escrita e o conceito de função autor assumido nesta pesquisa, quando escrevem no ambiente digital, com o uso da internet, orientados por Foucault (1996, 1999, 2006).

Encerra-se esse capítulo com a teorização sobre a prática de escrita dos alunos, quando se tentará verificar como se dá a prática do aluno quando escreve no computador com o uso da internet. Procura-se estabelecer um paralelo entre sua fala anterior e sua ação de escrita, quando realiza as tarefas com sequências de atividades propostas no link <http://conceituando-amor.pbworks.com/Significado+de+Amor+e+Intertexto/>.

No quarto capítulo, como finalização, serão realizadas as considerações e reflexões que emergiram desta pesquisa, com vistas a observar de que forma os alunos vão constituir a autoria nos textos dentro do ambiente digital, com o uso da internet.

Apresenta-se, a seguir, o primeiro momento do quadro teórico.

2 QUANDO OS REFERENCIAIS TEÓRICOS ORIENTAM PARA A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE AUTORIA

Os autores trazidos, neste primeiro momento, não constituem a base teórica para a teorização dos textos produzidos pelos alunos e alunas, o *corpus* para a pesquisa. São os autores que orientam para uma tomada de posição sobre o contexto da experiência social e cultural que abriga a prática de linguagem a ser estudada, ou seja, o letramento digital.

Partimos da concepção assumida pela teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD), segundo Fraga (2004)⁹ que vincula o ISD ao contexto epistemológico para a compreensão do letramento digital. Segundo o ISD, os textos não podem ser reduzidos e vistos como uma mera produção linguística. Devem ser entendidos como representantes empíricos das atividades gerais e de linguagem em que acontecem. Neste trabalho, esse entendimento é que vai fundamentar a orientação da sequencialização linguística dentro do ciberespaço. Para Bronckart (1999, p.13)¹⁰, “as condutas humanas são concebidas como ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização”. As ações verbais são compreendidas como mediadoras e constitutivas do social, em que interagem múltiplos e diversos interesses, valores, conceitos, teorias, objetivos e significações de si e dos outros. Como salienta Bronckart (1999, p.42) “a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem”. Tendo como cenário essa concepção mais ampla de relação da linguagem com as atividades socioculturais em que elas acontecem é que pensamos as novas práticas de letramento¹¹. Para tanto, buscaremos apoio em outros autores, que nos auxiliem a compreender esse contexto, que possibilita o surgimento do letramento digital. Em tempos de aceleração tecnológica, estamos nos referindo, agora, ao letramento digital. Isso significa compreender que, quando teorizamos sobre produção textual no ciberespaço, não podemos mais trabalhar com uma concepção de texto orientada pelo estudo de textos impressos. Para discutir esse tema em termos de pressupostos teóricos, é necessário deslocar a questão do

⁹ FRAGA, Dinorá. A internet como contexto de produção textual: possíveis implicações para o ISD. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v.2, n.2, p.55-60, jul./dez. 2004.

¹⁰ BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos* – por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

¹¹ Por letramento Magda Soares entende a condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita e participam competentemente de eventos de letramento. SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.* [online], 2002, v.23, n.81, p.143-60.

contexto de produção do letramento de uma cultura impressa para um letramento de cultura digital, o que não exclui suas inter-relações.

Isso implica começarmos situando o contexto em que essa nova autoria se dá: a cibercultura, como a cultura do letramento digital. Denise Braga (2005)¹² pontua que as novas tecnologias, isoladamente, não são responsáveis pelo impacto causado sobre as formas de compreensão e experienciamento do letramento nesse ambiente. A autora retoma Warschauer (1999)¹³, para quem a interação das mudanças tecnológicas com os fatores sociais, políticos e econômicos é que vai determinar formas novas de práticas letradas. Persistindo na ideia de Warschauer (1999), Braga ainda traz a comparação entre impacto da era Gutenberg no contexto da revolução industrial e a era comunicação online, vinculada a uma nova revolução, agora centrada no controle da informação, do conhecimento e das redes de comunicação. É o gerenciamento e a qualidade da informação, da tecnologia e da ciência que propicia formas de comunicação e estilos de vida diferenciados dentro dessa nova estrutura social.

A cibercultura se desenvolve no ciberespaço. Lévy (1999, p.92) define ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”. Nesse espaço de comunicação se inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, responsáveis por transmitir informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Para Lévy (1999, p.50),

Digitalizar uma informação consiste em transformá-la em números. Quase todas as informações podem ser codificadas dessa forma. [...] As imagens e os sons também podem ser digitalizados, não apenas ponto a ponto ou amostra por amostra, mas também de forma mais econômica, a partir de descrições das estruturas globais das mensagens iconográficas ou sonoras.

Assim, os usuários da cibercultura podem se apropriar das informações codificadas digitalmente, “por serem transmitidas e copiadas quase indefinidamente sem perda da informação, já que a mensagem original pode ser quase sempre reconstituída integralmente, apesar das degradações causadas pela transmissão (telefônica, hertziana) ou cópia” (LÉVY, 1999, p.51). Assim, esse dispositivo de comunicação ao mesmo tempo coletivo e interativo, nas palavras de Lévy (1999), é uma forma de usar as infraestruturas existentes e de explorar

¹² BRAGA, D. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. Antônio; XAVIER, Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

¹³ WARSCHAUER, M. *Eletronic Literacies*: Language, Culture, and Power in Online Education. Mahwah, N. J., London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1999.

seus recursos por meio de uma inventividade distribuída e incessante, que é indissociavelmente social e técnica.

É nesse meio, usando máquinas, navegando entre informações, materiais e programas disponíveis que surge o nosso novo autor, escritor do hipertexto, definido como

[...] um texto em formato digital, reconfigurável e fluído. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc...), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto (LÉVY, 1999, p.27).

Aqui, escrita e leitura trocam seus papéis, porque quem participa da estruturação do hipertexto, fazendo escolhas e criando significados, é um leitor. Aquele que atualiza percursos ou determinados aspectos da reserva documental interage com a redação, torna-se autor de um texto, finalizando temporariamente uma escrita interminável nessa nova prática de letramento digital.

Tomando a ideia de Kleiman (1998, p.181)¹⁴, que define letramento como “as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”, devemos considerar que essas práticas sociais de leitura e escrita postas em ação trazem efeitos para a sociedade, enquanto desempenham um papel de organização e reorganização dessas práticas. Lévy (1993, p.174) relaciona as tecnologias de escrita às tecnologias intelectuais responsáveis por gerar estilos de pensamentos diferentes, no sentido de que estas não determinam, mas condicionam processos cognitivos e discursivos.

O estudo das tecnologias intelectuais permite, então, colocar em evidência uma relação de encaixamento fractal e recíproco entre objetos e sujeitos. O sujeito cognitivo só funciona através de uma infinidade de objetos simulados, associados, imbricados, reinterpretados, suportes de memória e pontos de apoio de combinações diversas. Mas essas coisas do mundo, sem as quais o sujeito não pensaria, são em si produto de sujeitos, de coletividades intersubjetivas que as saturaram de humanidade.

Michel de Certeau (1994) é trazido como uma reflexão sobre a importância de se observar o contexto cultural em que está inserido o leitor e produtor de textos da cibercultura. Esse aspecto é de fundamental importância para situarmos as ações que nesse ambiente estão se constituindo como resultado da apropriação, pelo organismo humano (o aluno), das

¹⁴ KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p.173-203.

propriedades da atividade social mediada pela linguagem. É buscando conhecer o quadro dessas ações, na esteira de Bronckart (1999), pela perspectiva de que a linguagem é o resultado da relação com os contextos socioculturais, é que tomamos os conceitos de Certeau (1994), através da sua metáfora da cidade sem muros, onde o autor apresenta a figura do *voyeur*: aquele que está no alto e consegue observar a cidade de cima. Como metáfora dessa forma de construir sentido, trouxe a ideia de que, do alto do World Trade Center, o *voyeur*, com olho celeste, se distanciava da massa que carregava toda uma identidade de autores e espectadores e tinha uma visão panorâmica da cidade, reinventando-a a cada momento. Para Fraga (2004), essa atitude de quem está de fora observando pode ser comparada com a antiga concepção de escrita, de codificação e decodificação, de mero observador do texto, onde não constrói sentido como percurso.

Muda num contexto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava “possuído”. Ela permite lê-lo, ser um Olho solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber (CERTEAU, 1994, p.170)¹⁵.

Já na concepção da produção de sentido como letramento, valendo-nos da cidade grande de Certeau (1994), é necessário descer ao sombrio espaço onde circulam multidões que, embora visíveis do alto, não são vistas embaixo como ato de observação, porque dela se está fazendo parte. É nesse espaço, mais “embaixo”, que vivem os praticantes ordinários da cidade. Surge o pedestre, o caminhante, que vai andando pela cidade, escrevendo a sua trajetória com seu corpo, formando um “texto” urbano sem poder lê-lo, no sentido tradicional de leitura como decodificação. Esses praticantes jogam e circulam por espaços que não veem e dos quais não têm conhecimento. Os caminhos, “textos”, escritos pelo entrelaçamento desses caminhantes, são assinados por muitos outros. As práticas organizacionais da cidade habitada parecem tomadas por uma espécie de cegueira.

As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra (CERTEAU, 1994, p.171).

¹⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

É nesse espaço que Certeau detecta práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais ou teóricas, remetendo a uma forma específica de “operações”, como maneiras de fazer, “a uma outra espacialidade (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada” (Certeau, 1994, p.172). Certeau (1994, p.174) ainda define cidade-conceito como “lugar de transformação e transformações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade”. Essa é uma relação evidente entre essa metáfora e o conceito de cibercultura desenvolvido por Lévy, assumido neste trabalho, como um conceito-chave para o letramento digital.

Na necessidade de melhor entender o ciberespaço na cultura do letramento digital, como um espaço de produção de sentido¹⁶, tomamos de Walter Benjamim (1989) o personagem conceitual de Charles Baudelaire para exprimir a mudança da paisagem contemporânea, urbana ou não, como lugar de passagem, espaço transitório, para traçar uma relação entre o hipertexto e as tecnologias digitais. Walter Benjamin (1989, p.187)¹⁷, através de Charles Baudelaire, utiliza a figura do flâneur: que reinventa a paisagem urbana mediante articulações que invertem as relações espaço-temporais pela ação do flânerie, flanando livremente.

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distante, de um nome de rua. Então vem a fome. Mas ele não quer saber das mil e uma maneiras de aplacá-la. Como um animal ascético, vagueia pelos bairros desconhecidos até que, no mais profundo esgotamento, afunda em seu quarto, que o recebe estranho e frio.

Fraga (2004) e Lemos (2009) consideram que esse é movimento da navegação na Web, constituidora da produção do sentido hipertextual. Dessa forma, o pensamento de Benjamin, (1989), ilustra as riquezas de possibilidades do cotidiano. Convida-nos a remover as distorções por meio dos quais estamos acostumados a experimentar os espaços e eventos e substituí-las por novas, fazendo-nos pensar em estratégias de aproximação entre nossos problemas e nossas próprias interpretações dos eventos. Não será esse o desafio a que estamos

¹⁶Essa relação do percurso como produção de sentido já vem sendo discutida em vários trabalhos como em Fraga (2004) e Lemos (2009).

¹⁷ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v.3).

submetidos como professores, quando colocamos nossos alunos diante do computador para produzir textos utilizando a internet?

Deleuze e Guattari (1995)¹⁸, trazidos por Fraga (2004), teorizam sobre as mudanças da escrita nos espaços múltiplos, onde não tem qualquer importância se dizer Eu, pois nesse espaço já não somos mais nós mesmos, uma vez que fomos ajudados, aspirados, multiplicados, comparados à estrutura de uma árvore que tem raízes multiramificadas, capaz de estabelecer inúmeras conexões ao mesmo tempo em diferentes direções.

Um dos princípios do rizoma é o de conexão e heterogeneidade. Segundo ele, qualquer ponto de um rizoma pode e deve ser conectado a qualquer outro.

[...] Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.15)¹⁹.

Outro princípio do rizoma é o da multiplicidade. “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem com as outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17). A multiplicidade de conexões reside na pessoa do autor que a projeta nos textos, formando verdadeiras tramas. Essas tramas se realizam pelos links ou hiperlinks. Consideramos a flânerie e o rizoma como a cultura da produção do sentido da cibercultura incluída no letramento digital, e o hipertexto, como a textualidade daí resultante.

Para a área da Linguística, no estudo do hipertexto, o conceito de hiperlink apresenta especial interesse. Na concepção de Ingedore Koch (2003, p.64)²⁰, hiperlinks “são dispositivos técnico-informáticos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação online, bem como realizar remissões que possibilitam acessos virtuais do leitor a outros hipertextos de alguma forma correlacionados”.

¹⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. vol 1.

¹⁹ Idem.

²⁰ KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Cavalcante (2005, p.167)²¹ associa a arquitetura do hipertexto a um mapeamento de associações possíveis entre textos, funcionando como uma representação das redes de sentido estabelecidas durante a leitura, ligadas à ideia de autoria:

Os links seriam as representações dessas redes que o autor propositalmente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso enquanto autor, seu estilo, sua história, seu lugar de autoria, e delineando os caminhos que o leitor pode perseguir nesta(s) sua(s) leitura(s).

Enquanto escreve um texto virtual, o autor vai demarcando, delimitando pontos que considera importantes para a construção do sentido, sem para isso precisar um caminho a ser seguido pelo seu leitor. O leitor do hipertexto experiencia seu próprio caminho na construção do sentido, uma vez que não há um roteiro fixo a ser seguido ou uma progressão referencial, interna ao texto, relacionada ao contexto. Referimos, aqui, a relação da escrita com a cultura do flâneur.

O que temos de fato é o delineamento de um espaço, demarcado por alguns pontos de referência (links) que remetem a outros espaços (nós), como o mapa de uma localidade qualquer. Logo, não há “solda” hipertextual na perspectiva do autor, apenas a disponibilização de um certo recorte demarcador de possibilidade (CAVALCANTE, 2005, p.167).

Cavalcante (2005) ainda pontua que não é a virtualidade que modifica os lugares da autoria e da leitura; esse processamento apenas é explicitado num outro suporte. Mesmo oferecendo muitas possibilidades de leitura, do ponto de vista físico, restringe em sua própria materialidade, com os links, outras referências de texto que o leitor poderia articular em relação ao hipertexto.

Pierre Lévy (2007)²² pontua que o hipertexto digital pode ser definido como uma coleção de informações multimodais dispostas em rede para navegação intuitiva e rápida, podendo, assim, ser um espaço de leituras através de textos que são acessados e relacionados instantaneamente. O leitor não se desloca mais fisicamente pelo texto, mas navega guiado pelos hiperlinks de leitura diante de um hipertexto que se dobra e se desdobra à vontade na

²¹ CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, L. Antônio; XAVIER, Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

²² LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2007.

sua frente. E, para Levy (2007) é leitor todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido.

Para Pierre Lévy, o que possibilita a conexão entre vários tipos de texto é o hipertexto, que na visão de George P. Landow (1997, p.19)²³ “compartilha com uma grande variedade de tipos de texto, um recurso fundamental, que nós definimos como a não linearidade” [tradução minha]. O texto não linear, ou hipertexto, para Landow, tem sua importância reconhecida nos meios digitais por permitir a interação do leitor. Este pode participar da trama textual, adicionando comentários ou fazendo sugestões, em um processo de coautoria e multiplicidade de vozes através dos diferentes recursos midiáticos disponíveis no ciberespaço.

A importância da textualidade em rede – é dizer que a textualidade escrita, armazenada e lida em uma rede informática – se manifesta quando a tecnologia transforma os leitores em leitores-escritores ou “lectautores”, já que qualquer contribuição para a mudança introduzida por um leitor logo está ao alcance dos demais leitores (LANDOW, 1997, p.31) [tradução minha].

Segundo Landow, o termo *hipertexto* abarca uma diversidade de obras e objetos textuais da tecnologia e da imprensa, e inclui sistemas muito diferentes. Ao se considerar as implicações e os desafios do hipertexto para a teoria, deve-se levar em conta que este pode se apresentar como sistema independente de redes ou como sistema de leitura de divulgação, que permitem ao leitor estabelecer ligações a breves anotações que lhe possibilitam o mesmo acesso que ao escritor.

As perspectivas lineares e não lineares são arbitrárias dentro do texto. Enquanto aquelas apresentam um objeto com autonomia sobre o leitor, nestas o sujeito mobiliza os textos, olhando de forma particularizada sobre a materialidade linguística, fragilizando a supremacia do objeto.

Colocadas as bases epistemológicas onde entendemos que as práticas a serem estudadas se inserem, partimos para os dois conceitos principais para a orientação teórica deste estudo: a reprodutibilidade técnica e função autor.

²³ LANDOW, George P. *Teoria del hipertexto*. Barcelona: Paidós, 1997.

2.1 A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Quando um texto é copiado para outro texto o sentido dele muda. É outro texto. Ele pode ter as mesmas ideias ainda, mas o sentido muda. O texto não é o mesmo. O que tu tá querendo te referir não é a mesma coisa que o outro texto, o primeiro texto (BRUNA).

Outro conceito que será proposto neste trabalho a respeito da produção textual dos alunos quando utilizam a internet, é o de reprodutibilidade técnica, de Walter Benjamin (1994)²⁴. Segundo o autor, a obra de arte em sua essência sempre foi reproduzível, e os homens sempre puderam imitar o que outros homens faziam. A reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que vem sendo desenvolvido de forma crescente através da história.

A imitação ou reprodução inicialmente era praticada por discípulos dos artistas e, posteriormente, por terceiros, com fins lucrativos. Essa corrente de reprodução se estendeu até o momento da entrada da fotografia, quando houve uma mudança da sensibilidade das pessoas. A arte deixou de ser produzida de forma manual e passou a ser *olhada*. Como o olho possui maior movimento e supera a velocidade das mãos, a imagem passa a se equivaler ao valor da palavra de outrora. Para Benjamin (1994), o cinema surgiu a partir dessa percepção mais rápida do olhar e assim, no seu entender, a arte cinematográfica e a reprodução da obra de arte se influenciam mutuamente. Esse aspecto, do ponto de vista do letramento digital, torna-se particularmente importante no caso da produção textual do aluno. Trata-se da relação entre a mão e o olho no processo de escrita. No nosso entendimento, esse aspecto está diretamente relacionado à forma como o aluno concebe a escrita nos meios digitais. Escrever é também olhar, buscar aquilo que já está produzido e que pode ser trazido, ou seja, atualizado para seu campo visual²⁵. O processo da reprodutibilidade técnica do som no final do século XIX também proporcionou significativa melhoria na qualidade do padrão da reprodução técnica de uma forma geral.

O autor ainda ressalta que, mesmo que o processo de reprodução de uma obra seja o mais perfeito, percebe-se nela a ausência de um elemento: “o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela,

²⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.3).

²⁵ Emília Ferreiro, psicóloga e pedagoga, em seu livro *Psicogênese da escrita e da leitura*, desenvolve um capítulo sobre as relações entre ver e ler.

que se desdobra a história da obra” (BENJAMIN, 1994, p.167). Por história da obra compreendem-se, aqui, as transformações que ela sofreu na sua estrutura física, em relação ao tempo e às relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das transformações somente podem ser verificados por meio de análises químicas ou físicas, *irrealizáveis na reprodução*. Sendo assim, a questão sobre o aluno copiar ou não já não é mais esta, porque se assume que o texto na internet já pode nascer como reprodução, conforme se pode verificar no *corpus* dessa pesquisa.

Quanto aos vestígios da relação de propriedade, constituem-se objeto de uma tradição, e sua reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original. “O conteúdo da autenticidade é constituído pelo aqui e agora do original, no qual se enraíza uma tradição que identifica o objeto como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo” (BENJAMIN, 1994, p.167). A reprodução passa, assim, a ter uma função – original na medida em que o aluno deve, por questões éticas, marcar o aqui e o agora da reprodução, que nesse sentido passa a assumir, nessa marca de tempo e espaço, o novo contexto de produção textual para o qual foi atualizado, um novo entendimento de originalidade nessa cultura do letramento digital.

Também nas palavras de Benjamin, “a esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica” (BENJAMIN, 1994, p.167). Enquanto o autêntico preserva toda sua autoridade no tocante à reprodução manual, geralmente tratada como falsificação, o mesmo não é observado na reprodução técnica, por duas questões. Primeiro, por ter mais autonomia em relação à original que a reprodução manual. Através da objetiva da máquina fotográfica, é possível acentuar certos aspectos da imagem original; ou, através do recurso da ampliação ou da câmara lenta, pode-se fixar as imagens inacessíveis à ótica natural. Segundo, pelo fato de a reprodução técnica poder colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original, podendo, sob forma de fotografia ou disco, aproximar o indivíduo da obra, transferindo-a para outros espaços de apreciação.

Na reprodução técnica, o aluno, por hipótese deste trabalho, na linha de Walter Benjamin, não está falsificando sua produção textual, porque de fato ele tem mais autonomia sobre o movimento hipertextual disponível pelos links, aspecto não oferecido pela reprodução manual. A reprodução oferece possibilidade de o aluno utilizar o texto para um contexto improvável, isto é, afastado do contexto original. Na produção textual, o aluno insere em um novo contexto o que lhe interessa para a produção de um novo sentido. A reprodução técnica de um determinado texto para dentro de outro contexto de produção textual próprio, não

significa reproduzir sua autenticidade primeira; significa inseri-lo, ressignificá-lo, criando assim uma nova originalidade.

Para Benjamin, apesar das facilidades que a reprodução técnica oferece para manter intacto o conteúdo da obra, ela desvaloriza o seu aqui e agora, no que nela há de mais sensível, que é sua autenticidade, tomada pelo autor como sendo “a quintessência de tudo que foi transferido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 1994, p.168). O lugar da obra de arte pode ser alterado sem que se altere sua essência, mas há prejuízos para a obra de arte: acaba o testemunho histórico e o peso da sua tradição.

A aura é “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única, de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja (BENJAMIN, 1994, p.170). Ela é atrofiada com a era da reprodutibilidade técnica da obra por meio de um processo sintomático, que vai além da esfera da arte. O objeto reproduzido é destacado do domínio da tradição; com a multiplicação da reprodução, a existência serial toma o lugar da existência única. O objeto reproduzido é atualizado sempre que vem ao encontro do espectador. Assim, a tradição é abalada de forma violenta, constituindo-se, segundo Benjamin (1994), no reverso da crise atual e na renovação da humanidade. Transpondo tal afirmativa para o contexto desta pesquisa e inserindo-a nos fatos da linguagem, vemos que, no letramento digital, os sentidos novos são atualizados pelo aluno na sua produção textual na internet, em que a linguagem é sempre uma ação que constitui o resultado da apropriação pelo homem da atividade social mediada pela linguagem historicamente constituída. Trata-se aí da relação entre língua e discurso, da qual não se pode prescindir.

Desse modo, quando observamos que um aluno atualiza uma imagem qualquer, uma poesia, por algum motivo, ele estará destacando um objeto de uma determinada tradição. De alguma forma ele está deslocando esse objeto, mas em uma ação de atualizar. É essa atualização que permite propor uma nova originalidade, instaurando a função autor mediante o diálogo entre auras. Esta pode ser atualizada para um novo contexto em que pode ser ressignificada.

REPRODUÇÃO + ATUALIZAÇÃO

=

UMA NOVA ORIGINALIDADE NO CONTEXTO DO LETRAMENTO DIGITAL

O momento histórico não se repete e não é passível de reprodução, mas possibilita o diálogo entre os contextos dos diferentes momentos históricos. Assim, observe-se a imagem reproduzida tecnicamente pela aluna Bruna para compor a *frontpage* do site *Ensaio sobre a morte* (<http://ensaiosobreamorte.pbwiki.com>), parte integrante do *corpus* desta pesquisa.



Figura 2-1: Página do Site da Bruna.
Fonte: <<http://ensaiosobreamorte.pbwiki.com>>.

Este texto icônico, criado para uma determinada função e inserido em um momento único, dentro de uma determinada tradição, com autoria indicada, foi reproduzido e atualizado dentro de uma nova situação de enunciação: um site, fazendo referência ao tema eutanásia, dotando-o, assim, de uma segunda aura, dentro do contexto do letramento digital.

Para Benjamin, o fim da aura está ligado aos movimentos de massa da humanidade, destacando dois pontos da sua teoria de arte: reprodução técnica e percepção coletiva da obra de arte. Dentro da escola, esse processo de produção textual nos ambientes digitais está sendo visto como uma forma indevida de se apropriar de textos de outros autores, em um processo de *copia e cola*. Esses fatores são determinados pelo desejo das massas de se aproximar dos objetos e de superar o caráter da unicidade da obra de arte e reproduzi-la. Parece que nas escolas não há o desejo de se aproximar desses objetos e nem de superar o caráter de unicidade da tradição de produção manual desses textos. Retirar a obra de arte do seu lugar comum acaba com sua aura e é propiciado pela mudança de percepção do objeto. Fazendo um

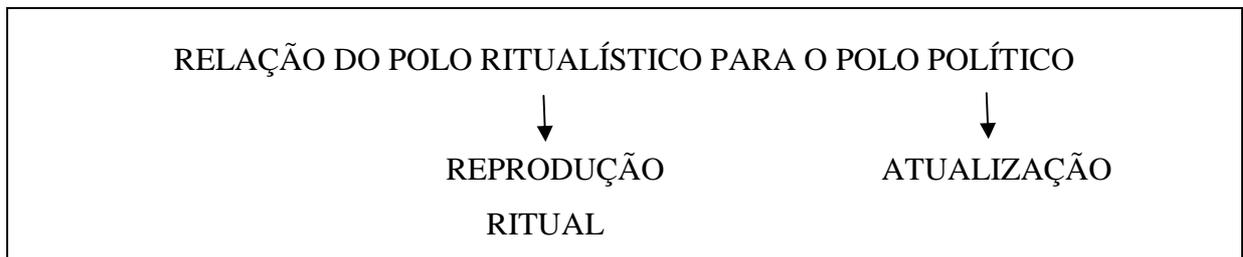
paralelo com a escrita, podemos dizer que o mesmo acontece na sala de aula quando o professor diz que o texto do aluno copiado da internet não tem mais valor. Pensamos que, se os textos são atualizados para uma nova originalidade, podemos autorizar uma nova aura, uma nova originalidade, mediada pela linguagem.

Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar o semelhante no mundo é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único (BENJAMIN, 1994, p.170).

Nesse sentido, pode-se dizer que aquilo que é chamado de plágio pela repetição, sem marcas de identificação de uma autoria primeira, seria o mecanismo tecnológico de como chegar ao momento único do texto, ao autor como marca do fenômeno único, através da cadeia da reprodutibilidade. No seu modo tradicional, ou na fase aurática, a obra de arte enfatiza seu sentido único, apesar das mudanças históricas. Essa unicidade está relacionada ao contexto de seu aparecimento, que se dá em primeira instância na magia e em um segundo momento na religião. Sendo assim, a obra de arte sustenta-se em uma base teológica bastante definida. Benjamin (1994) observa que a fotografia é contemporânea do socialismo e, como a arte tradicional não quer *se contaminar* pela reprodutibilidade técnica, surge a arte *pura*, desvinculada da sua função social e determinação objetiva: a arte pela arte: “[...] com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual” (BENJAMIN, 1994, p.171). Nesse sentido, podemos estabelecer uma relação com a atitude dos professores quanto aos textos produzidos pelos alunos na internet, que, sem considerar as relações sociais, demonstram não ter se desvinculado dessa visão purista do ensino pelo ensino.

Assim, a arte aurática e a arte técnica, ou seja, o ensino aurático e o ensino pelo ensino, se diferenciam pela reprodutibilidade, pois esta é criada para ser reproduzida, vindo uma mudança de práxis: uma mudança do valor ritual da arte para o valor político. Cabe a mesma relação para o ensino de língua na internet. Há necessidade de uma mudança de práxis: uma mudança do valor tradicional do ensino de produção de texto para um valor político, traduzido aqui para uma atitude investigativa sobre as novas formas como o aluno está produzindo texto na internet. Para Benjamin, é no cinema que esse aspecto melhor se manifesta, pois nele a reprodutibilidade técnica está intrínseca ao valor da arte, distinta da arte aurática, pois depende da reprodução para sobreviver devido ao seu custo, um aspecto

importante para a política de um letramento digital. Assim, poderíamos representar essa relação da seguinte forma:



Juntamente com a mudança do polo ritual para o polo político, essencial para o final da aura da obra de arte, merecem destaque dois outros pontos importantes da teoria benjaminiana: o valor do culto e o valor da exposição. Enquanto a arte tradicional aurática está ligada ao valor do culto, para ser vista pelos homens e pelos deuses, a arte emancipada adquire valor de exposição, sendo artístico aquilo que é exposto. Também em relação à recepção as artes se diferenciam: é necessário recolhimento para recepção da arte tradicional; a emancipada é recebida coletivamente, na dispersão, afirmando assim seu valor de exposição às massas. O fato de estar exposto – e aqui, numa relação possível, significa estar exposto na internet – permite à obra se atualizar e gerar uma nova originalidade, isto é, permite ao texto do autor, através do uso que o aluno faz, se atualizar e gerar uma nova originalidade, uma nova aura, como foi dito.

No entender de Benjamin, assim como a arte aurática respondeu aos desafios do seu tempo, a arte técnica deve atender aos desafios do homem contemporâneo, apropriando-se da sua técnica e entendendo suas novas percepções. Vale pontuar que, com o fim da aura da obra de arte, passamos a ter uma arte com sentido político, de exposição, e uma arte que deve se reproduzir pela atualização. Como observa Rouanet (1981, p.57)²⁶,

É por isso que o desaparecimento da aura não é em si um fato estético, mas um fato político. Graças a ele, a função social da arte se modifica completamente. Em vez de se fundar no ritual, ela se funda numa outra práxis: a política.

O segundo conceito orientador deste estudo é o de autor.

²⁶ ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981, p.57.

2.2 A FUNÇÃO AUTOR

Eu não sei se tu é autor toda vez que produz um texto ou sempre que tu é original (BRUNA).

O computador, por meio dos processadores de texto e editores de hipertexto, alterou a noção de autoridade. É inerente à própria experiência hipertextual a ação do leitor²⁷ ou de vários leitores que, ao lerem, traçam o seu caminho, eles mesmos.

Retomando a questão da originalidade na construção do hipertexto, faz-se necessário pensar a função autor nesse ambiente, com a contribuição de Michel Foucault (2006, p.267)²⁸, que examina “ a relação do texto com o autor, a maneira com que o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos aparentemente”. O autor afirma que, na escrita, o que está em discussão não é a manifestação ou o gesto de escrever, da amarração de um sujeito em uma linguagem, e sim da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer.

Foucault apregoa a morte de um autor individual, que despista os signos de sua individualidade particular: “a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência: é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (FOUCAULT, 2006, p.269). Ele deve ser substituído por um autor instituído pelo discurso, na coletividade, cujo nome vai servir para caracterizar um certo modo de ser desse discurso, na função de autor. O autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias do discurso. Assim, o fato de podermos atribuir determinadas falas a determinadas pessoas ou autores é um indicativo de que essa palavra não é uma palavra *cotidiana, que flutua e passa*, imediatamente consumível. Ela deve, dentro de uma dada cultura, ser recebida de uma determinada forma, merecedora de um certo status. No caso desta pesquisa, a exigência de que o aluno nomeie a autoria dos textos por ele utilizados na internet reflete que a cultura atribui a função de autor a determinadas pessoas. Não se trata apenas de uma questão de ética, mas de uma prática discursiva.

Para Foucault (2006, p.273), no teor de indiferença da frase “Que importa quem fala; alguém disse: que importa quem fala”, tomada por ele de Beckett, está a afirmação do

²⁷ No ambiente virtual, os papéis da leitura e da escrita se (con)fundem, se interpenetram. quem lê, escreve e quem escreve, está lendo. Assim, não é mais possível diferenciar leitor de escritor, porque quem lê, necessariamente constrói sentidos.

²⁸ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. (Org). *A Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

princípio ético mais fundamental da escrita contemporânea. O relevante, porém, não é repetir como afirmação vazia que o autor desapareceu. É necessário descobrir em que locais esse lugar que ficou vazio, a função autor é exercida e que funções essa desapareção fez aparecer. No nosso caso, trataremos de verificar como esse processo se dá na escrita digital, delimitada no objeto de estudo desta pesquisa, em que a pergunta é que tipo de autoria o hipertexto instaura e expressa.

A questão em relação ao nome do autor apresenta uma especial peculiaridade: “a impossibilidade de tratá-lo como uma descrição definida: mas a impossibilidade igualmente de tratá-lo como um nome próprio comum” (FOUCAULT, 2006, p.264). Assim, o nome autor passa a ficar atrelado não à pessoa do indivíduo que proferiu determinado discurso, mas ao tipo de discurso proferido, com estatuto específico, ligado ao modo de ser de determinada cultura. Dessa forma, a noção de autor aqui trazida, antes de um nome próprio, é uma função. “A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2006, p.274). Nessa função não se pode pura e simplesmente reconstruir ideias a partir de um texto dado como inerte, já que o texto sempre contém em si mesmo signos que remetem ao autor:

[...] ali deve haver um certo nível do seu pensamento ou do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis se encadeando finalmente uns nos outros ou se organizando em torno de uma contradição fundamental ou originária (FOUCAULT, 2006, p.278).

Reportando-nos à sala de aula, é possível pensar que, ao baixar um texto da internet e entregá-lo ao seu professor como sendo o cumprimento de uma tarefa, o aluno estaria em uma prática de transposição do meio digital para o meio impresso, sem marcas de sua autoria. Outra possibilidade desenvolvida nesta pesquisa é a de entender que ele está em uma nova prática de autoria em que a internet passa a ser vista para ele como um repositório de textos, de que ele se vale para encontrar a sua tomada de posição social. Continuará havendo autoria no sentido da função autor, como Foucault propõe. A reprodutibilidade técnica seria o espaço tecnológico que permite a expressão dessa autoria. O aluno, ao omitir as citações, está demonstrando desconhecer que identificar a autoria de um texto é uma prática de escrita que deve ser observada. Nesse sentido, ele não poderia ser julgado antiético. Conscientizá-lo dessa necessidade pode fazer parte dos novos propósitos de ensino do professor que trabalha nos ambientes digitais. É um trabalho novo. Pensamos que, quando o aluno elabora um

determinado trabalho, usando os recursos do hipertexto, os links, por exemplo, deixando nele marcas de sua caminhada, selecionando pontos que vêm ao encontro de seus objetivos para a construção de um determinado sentido, ele está demarcando aí a sua autoria e instituindo uma nova aura através da atualização de sentidos. Utilizamos como complementação a ideia de Foucault (2006, p.279-80):

A função autor [...] não é definida pela atribuição de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de atribuições específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.

Nessa instância, segundo Foucault (2006), é possível afirmar que a obra escrita não basta a si mesma, não estando obrigada à forma da interioridade, identificando-se com sua própria exterioridade desdobrada.

Foucault (2006) estabelece um parentesco da escrita com a morte, em uma analogia com a arte milenar de narrar histórias até o amanhecer para se evitar a morte, que deveria fechar a boca do narrador. Atualmente o que se percebe é que a escrita está ligada ao próprio sacrifício da vida representado pelo autor: “A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor” (FOUCAULT, 2006, p.269). Essa relação da escrita com a morte manifesta-se também no sujeito que escreve, pelo desaparecimento das suas características individuais, que se percebe por meio das chicanas que ele estabelece entre si e sua produção textual. Os signos de sua individualidade particular são despistados. O escritor é marcado por sua ausência, mas é necessário que ele cumpra seu papel no jogo da escrita.

Foucault (2006) levanta a incerteza sobre ter-se conseguido absorver as consequências inerentes a essa constatação e avaliado com exatidão a medida do acontecimento. Para ele, algumas noções, hoje destinadas a substituir o privilégio do autor, bloqueiam-no e escamoteiam o que nele deveria ser destacado. Entre elas, o autor cita a noção de obra e escrita.

Na relação de apropriação do autor com a obra, Foucault questiona qual é a natureza do *speech act* – atos de fala ou de linguagem que permitem dizer que há obra, entre outras questões, como: Que unidade curiosa é essa? De quais elementos ela se compõe? A obra não é aquilo que é escrito por um autor? Várias são as dificuldades que surgem nesse momento. Se o indivíduo que escreve não fosse um autor, poderia sua produção ser denominada obra? Qual

é exatamente o limite que devemos observar em relação à obra de um autor, levando em conta o início e o fim da sua produção? Para ele, “a teoria da obra não existe, e àqueles que, ingenuamente, tentam editar obras falta uma tal teoria e seu trabalho empírico se vê muito rapidamente paralisado” (FOUCAULT, 2006, p.264). Em relação ao autor, Foucault (2006) afirma que este não é exatamente nem o proprietário e nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles.

Através da noção de escrita ainda se preserva sutilmente a existência do autor. Segundo o estudioso em questão, ela bloqueia a certeza da desapareição do autor e retém como que o pensamento no limite dessa anulação. Ela deveria permitir dispensar a referência ao autor e dar estatuto a sua nova ausência. O estatuto atual que a noção escrita recebe não se refere nem ao gesto de escrever (sintoma ou signo), nem à intenção do enunciado de alguém. Ele se ocupa em pensar a condição geral de qualquer texto, do espaço em que ele se dispersa e do tempo em que ele se desenvolve. Foucault (2006, p.271) ainda pensa que essa noção de escrita compromete os privilégios do autor sob a salvaguarda do *a priori*: “ele faz subsistir, na luz obscura da neutralização, o jogo das representações que formaram uma certa imagem do autor”.

Foucault (2006) ainda nos traz a discussão em torno do nome do autor. Nos alerta de que não é possível fazer deste nome próprio, assim como do nome do autor, uma referência pura e simples, ao mesmo tempo em que o nome do autor não é exatamente um nome próprio como os outros. O nome de um autor não é um elemento simples que em um discurso pode ser substituído por um pronome, por exemplo. Ele exerce um certo papel nesse discurso: numa função classificatória, ele permite que em torno dele se agrupem textos, se excluam alguns ou se oponham textos uns aos outros. Por outro lado, estabelece entre eles uma relação de homogeneidade ou de filiação, ou de autenticação uns pelos outros, ou de explicação recíproca, ou de utilização concomitante. Assim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser de um discurso, e a função autor é característica do modo da existência, de circulação e funcionamento desses discursos no interior de uma sociedade.

Foucault (2006) resume os quatro traços característicos da função autor, que ao ver do autor, são os mais visíveis e importantes:

[...] Mas me deterei hoje nos quatro que acabo de evocar, porque eles parecem ao mesmo tempo os mais visíveis e importantes. Eu os resumirei assim: a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu

produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (FOUCAULT, 2006, p.279-80).

Foucault ainda pontua que, na ordem do discurso, é possível ser autor de um livro, uma teoria e uma tradição dentro dos quais outros autores podem se colocar – autores que se encontram em uma posição transdiscursiva. Remete-nos à Europa do século XIX, em que o autor também tinha a função de ser um instaurador de ideias, fundador de discursividade, ligado à ideia de autoria como uma assinatura, uma marca determinada. O ato de fundação de uma cientificidade pode ser sempre reintroduzido no interior da maquinaria das transformações que dele derivam, enquanto a instauração discursiva não faz parte dessas transformações ulteriores, ela permanece retirada e em desequilíbrio: “[...] a obra desses instauradores não se situa em relação à ciência e no espaço que ela circunscreve; mas é a ciência ou a discursividade que se relaciona à sua obra como as coordenadoras primeiras” (FOUCAULT, 2006, p.283). Esses autores, distintos dos grandes autores literários, canônicos, ou fundadores das ciências, têm de particular o fato de não serem somente os autores de seus próprios livros e obras. Com suas produções, criaram a possibilidade e a regra de formação de outros textos, por meio da interdiscursividade, como um retorno à origem, à sua originalidade primeira, tomada pelo autor como reatualização.

Por reatualização entendi uma coisa totalmente diferente: a reinserção de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele. [...] De fato, é certamente enquanto ele é texto do autor e deste autor do texto que o texto tem valor instaurador, e é por isso, porque ele é texto deste autor, que é preciso voltar para ele (FOUCAULT, 2006, p.284-5).

Foucault salienta que, para que haja um “retorno a”, é necessário que antes tenha havido um esquecimento não acidental, não encobrimento de alguma incompreensão, mas essencial e constitutivo. Dessa maneira, é possível instituir um movimento com especificidade própria e que caracteriza a instauração da discursividade. Dessa forma, retorna-se àquilo que está presente no texto, retorna-se ao próprio texto, ao texto em sua nudez, enquanto também se retorna ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. Foucault (2006, p.279) questiona:

Onde está o que especifica um autor? Pois bem, o que especifica um autor é justamente a capacidade de remanejar, de reorientar esse campo epistemológico ou

esse plano discursivo, que são fórmulas suas. De fato, só existe autor quando se sai do anonimato, porque se reorientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo, que modifica, que transforma radicalmente o precedente.

3 COMPREENSÃO DO PROCESSO DE INSTAURAÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCOLARES NA INTERNET: ASPECTOS METODOLÓGICOS E DE TEORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS

3.1 SOBRE A METODOLOGIA

Neste momento, indicamos o segundo momento do quadro teórico, fazendo uma volta à teoria para significar as práticas de autoria. Para tanto entendemos como necessário explicitar aspectos relacionados à metodologia.

A metodologia empírica e de cunho qualitativo utilizada para o procedimento de produção de dados seguiu o princípio da convergência de metodologias presenciais com procedimentos à distância. O projeto de pesquisa seguiu uma metodologia semipresencial, em ambientes informatizados, realizada com alunos do Ensino Médio da Escola Luterana Artur Konrath, de Estância Velha, e do Ensino Fundamental da EMEF Cecília Meireles, de Novo Hamburgo.

O grupo de pesquisa constituiu-se de um grupo de cinco alunos: quatro da Escola Luterana Artur Konrath e um da EMEF Cecília Meireles, com ingresso espontâneo, na modalidade extraclasse, com encontros semanais no laboratório de informática das escolas. A responsabilidade dos trabalhos foi da pesquisadora, com assistência técnica dos professores coordenadores dos laboratórios de informática das escolas.

Ainda, o presente projeto de pesquisa foi realizado com o conhecimento e consentimento prévio das equipes diretivas das escolas e dos professores coordenadores dos laboratórios de informática. Em se tratando de um grupo misto de alunos maiores e menores de 18 anos no período da sua realização, foi solicitado o consentimento por escrito desses e de seus responsáveis. Sua identidade será preservada na análise e divulgação dos dados, e seus nomes fictícios serão Roger, Bruna, Daiane, Simone e Roberta.

A preocupação inicial da pesquisadora foi o de ambientar os participantes ao ciberespaço. Com a ajuda dos professores coordenadores de informática, os alunos foram instrumentalizados para que pudessem atuar com autonomia em relação às suas escolhas de conexões e diferentes recursos midiáticos, para a produção de hipertextos no ciberespaço.

Para coleta de dados empíricos para a construção do *corpus* da pesquisa, foram desenvolvidas propostas de atividades em ambiente hipermediático e interativo, com a finalidade de produzir hipertextos. Na sequência, os alunos produziram sites

hipermidiáticos²⁹, como um espaço para vivenciar os conceitos e as práticas dos hipertextos produzidos na atividade anterior.

Esse ambiente para a produção do *corpus* foi oportunizado aos alunos pela pesquisadora com alguns cuidados relacionados diretamente aos objetivos desta pesquisa:

- a) oportunizar aos alunos a situação em ambiente hipermidiático para experienciar a ação da autoria nesse ambiente;
- b) oportunizar a autoria coletiva por meio da produção hipertextual – ver CD em anexo (Anexo U) ou página disponível na internet: www.conceituando-amor.pbwiki.com³⁰, com os seguintes sites relacionados:
 - www.conceituando-amor.pbwiki.com;
 - <http://cultura-povos.pbwiki.com>;
 - <http://ensaiosobreamorte.pbwiki.com>;
 - <http://estilosmusicais.pbwiki.com>;
 - <http://etssss.pbwiki.com>;
 - <http://jovenscraques.pbwiki.com>;

Com a finalidade de resgatar a história da escrita dos alunos, foi realizada uma entrevista semiestruturada, informal e gravada. Os relatos colhidos foram transcritos com ênfase na oralidade, sem preocupação com as normas de transcrição linguística, e estão disponibilizados nos anexos. Para melhor fluidez do texto, em alguns casos foi corrigida a concordância dos relatos colhidos na entrevista semiestruturada com os alunos. Os principais pontos levantados durante o encontro foram os seguintes:

- a) primeiros contatos com a leitura;
- b) diferentes ambientes de alfabetização;
- c) hábitos de leitura dos familiares;
- d) influência dos diferentes suportes de leitura;
- e) posição pessoal e familiar em relação ao *copiar e colar* no computador;
- f) a história de aproximação com o computador;
- g) mudanças causadas na escrita e na leitura pelo uso da internet no computador;
- h) indicação da autoria na produção textual no computador com o uso da internet;

²⁹ Hipermídia, para Lévy (1999, p.254), se refere ao desenvolvimento do hipertexto. A hipermídia integra texto com imagens, vídeo e som, geralmente vinculados entre si de forma interativa. Uma enciclopédia em CD-Rom seria um exemplar clássico de hipermídia.

³⁰ A ideia desse site nasceu como realização de uma tarefa proposta na disciplina de Linguagem e Tecnologia do Mestrado em Linguística Aplicada, desta universidade, em parceria com a mestranda Marlise Cornelli e adaptada por mim para esta pesquisa.

- i) ser autor nesse ambiente;
- j) produção dos sites;
- k) outras contribuições.

Como ferramenta de cunho quantitativo, auxiliar na análise dos sites, usaremos o Farejador de Plágio, um software de apoio para a detecção de plágios. O software se utiliza de métodos de “força bruta”, em que o texto é “varrido” e é realizada a busca de trechos em sites de busca (Google, Yahoo, Altavista, Live, Alltheweb). Ao ser finalizada a “varredura” do texto, os resultados são compilados de forma a apresentar os sites que teriam sido mais utilizados, gerando um arquivo em que os trechos encontrados, e os endereços onde foram localizados, são apresentados.

A abordagem para teorização dos dados do *corpus* desta pesquisa é interpretativa. Segundo Faraco³¹, no artigo “O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin”³², pelo fato de Bakhtin ser um filósofo, o dialogismo³³ não é uma teoria científica. Para Bakhtin, o que interessa são as relações dialógicas que ocorrem no diálogo em eventos de linguagem, entendidas como relações semânticas, segundo seu ponto de vista. Os enunciados, para ele, estão carregados de significação, de sentidos saturados pelos índices sociais de valores, cuja relação dialógica não é de natureza linguística em sentido restrito. Existe neles uma defrontação de axiologias.

Para Faraco (2007), a grande metáfora conceitual que designa a filosofia de Bakhtin é o termo *diálogo*, cujo simpósio universal define o existir humano, e não a interação face a face ou a forma composicional de um texto. Assim, sendo ele um filósofo, é necessário construir um modelo analítico a partir de suas coordenadas filosóficas, pela transposição da filosofia bakhtiniana, para um modelo científico. O filósofo está vinculado às filosofias de existência, que entendem que o pensamento não pode ser indiferente à existência ou dela estar separado. Inserido no *slogan* existencialista de que a existência precede a essência, ele critica

³¹ Assumimos Faraco como estudioso de Bakhtin, no seu texto “O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin”, para orientar uma tomada de posição sobre a perspectiva de relação com os dados, para uma teorização interpretativa e não analítica.

³² FARACO, C. A. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana. M. M.; MACHADO, Anna. R.; COUTINHO, Antónia (Org). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2007, p.43-50.

³³ Nas palavras de Beth Brait (1997, p.33), “Bakhtin, repetimos, considero dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual nas duas acepções de dialogismo mencionadas (diálogo entre interlocutores e diálogo entre discursos): não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos.

a separação abstrata entre o mundo da cognição e o mundo da vida, defendendo a necessidade de resgatar a unidade perdida.

Faraco (2007) pontua que, para ler Bakhtin produtivamente, é necessário renunciar radicalmente à episteme racionalista e aos resquícios de formalismo e estruturalismo ao se pensar sobre a vida em geral e sobre a linguagem em particular. Seu pensamento é radicalmente histórico – vivemos no concreto do tempo, inseridos na cultura e nas relações sociais – e hermenêutico – historicamente únicos, os eventos do existir humano não são totalmente previsíveis e dedutíveis de estruturas abstratas, não explicáveis por sistemas da tradição racionalista. São somente passíveis de interpretação.

A filosofia de Bakhtin, pelas palavras de Faraco (2007), não se identifica com a ontologia da tradição filosófica ocidental, uma teorização primeira sobre os seres. Ela é uma axiologia, uma teorização primeira sobre valores: viver é se posicionar frente a valores, agir num universo de valores. Daí porque neste trabalho não é necessário desenvolver um capítulo especial sobre dialogia. Esse conceito é o pressuposto que perpassa todo o trabalho inserido na concepção de linguagem assumida aqui, de início, na ideia trazida com o texto de Bronckart. Isso nos compromete a trazer como linha mestra deste trabalho, na metodologia, uma prática de interpretação mais do que de análise. Tudo o que é humano está vinculado ao universo de valores, e compreender qualquer evento humano é desvendar o jogo de valores que o organiza. Compreender implica não duplicar textos, mas tornar-se participante do diálogo do lugar de origem do texto e do diálogo suscitado por ele, numa atitude responsiva, posicionando-se valorativamente frente ao jogo de valores. Para Bakhtin, cada ser é único; não pode se furtar da sua responsabilidade existencial de responder, tratando-se nesse sentido de uma ética sem concessões.

Seguindo a linha do pensamento de Bakhtin, trazido por Faraco (2007), somos seres constituídos na alteridade, e nada somos fora das relações com os outros. Para ser, precisamos conviver, ser ouvidos e lembrados. O não ser caracteriza a morte para Bakhtin, porque somos um para o outro, através do outro. Para viver é necessário responder e assumir uma posição axiológica frente a valores, participar do diálogo inconcluso constituinte da vida humana. Assim, a dialogia, para Bakhtin, é fundante do nosso ser no mundo e da nossa própria consciência. Novamente surge aqui, explicitado por Faraco, o conceito de dialogia que permeia todo este trabalho.

Em relação à consciência, Faraco (2007) postula que, na concepção bakhtiniana, esta não é individual. Ela é sempre plural porque é povoada por inúmeras vozes sociais, efeito do nosso existir, do nosso diálogo inconcluso com a alteridade. A consciência é plurivocal

(heteroglóssica) por se constituir numa sociedade também plurivocal. Na nossa consciência existe um vasto repositório de vozes em contínuas relações dialógicas já dadas no social, dialogizadas, estabelecidas por meio de enunciados quaisquer.

Para Bakhtin, a realidade social da linguagem é sempre heterogênea, não apenas no sentido tradicional da heterogeneidade, dialetológica e sociolinguística, mas fundamentalmente pela estratificação axiológica. [...] A heterogeneidade axiológica se materializa nas vozes sociais. É ela que torna polissêmicos os signos linguísticos. É polissêmico não porque as palavras têm muitos sentidos (como costumeiramente lemos nos manuais de linguística), mas porque a semântica de nossos enunciados remete sempre a diferentes modos refratados de dizer o mundo: eles significam em relação a vozes sociais (FARACO, 2007, p.47).

Porém, o que mais interessa para Bakhtin, pelas vias de Faraco (2007), não é propriamente a heteroglossia, mas sua dialogização. Os múltiplos e contínuos contatos vividos pelas vozes sociais formam uma imensa rede dialógica denominada por Bakhtin de heteroglossia dialógica.

É esse tenso embate dialógico que dá dinamicidade à língua enquanto realidade social vivida. Nesse amplo quadro de referências, ser autor é, cada vez mais, orientar-se no caldo da heteroglossia dialogizada; é assumir uma posição axiológica frente ao já multiplamente valorado, é assumir um lugar nos embates da heteroglossia dialogizada, é ser dialogicamente ativo, respondendo ao que já está dito. Não se produzem textos *ex-nihilo* ou por mera atualização de potencialidades linguísticas e/ou textuais (FARACO, 2007, p.48).

Faraco (2007) refere que o autor do texto não se confunde com a pessoa física que o enuncia, mas é entendido como uma função interna ao texto, como elemento ordenador da totalidade do sentido do texto, porque a consciência linguística é plurivocal, e sua atividade verbal depende de novos posicionamentos frente à heterogeneidade.

Na concepção de Faraco (2007), é necessário assumir uma posição axiológica, assumir uma voz social para se transformar num autor. A partir dessa posição, poderá constituir seu produto verbal, por meio de enunciados heterogêneos, construídos a partir de diferentes vozes sociais, implícita ou explicitamente presentes no texto ou em sua obra.

Em relação ao texto, Faraco menciona que, segundo Bakhtin, não se pode olhar o texto apenas como um artefato, como um dado em si, primordialmente a partir da forma externa. É preciso considerá-lo a partir do plano da “obra”, pelo amplo e complexo quadro de relações axiológicas de sua produção, envolvendo as condições concretas da vida, interdependência e inter-relações com o texto. Dessa forma, estudar o texto significa estudá-lo em todas as

dimensões, e, segundo o alerta de Faraco, pelas palavras de Bakhtin, é preciso prevenir-se contra uma análise abstrata exaustiva, como a linguística, porque “a vida do texto está nas suas relações dialógicas que ele condensa e no diálogo que ele suscita, diálogo que não conhece acabamento” (FARACO, 2007, p.49).

3.2 A TEORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EM BUSCA DO APROFUNDAMENTO DA TEORIA

Quem copia sabe explicar o texto, mas não sabe explicar a origem daquele pensamento, não tem argumentos para fundamentar a escrita. Eu concordo em pesquisar, tirar idéia de outras fontes, mas *copiar e colar* não. Alguém que *copia e cola* não se aprofunda muito (BRUNA).

O problema desta pesquisa é a autoria nas produções textuais escolares em ambientes digitais, com o uso da internet. Sua motivação partiu do desejo de compreender a fala corrente entre os professores, trazidos nesta pesquisa, quando afirmam que o aluno, ao utilizar o texto da internet (o hipertexto) em atividades escolares, usando o procedimento do *copia e cola*, não está sendo autor. Para compreender tal afirmativa, optamos, neste trabalho, por trazer uma hipótese genealógica³⁴ da escrita, estudada mediante Chartier e Foucault.

O aspecto genealógico será desenvolvido, portanto, com a história da escrita como história de um tipo particular de linguagem: a escrita e a história da escrita na vida dos alunos sujeitos desta pesquisa. Na relação de ambas as histórias, busca-se compreender a ação dos alunos de *copiar e colar*, quando transpõem textos da internet, atualizados para novos contextos de suas produções textuais. A nossa perspectiva é de que as pessoas denominam os alunos de copistas baseadas em valores atribuídos à escrita de acordo com um dado momento da história, comprometidos com o contínuo deste conhecimento. Assume-se que a escrita dos alunos instaura um momento de descontinuidade nessa história, e assim será entendido neste

³⁴ Sobre genealogia, Foucault (1996, p.60-70) afirma que as análises do discurso que se propõe a fazer se dispõem segundo dois conjuntos: o conjunto “crítico” que segue os princípios controladores do discurso, com função restritiva e coercitiva, não desenvolvidos por nós neste trabalho, e o conjunto “[...] ‘genealógico’ que põe em prática os três outros princípios: como se formaram, através, apesar, ou com o apoio desses sistemas de coerção, séries de discurso; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram as condições de aparição, de crescimento, da variação. [...] A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas”.

trabalho. A descontinuidade será tratada sob uma perspectiva genealógica, através da seguinte pergunta: o que é ser autor nesse ambiente?

A seguir, trazemos a história da escrita nessa visão genealógica, a partir de Chartier (1998)³⁵, que inicia sua obra questionando o fato de o texto eletrônico ser-nos apresentado como a revolução das revoluções, e pontua que a história do livro já viu outras revoluções. Pare ele, existe uma tentação no sentido de comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg.

Em meados de 1455, Johannes Gutenberg imprimiu o primeiro livro em tipografia de tipos (caracteres) móveis, na prensa. Esse sistema possibilitou que os caracteres fossem usados na construção de palavras novas, frases e páginas diferentes. Isso foi algo novo, fantástico e revolucionário para aquele momento histórico e para a própria história da humanidade. Antes dele, os livros eram essencialmente manuscritos, levavam meses para serem copiados à mão e eram caríssimos. A impressão de grande número de livros permitiu que eles chegassem às mãos dos leitores muito mais baratos e, conseqüentemente, a um número cada vez maior de pessoas, permitindo a massificação da informação, o que na atualidade está sendo possibilitado pelo acesso ao computador e à internet.

Para Chartier (1998), a transformação que ocorreu não é tão absoluta como se diz, pois, se tomarmos um livro pós-Gutenberg e um livro manuscrito, principalmente nos seus últimos séculos (XIV e XV), veremos que ambos se baseiam na estrutura fundamental do códex. Isto é, objetos em forma de folhas dobradas um determinado número de vezes, dando o formato do livro, em uma sucessão de cadernos, montados e costurados uns aos outros e, por fim, envoltos por uma encadernação protetora. Os instrumentos de identificação (paginação, numeração), a forma de distribuir o texto na superfície da página, os sumários e índices já existem desde a época do manuscrito, segundo Chartier (1998). Esse legado é herdado por Gutenberg e deixado para o livro moderno.

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande in-fólio que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutenberg; e o libellus, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão (CHARTIER, 1998, p.8).

³⁵ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Traduzido por Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

Configura-se, assim, uma continuidade entre a arte do texto manuscrito e a cultura do impresso, contrariando a possibilidade de se pensar em ruptura total entre elas. A impressão conviveu com uma espécie de sobreposição com a xilogravura. Sabe-se que as cópias manuscritas sobreviveram até meados dos séculos XVIII e XIX, permanecendo como regra para os textos proibidos, que deveriam permanecer secretos, em função da suspeita de que a imprensa supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores, pois a mão mecânica corromperia a correção dos textos e os colocaria na prática do comércio.

Verificando a história da alfabetização dos alunos envolvidos nessa pesquisa, podemos observar a sobreposição de práticas da caligrafia, escrita manual e eletrônica. Percebe-se que não houve um rompimento de uma prática em favor da outra nesse processo, mas houve a instauração da prática da escrita no computador, conforme se pode observar em seus depoimentos a seguir.

A gente tinha caligrafia, treinava cada letra, escrevia um monte de linhas. [...] A minha história com o computador começou com cinco anos, quando entrei na escola. Eu já tinha informática e inglês na primeira série. [...] Eu usava mais livro do que computador. [...] Então tinha que fazer uma historinha curta, de algumas linhas para me acostumar já com os processos digitais (ROGER)

Vemos que no computador há recursos para imitar uma escrita cursiva, com as preocupações que se tinha com a caligrafia, da “letra bonita”, como no caso do MSN, que oferece essa possibilidade, ou digitar escolhendo fontes que imitam o manuscrito, num movimento de avanço tecnológico e retorno ao passado. Bruna nos diz que seu pai

comprava os caderninhos e fazia escrever o alfabeto inteiro. [...] Quando meu pai resolveu comprar um computador lá para casa, eu e meu irmão fizemos um curso de informática para aprender mexer no computador. Depois na escola, no Laboratório de Informática, a gente tinha que apresentar os textos digitados e aí eu já sabia.

Daiane relata que

[...] só copiava textos dos outros para treinar minha caligrafia, para acentuação pontuação, para ir decorando isso. [...] Meu primeiro contato com o computador foi na escola. Já na pré-escola a gente desenhava no Paint e escrevia o nome dos desenhos e nosso nome.

A lembrança de Simone em relação ao manuscrito é mais vaga, mas estabelece em sua fala um lugar importante para a escrita manual: “me lembro que fazia umas letras compridas, cheias de pernas”. Para ela:

No papel tu praticas a escrita e o computador faz a escrita tecnicamente pra ti, tu só mexe o dedo e a letras aparecem. Não se faz exatamente a ação de escrever lettrinha por lettrinha. A escrita é mais mecanizada, acho que está se perdendo o uso da escrita. Eu acho a escrita mais original porque vem do tempo atrás. Tem a ver com a mão que faz e a cabeça que pensa. É a tua mão que faz, mas tem que ter a cabeça pra pensar. Escrever e digitar com a mão tem diferença.

Para os alunos, a escrita manual estabelece uma relação de proximidade com o texto, sendo que ela legitima o ato de escrever. Observa-se que a aluna recupera a história da escrita na sua história pessoal de apropriação do processo de leitura e escrita porque, para ela, a escrita tem a ver com a ação da mão, e não da máquina.

Já Roberta não faz referência a esse aspecto na sua história de escrita e aponta uma prática contrária: “escrever no computador não cansa minha mão, escrever no papel cansa minha mão. A produção é melhor no computador. Eu não gosto de escrever no papel porque acho minha letra feia”. A aparente ausência do exercício de caligrafia parece interferir na sua forma de escrita atual, entendendo-se aí que existe uma preocupação com a forma da letra, herança do manuscrito. Por outro lado, indo na perspectiva genealógica de Foucault, da escrita aqui proposta, ela mostra que se instaura o sentido novo da escrita, que é a escrita no computador. E segundo o próprio Foucault (1999, p.103), “É preciso reconstituir o sistema geral do pensamento, cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias”. Isto é, existe um jogo na fala de Roberta: de um lado existe a valorização da escrita no computador, e de outro a valorização do manuscrito. Trata-se aqui de um diálogo possível entre o contínuo e o descontínuo.

Chartier (1998) alerta que o historiador há de ter cuidado ao definir transformações passadas, deve ser cuidadoso para selecionar as palavras, pois ocorrem cortes, fraturas nos conceitos ao longo do tempo: “Trata-se de um corte, de uma fratura. Desde logo, porque o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, abordar e definir o livro” (CHARTIER, 1998, p.12). O autor pontua que é difícil empregar ainda o termo *objeto*, pois o que propriamente existe é um tela, que vem a ser o objeto, sobre a qual o texto eletrônico é lido, não é mais manuseado de forma direta e imediata pelo leitor. A estrutura e a organização do texto inscritas na tela não têm mais semelhança com a inscrição encontrada pelo leitor do livro em rolo da Antiguidade. Também não têm relação com o texto organizado

a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas do livro manuscrito ou impresso do leitor medieval, moderno ou contemporâneo.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como as maneiras de ler (CHARTIER, 2006, p.13).

A sequencialidade e a dinamicidade do texto na tela são percebidas no relato de Simone e Roger. Simone diz: “no computador eu converso com os outros... [...] Vou a blogs e sites e leio notícias. [...] Procuo acontecimentos importantes no computador”. Roger revela intimidade com o ambiente em sua fala: “Era fantástico, eu aprendi a pensar no computador e nos livros. [...] Eu vou falo e escrevo inglês fluente, então procuro no *The New York Times*, no *BBC* e vou acionando outras fontes para não me saciar só com o que está ali”.

Assim, esse objeto perde a sua antiga densidade, dando mais liberdade ao leitor; porém, persistem semelhanças com o leitor da Antiguidade. O texto para leitura corre diante dos seus olhos, agora de forma vertical, diferentemente da forma do rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente. O leitor de texto eletrônico também é como o leitor medieval ou o do livro impresso, que pode se utilizar de referências como paginação, índice e recorte do texto. Enquanto ele é simultaneamente esses dois leitores, o texto eletrônico lhe oferece mais liberdade, por lhe permitir maior distância em relação ao escrito.

Para Chartier (1998), a tela se configura como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O escritor da era da pena estabelece uma relação direta com seus gestos corporais ao produzir sua grafia. A mediação do teclado do computador, uma ampliação da máquina de escrever que já existia antes dele, acaba instaurando um afastamento entre o autor e seu texto. Ao leitor do códex é possível tomar o texto em suas mãos, numa relação de proximidade, ao passo que no texto eletrônico essa relação se distancia. Por outro lado, propicia o acesso a conhecimentos considerados de difícil acesso, segundo a contribuição do relato de Bruna: “O computador te aproxima de muitos meios dos quais tu não conseguiria te aproximar. Ele aproxima e facilita os estudos”. Quando um aluno que tem a possibilidade de ler livros no computador ainda hoje nos diz que “Livro para mim não serve o virtual, ele não é de verdade. No computador ele só é um monte de folhas que representam um livro, mas que ele não é livro. É emocionante ler um livro” (SIMONE), está

nos dizendo que não houve um rompimento total da sua relação com o códex. De qualquer forma, percebe-se a necessidade da proximidade física para o ato da leitura, mesmo na era eletrônica. Trata-se então de perguntar qual é o tipo de proximidade que se instaurou com o computador, com a chegada da era eletrônica.

A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, e radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas (CHARTIER, 1998, p.16).

A revolução que se instaura se dá tanto no modo de produção quanto no modo de reprodução do texto. As noções de autor, editor e distribuidor, que para Chartier (1998) mal puderam se fixar, numa época bastante recente e que coincide com a industrialização do livro, agora correm o risco de serem pulverizadas. Com as redes eletrônicas, a produção e a difusão do texto são imediatas. Produção e publicação são concomitantes, como podemos observar por meio da produção e publicação imediata dos sites produzidos pelos alunos da nossa pesquisa. Nesse sentido, Chartier (1998) nos coloca que:

Daí, o abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras (CHARTIER, 1998, p.16-7).

Surge então o questionamento, trazido por Chartier (1998), a respeito do papel do crítico nesse meio, que se vê ao mesmo tempo ampliado e reduzido. Ampliado em relação ao sonho das Luzes no final do século XVII, que pensava a possibilidade de todo leitor poder se tornar crítico, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios com acesso ilimitado ao saber. Na França, no mesmo período, nasceu a ideia segundo a qual cada leitor dispõe de legitimidade própria, de direito a um julgamento pessoal. Esse fato é perceptível a partir da reação dos leitores sobre artigos publicados nos periódicos da época, como o *Le Mercure Galant*, que passaram a enviar cartas com suas próprias opiniões. Esse sonho é igualmente perseguido pelos alunos da era da internet, conforme relato do aluno Roger:

Eu crio minhas ideias, fundamento e publico-as. [...] Às vezes o pessoal bloqueia seus pensamentos e não permite que ideias novas entrem nas cabeças deles. Não querem avançar, se modernizar, aprender novos processos. Não querem ver

algumas coisas. Às vezes tem preconceito, medo de não dar conta. Tem medo de levarem muito tempo pra aprender uma coisa, os jovens aprendem em cinco minutos. Então tem que ser do jeito clássico. Às vezes não concebem o fato do aluno ter um melhor rendimento, ter um pensamento mais rápido, mais ágil frente ao professor. Então o professor quer comandar o aluno. Então não deixa expor suas ideias. É a hierarquia: eu sou professor, quem manda sou só eu. Não permite que o aluno tenha um conhecimento superior. Eu já bati de frente com o professor de História, principalmente com a professora de História espanhola. Eu falei: desculpa professora, mas do meu ponto de vista não é assim. Porque a história é contada do lado que beneficia a pessoa. Não beneficia todo mundo.

Continuando nesse movimento de aproximação da história social da escrita e da história da escrita dos alunos da pesquisa, lembramos que, para Chartier (1998), as redes eletrônicas ampliam a possibilidade de participação do leitor, facilitando a intervenção deste nos espaços de discussão ali instituídos. Abre-se assim a possibilidade de todos terem acesso à produção dos juízos e à atividade crítica, nascendo daí a crítica dessa profissão específica poder desaparecer. Quando um aluno tira e copia de um texto uma fala e a insere em seu discurso sem dar sua opinião, ele volta ao tempo anterior do século XVII, quando não se tinha o direito ao comentário crítico: “Eu acho certo *copiar e colar*. Eu acho mais fácil *copiar e colar* do que ficar tardes e horas para fazer um trabalho” (ROBERTA). No entanto, quando o aluno utiliza o direito que a história lhe garantiu, o contrário também é percebido: “É errado copiar, tu tem que ter tua própria identidade. Tu não cria tua identidade própria... Eu pego a cópia, interpreto ela e dessa interpretação eu pego o meu pensamento” (ROGER).

Para Chartier (1998), têm-se leitores, espectadores ouvintes que produzem apropriações inventivas da obra ou texto que recebem. “Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção (CHARTIER, 1998, p.19). “Quem copia sabe explicar o texto, mas não sabe explicar a origem daquele pensamento” (BRUNA). Nas palavras de Bruna, não há consciência genealógica, mas há um significado genealógico. Devemos considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares pelas quais o texto é posto diante do nosso olhar, levando em conta as competências, convenções, códigos próprios das comunidades a que os leitores pertencem. Sobre isso, o autor nos apresenta uma questão:

A grande questão, quando nos interessamos pela história dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas. A partir de uma interrogação como essa será talvez menos inquietante pesar as oportunidades e os riscos da revolução eletrônica (CHARTIER, 1998, p.19).

Nesse momento em particular também cabe perguntar quais heranças influenciam o aluno como leitor e produtor de textos no ambiente eletrônico. Chartier (1998) afirma que não é possível separar a cultura escrita dos gestos violentos que a reprimem ao longo da sua história.

Antes mesmo de ter-se reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira relação de sua identidade esteve relacionada à censura e à interdição dos textos, tidos como subversivos pelas autoridades religiosas e políticas. A “apropriação indevida” citada por Foucault (2006) serviu como justificativa durante muito tempo para mandar à fogueira os maus livros e oprimir os escritores: “dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias” (CHARTIER, 1998, p.23). Dessa forma, a cena da dedicatória é invertida e substituída pelo espetáculo do castigo público. Porém, a força do escrito não esmoreceu, e essa negra vontade não se realizou. E, conforme Foucault (1996, p.53), “[...] já a Escrita é o intelecto agente, o ‘princípio macho’ da linguagem. Somente ela detém a verdade”. Assim, sobreviveu a vontade do intelecto de registrar seu pensamento pela escrita.

No entanto, a revolução eletrônica trouxe novas inquietações. Junto com a possibilidade de maior participação do leitor, os riscos de interpolação embaçaram a ideia de texto e de autor, trazendo de volta a incerteza da posição do autor na Antiguidade. E, segundo Chartier (1998), foi no século XVIII que a teoria do direito natural e a estética da originalidade fundamentaram a propriedade literária, instituindo o *copyright*, abrindo uma discussão entre leitor e editor que perpassa a atualidade: “Trata-se de um direito que, de um lado, reconhece a propriedade literária, mas que ao mesmo tempo limita seu prazo: uma vez que este expira, a obra se torna pública” (CHARTIER, 1998, p.66). Na contemporaneidade, pode-se observar que os professores repetem o espetáculo da punição pública de outrora, censurando seus alunos em relação às cópias nos trabalhos escolares, dizendo não serem seus autores. “Na faculdade, quando os professores descobrem que o aluno copiou dão zero e se o aluno questionar, dizem no meio da aula: tu tirou zero porque tu copiou e colou e anulam o trabalho” (BRUNA). Percebe-se que a forma de pensar a autoria no manuscrito e na forma digital é vista da mesma forma, e a discussão em torno de possíveis encaminhamentos também é. Se antes os copistas eram queimados, agora são nomeados, oralmente, em público.

Chartier (1998) pontua que o leitor, inconscientemente, recebe a obra de forma específica e que o investimento afetivo ou intelectual que ele deposita nela está ligado a esse objeto e circunstância, representado de maneira significativa pelo livro antes da era eletrônica

e recuperado quando o leitor de hoje ainda se refere a ele dizendo que dá mais emoção ler um livro. Chartier (1998) lembra então que, na era eletrônica, o fluxo de estoque é outro e que cabe nos perguntar a que tipo de materialização estamos ligados.

Durante muito tempo a leitura estava ligada exclusivamente à transmissão da cultura, e não estava ao alcance de todos. “O livro indicava autoridade, uma autoridade que decorria, até na esfera política, do saber que ele carregava” (CHARTIER, 1998, p.84). O ato de ler em si requeria certa postura que confirmasse a nobreza do leitor. Os espaços destinados para leitura eram salas devidamente compostas, bibliotecas silenciosas, onde a leitura sempre era um exercício individual e silencioso, com a finalidade de se apropriar do saber. Do ponto de vista do dispositivo, entendemos que nosso leitor atual dispõe de variados suportes e espaços de leitura. Ele carrega o jornal, o livro de bolso, o computador, objetos que lhe possibilitam mais mobilidade e grande variedade de acessos. O aluno Roger estende o pensamento de Chartier sobre o dispositivo:

O suporte de leitura pra mim não faz diferença, até porque agora está em moda o blog, o Twitter... O que não se acha nos livros, se encontra no blog. Por exemplo, tu não acha uma informação técnica sobre embarcação. No Google tu procura um blog com profissionais da área, sempre, constantemente atualizados. Não achou? Quer falar com projetista de lanchas? Está no Twitter. No Twitter tem um monte de pessoas. Quer conversar com o Rubinho? Está lá no Twitter. Eles postam todos os dias o que eles fazem, se estão com uma dúvida, eles comentam. Mais poderoso que o e-mail. Ele posta os comentários e tu vai lendo. [...] Se leio no jornal, no blog, no Twitter, o sentido não muda. Minha preferência é o meio digital.

Continuando nas heranças da escrita projetadas no atual momento de escrita dos alunos, trazemos o relato de Bruna. Para ela, existem questões do sistema fisiológico que podem atrapalhar o leitor usuário do computador, assim como a variedade de informações e possibilidades o atrapalham como navegador.

Hoje eu gosto de ler sozinha. Eu não consigo ler com barulho, ele me desconcentra. Leio em qualquer lugar, mas preciso me concentrar. Adoro ler romance, mas não tenho tido tempo porque o curso pede livros técnicos, uma leitura mais chata. Gosto de revista de história porque me traz o passado das coisas e curiosidades que ampliam meu conhecimento. Até os exemplos que posso dar são melhores. Eu não consigo ler no computador porque tenho miopia e os olhos me doem. [...] A leitura no computador me distrai, dispersa porque já vou para o Orkut, para o MSN, não fico só na leitura. Eu passo muito tempo na frente do computador. Até para besteiras, mas na leitura ele me distrai.

A aluna Daiane traz o relato a seguir, em que cita o computador como um fator determinante para seu hábito de leitura, ao mesmo tempo em que se torna uma ferramenta tanto para leitura quanto para comunicação com seus pares. O computador vai assumindo mais funções nas relações do seu usuário, instaurando ali novos processos de escrita.

Toda semana eu retiro livros para ler. Gosto muito de ler e leio na sala ou na sozinha em casa. [...] Li muitos livros na internet. Baixei cinco livros de alguns sites e lia ali. Como me dava dos de cabeça por causa da tela, agora eu leio mais nos livros. Leio algumas partes do jornal que me interessam como esportes e revistas de fofoca. Mas o que me influenciou mais a gostar de ler foi o computador. Eu comecei a ver minhas amigas que me mandavam sites com crônicas do tipo que eu gostava como da Marta Medeiros e daí comecei a ler nesse espaço. [...] O computador para mim é um meio de comunicação com as pessoas. Tem muitas pessoas que vejo pouco durante a semana e então converso pelo MSN. Também é uma fonte de pesquisa... [...] tudo que eu posso eu faço no computador.

Como se pode perceber, o leitor eletrônico, além de informação, busca entretenimento e lazer. Destacamos a possibilidade de comunicação instituída no interior do próprio texto, como apontado nos relatos das alunas:

No computador eu converso com os outros, não gosto de ler no computador. Gosto de conversar com os outros no computador. Eu leio notícias no computador. Vou a blogs e leio notícias, tipo um jornal. Procuro acontecimentos importantes no computador. Nas revistas eu só leio certas partes. Livro para mim não serve o virtual, ele não é de verdade. No computador ele é só um monte de folhas que representa um livro, mas ele não é livro. É emocionante ter um livro na mão (SIMONE).

Na escola eu lembro que era chato. A minha professora era chata, então eu não gostava. Eu não gosto de ler até hoje. Eu gosto de ler revista sobre fofoca e futebol. No computador eu só fico lendo as notícias e conversando com as pessoas no Orkut, no MSN, no Twitter. Fico no site de fofocas (ROBERTA).

É interessante observar que os alunos supracitados têm o hábito da leitura, cada um com suas preferências quanto aos suportes ou temas. No entanto, quando se referem a “ler no computador”, parece estar intrínseca a ideia de que “ler” estabelece um vínculo com o livro, com a posição e com o status que a ele foi conferido na sua genealogia. No computador eles têm outras práticas que naturalmente envolvem a leitura, mas que parecem não ser reconhecidas como tal por alguns alunos. Cabe então nos perguntar como se pode entender essas práticas que estão sendo instituídas, como um processo de descontinuidade em relação à genealogia da escrita.

Nesse sentido, Chartier (1998) nos traz um ponto importante a ser pensado, e talvez questionado, sobre o leitor eletrônico. Para ele, é sabido que os primeiros leitores eletrônicos

verdadeiros não passam mais pelo papel, baseado em experiências desenvolvidas em torno da Biblioteca Nacional da França e em conferências nos Estados Unidos. Nesses espaços foi observada “a prática da leitura de conferências na tela do computador portátil, aberto pelo conferencista como era o caderno ou a pasta de papéis” (CHARTIER, 1998, p.95). A partir dessa observação, o autor em questão lança uma pergunta: “Isto define uma figura do leitor futuro?”. Pensamos que a resposta para tal questão talvez ainda não esteja definida, pois, como se pode observar, os alunos dessa pesquisa são leitores do texto impresso e do computador, concomitantemente.

Pensando em como armazenar os textos, Chartier (1998) retoma o mito de Alexandria, ligado ao sonho das Luzes, que pretendia ver reunido o máximo de conhecimentos em um espaço delimitado. Na biblioteca de Alexandria o texto se apresentava ainda sob forma de rolos. Disponha de mais de 500 mil rolos, dos quais 120 mil eram ocupados somente pelos catálogos. Mas a crise da superprodução de livros surgiu em entre 1910 e 1914, quando se discutia a ideia de haver livros demais com relação à capacidade dos leitores. A solução para essa proliferação foi procurada no meio eletrônico, o que, segundo Chartier (1998, p.128), se tornou uma preocupação para os historiadores do livro, como ele próprio se denomina, por considerar o seguinte:

Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto de textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal. Às vezes, a proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação.

Em conformidade com os pressupostos teóricos da função autor e da reprodutibilidade técnica assumidos nesta pesquisa, e de acordo com o relato dos alunos a seguir, ler o mesmo texto em contextos diferentes são experiências distintas porque, quando o texto é deslocado de uma situação de comunicação, pela atualização eletrônica, para uma nova situação de enunciação própria, ele adquire uma nova originalidade, uma nova aura. Dessa forma, a proliferação do texto no meio eletrônico não o levaria a sua destruição, suposta por Chartier; ela instaura uma nova prática de produção de texto, a partir do uso da internet, como podemos observar pelos relatos das alunas a seguir.

Eu não costumo *copiar* o texto inteiro e *colar*. Eu leio algumas partes e vou inserindo partes minhas. Eu não copio o texto inteiro, ele deixa de estar no sentido do outro texto e entra no sentido do meu, não fica no mesmo sentido (SIMONE).

Eu não *copio* “ctrl+c/ctrl+v” e *colo*. O sentido do texto é o mesmo porque é meu pensamento. Eu leio, se eu concordar eu copio, se não concordar eu não copio (ROBERTA).

Levando em conta o conceito de autoria de Foucault desenvolvido no referencial teórico desta pesquisa, poderíamos dizer que essas alunas expressam uma ação de função autor, assumindo para si o discurso social de outrem, possibilitado pelos recursos do ambiente digital.

Chartier (1998) ainda traz em sua história do livro a questão da pluralidade das línguas como fator limitador da comunicação impressa e faz referência às tentativas de se implantar línguas universais que dessem conta de formalizar os procedimentos do pensamento. Porém, persistiu o limite intransponível para a realização do universal em relação às línguas. Hoje, com as facilidades do acesso à internet, dispomos de vários softwares que ajudam a diminuir essa barreira da pluralidade das línguas em relação à comunicação escrita, além de ser uma fonte para aperfeiçoamento destas: “Eu tenho espanhol e para praticar eu continuo lendo jornais em espanhol. Eu falo e escrevo inglês fluente, então procuro no *The New York Times*, no *BBC* e vou acionando outras fontes...” (ROGER).

3.3 O SENTIDO DE AUTORIA ASSUMIDO PELO ALUNO

A palavra autor remete a expor a tua idéia, teu pensamento, teu conhecimento. No que eu publiquei, eu estou expondo a minha idéia, meu ponto de vista sobre determinado assunto. Isto é ser autor: explicar uma história, o que aconteceu, os fatos, as pessoas, a paisagem, tudo. O meu pensamento (ROGER).

Buscando o sentido de autoria a partir dos aspectos genealógicos da escrita até aqui desenvolvidos e do conceito da função autor assumido nesta pesquisa, buscaremos entender o ponto de vista dos alunos que participaram da pesquisa em relação à autoria, quando escrevem no ambiente digital, com o uso da internet. Investigaremos, orientados por Foucault (1996, 1999, 2006), o que é ser autor nesse ambiente para esses alunos, e de que forma eles organizam sua escrita para exercer a função autor.

É preciso lembrar que, segundo Foucault, o lugar de autor está vago. Este lugar, no entanto, deve ser ocupado; porém, precisamos descobrir quem, de que forma e em que espaços a função autor está sendo exercida.

Também propusemos, com base em Benjamin (1994), que a reprodutibilidade técnica no meio eletrônico já nos possibilita a atualização do discurso de uma determinada situação de comunicação para uma nova situação de enunciação própria, quando se assume o discurso social de outrem, atualizado. Porém, esse procedimento gera conflito entre seus usuários, como podemos perceber no relato de Simone – “quando eu copio dos outros eu acho certo, mas não gosto que copiem de mim, porque fui eu que fiz” – ou quando se faz referência ao direito de propriedade do autor, reconhecendo a autoria do seu discurso, como no caso de Daiane:

O autor usou suas palavras, se empenhou para escrever o texto dele e sem falar que não se aprende nada *copiando e colando*. [...] Esse instrumento está sendo usado de forma errada. O texto da internet está lá para ser usado como um conhecimento a mais e não para usar e colar meu nome.

O fato é que, com todos os recursos e as discontinuidades instauradas nas formas de ler e escrever elencadas até aqui ao longo do trabalho, as formas de pensar a autoria pelos alunos nas suas produções textuais no meio eletrônico, com o uso da internet, também mudou. Porém, não garante um consenso em relação ao posicionamento assumido diante da questão da autoria, como se pode observar pelos diferentes tipos de relatos. A esse respeito, Roger, um dos alunos, faz o seguinte comentário:

A internet tem a minha idade, surgiu em janeiro de 1992. Eu nasci na era da internet. O telefone celular foi em 1985, aí em 1992 veio a internet militar. Em janeiro de 1992, foi inaugurado oficialmente o serviço internacional de internet. Eu nasci na era da internet. [...] Ser autor nesse ambiente, criar um texto do zero, ainda mais na área naval, em medicina, em qualquer área é complicado. Pegar um pensamento, dar tua opinião sobre o pensamento, e reformular esse pensamento ou fortificar teu pensamento. Ser autor num texto, não é ser um único autor, se pega informações de outros autores. Um texto é feito de vários autores, não de um autor só, ainda mais no meio digital. Num blog, o dono do blog é autor de umas frases, mas junto com ele outras pessoas postam nesse blog e vão ser autores também no blog. Então não é composto por um autor só, são vários autores. A palavra autor remete a expor a tua ideia, teu pensamento, teu conhecimento. No que eu publiquei, eu estou expondo a minha ideia, meu ponto de vista sobre determinado assunto. Isto é ser autor: explicar uma história, o que aconteceu, os fatos, as pessoas, a paisagem, tudo. O meu pensamento. Não tenho a prática do *copiar e colar*. Copiar é não criar a tua identidade.

As palavras de Roger são uma extensão do pensamento de Foucault (1996)³⁶ em relação a dois de seus procedimentos controladores do discurso³⁷: o comentário e o autor. O comentário, para Foucault, “não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer, enfim, o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (FOUCAULT, 1996, p.25). É o que Roger menciona ao dizer que “é necessário pegar e reformular ou fortificar o pensamento do texto primeiro, pegar informações de outros autores, porque um texto é formado por vários autores”. Tem a ver, para ele, com conhecimento adquirido a partir das leituras e assim “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito” (FOUCAULT, 1996, p.25). Para Foucault, a repetição indefinida dos comentários passa pelo sonho de uma repetição disfarçada, em cujo horizonte talvez não haja nada além do que havia no seu ponto de partida, ou seja, a simples repetição.

Nesse sentido, Daiane, outra aluna, complementa dizendo que “Às vezes quando copio trechos de livros, eles geralmente ficam com o mesmo sentido até porque quando vou procurar textos, é para ficar com o mesmo sentido”.

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta (FOUCAULT, 1996, p.25-6).

No caso desta pesquisa, o acontecimento está nessa nova forma de autoria.

A palavra *autor*, que para Roger remete a expor a própria ideia e o próprio pensamento, a dar uma opinião, nos ajuda a compreender o outro procedimento limitador do discurso³⁸ de Foucault (1996), o autor: “O autor, não entendido, é claro, como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do

³⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no collège de france, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

³⁷ Na obra *A ordem do discurso*, Foucault questiona: “o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo?”. Na proposição de sua discussão, segue dizendo: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.8-9). Dois desses procedimentos de limitação do discurso, isolados como procedimentos internos, “visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle” (FOUCAULT, 1996, p.21), são o comentário e o autor.

³⁸ Sobre discurso, Foucault (1996, p.10) nos diz que, “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1996, p.26). Com frequência os alunos mencionam que para ser autor é necessário dar a sua opinião, mesmo que seja a partir de outras leituras. Surge a necessidade de se ter um posicionamento pessoal e crítico a respeito dos temas sobre os quais se escreve, garantindo o espaço para o registro da sua opinião, do seu posicionamento, inclusive nos ambientes de escrita colaborativa. Os relatos dos alunos são claros a esse respeito:

Para fazer minhas produções textuais, sempre leio antes sobre o tema em uma revista ou um site para me informar e não escrever bobagens. Leio as informações e depois escrevo meu texto. Às vezes copio partes de site, mas coloco a informação da autoria. Às vezes quando copio trechos de livros, eles geralmente ficam com o mesmo sentido, até porque quando vou procurar textos, é para ficar com o mesmo sentido. [...] Como tive que fazer muitas pesquisas antes de começar escrever, acredito que devo créditos aos livros e sites que li, até conseguir redigir o texto. Sinto-me um pouco autora sim, mesmo tendo feito pesquisa, pois os textos utilizados foram de minha autoria fazendo com que toda vez que lesse, ficasse orgulhosa da minha escrita. [...] Me sinto autora quando escrevo crônicas, que é o texto que mais gosto de escrever e quando eu escrevo algo para alguém como carta. Só isso me faz sentir autor. Em crônica tu dá a tua opinião e, para escrever textos dissertativos, tu leu e aprendeu com alguém algum assunto e daí escreve sobre isso. Então eu não me sinto autor disso (DAIANE).

Pelas palavras de Daiane, afirmando que “então eu não me sinto autor disso”, pode-se compreender a afirmativa de Foucault: “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 1996, p.28). Na visão dos alunos, quem escreve nesse ambiente e não consegue dar um sentido próprio para a escrita, ir além do comentário, a partir do recurso da atualização eletrônica, então não está escrevendo com autoria: está fazendo “xerox”, uma cópia, sem marcas identitárias.

É errado copiar, tu tens que ter tua própria identidade. Às vezes tu tens que pegar ideias para tu compor a tua. É a opinião dos meus pais também. Dar um “ctr+c/ ctrl+v” é muito fácil, mas se tu acessa ele pra formar a tua ideia, isso é o que importa. Não fazer um trabalho todo copiado da imagem de um outro trabalho, daí tu estás fazendo um “xerox”. Eu uso um pouco a cópia pra pegar a matéria (ROGER).

Quando o aluno diz que é necessário se inserir nos textos que lê, há uma identificação com a voz social representada nos autores lidos: “Eu leio, se eu concordar eu vou copiar, se não concordar eu não copio”, diz Roberta. Ela manifesta a diferença entre autoria, tal como Foucault propõe. Percebe-se o olhar crítico dos alunos quando reconhecem que existe a necessidade da formulação própria do pensamento. Para eles, o que estão fazendo não é pura

cópia, mas a formulação de um enunciado próprio, a partir de um discurso de outrem. E, se isso não for possível, não efetivam a escrita, segundo as palavras de Roberta:

Se estou falando de um assunto eu vou procurar sobre o assunto que eu quero, eu leio e vou escrever. Eu não *copio* “ctrl+c/ ctrl+v” e *colo*. O sentido do texto é o mesmo porque é meu pensamento. Eu leio, se eu concordar eu vou copiar, se não concordar eu não copio.

Ainda sobre isso, vejamos a importância da afirmativa de Simone:

Eu não costumo *copiar* o texto inteiro e *colar*. Eu leio algumas partes e vou pegando o que me interessa e vou inserindo partes minhas. Eu não vou só copiar o texto inteiro, ele deixa de estar no sentido do outro texto e entra no sentido do meu texto, não fica o mesmo sentido.

Para Bruna, ser autor é poder explicar a origem do pensamento expresso no texto. Uma cópia permite explicar o texto, mas não suas origens.

Eu nunca fico satisfeita com um texto meu que produzo na internet ou a mão. Sempre fico me cobrando mais, achando que falta uma coisa aqui e ali. Não tenho a prática do *copia e cola* e não acho certo porque não acho que é uma coisa minha. Não é uma opinião minha, então não faço. Quem copia sabe explicar o texto, mas não sabe explicar a origem daquele pensamento, não tem argumentos para fundamentar a escrita. Eu concordo em pesquisar, tirar idéia de outras fontes, mas *copiar e colar* não. Alguém que *copia e cola* não se aprofunda muito. [...] Vejo muitos colegas simplesmente copiando, colando e mudando algumas palavras. Quando um texto é copiado para outro texto o sentido dele muda. É outro texto. Ele pode ter as mesmas ideias ainda, mas o sentido muda. O texto não é o mesmo. O que tu tá querendo te referir não é a mesma coisa que o outro texto, o primeiro texto (BRUNA).

A posição que os alunos assumem diante da autoria de suas produções remete às palavras de Foucault em relação aos procedimentos limitadores do discurso aqui tratados, o comentário e o autor: “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma da *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do eu” (FOUCAULT, 1996, p.29). Se não há concordância de opiniões em relação ao discurso atualizado, o aluno não escreve no sentido da autoria, enquanto assumir uma voz social.

Dependendo do texto eu mesmo escrevo. Se é um assunto que eu gosto eu mesmo faço, se não sei o assunto, eu leio alguma coisa, vou à internet e vejo como é que é. Eu acho certo. [...] Quando eu escrevo, consigo escrever o que eu penso. Se tu

não concordar comigo, eu não vou mudar de opinião porque tu acha outra coisa. Esse meio não me impede de escrever o que eu penso. Eu sou autora só quando escrevo textos na escola, no resto não me sinto autora. Quando escrevo em casa eu não me sinto autora. Em casa eu não tenho vontade de escrever, eu faço por obrigação, então não me sinto autor. O meio, o ambiente que eu estou me influencia. *a copiar e colar* (ROBERTA).

A aluna, em sua fala, reconhece a escola como um espaço de produção de discurso escolar próprio, e autoriza esse discurso de autoria fundamental, em que aluno e professor se reconhecem. E, como podemos perceber, não somente os professores envolvidos nessa pesquisa questionam a autoria dos alunos. Por vezes, os próprios alunos também o fazem. Porém, se observarmos atentamente, parece que essa incerteza novamente está ligada à noção de autoria como discurso fundamental, à ideia de que a autoria só existe no texto primeiro e de que os alunos não conseguem criar um texto primeiro. "Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto. E que chamamos de 'literários'; em certa medida, textos científicos" (FOUCAULT, 1996, p.22). Quando um aluno expressa uma opinião como a que se segue, ele está retomando a ideia da instauração do discurso fundamental.

Eu não sei se tu é autor toda vez que produz um texto ou sempre que tu é original. Eu nunca me sinto autora. Eu acho autor uma palavra muito forte. Quando falo em autor eu penso em Machado de Assis, Marta Medeiros. Eu fiz o trabalho, eu sinto que é de minha autoria, mas autor é muito forte e remete a grandes autores. É meio que uma anulação. É da minha concepção, como um doutor, sabe. Eu imagino doutor como uma pessoa formada em doutorado. É como autor. Todo mundo é autor de uma obra sua, mas eu só vou pensar em autor de livros, de revistas, de matérias, de pessoas importantes. Não me sinto autor do meu trabalho, por mais que eu saiba que tenha sido eu que tenha feito. O trabalho pode ser de origem só minha, sem outro texto dentro, nada. Eu vou sentir que o trabalho é de minha autoria, mas eu não vou me sentir autor (BRUNA).

No entanto, conforme supracitado, para Foucault (1996) "O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta"; está na atualização. É importante observar que o novo, aqui, é a instauração do acontecimento da sua própria escrita. E os alunos, que por vezes são tão críticos, em outros momentos se tornam inseguros e incrédulos de sua própria escrita, conforme também se pode constatar na fala de Roberta. Para ela, a ideia de autor está ligada ao discurso literário, que é uma das nuances do discurso fundamental.

Autor pra mim tem que escrever, tem que ser de livro e tem que ser conhecido, estar a público. Os autores começam fazendo crônicas pequenas, mas eu não me considero autora porque minhas histórias não são boas, tanto que quando

escrevo um texto na escola eu boto fora, eu acho ruim. Um texto da escola eu prefiro escrever a mão, trabalhos da escola eu prefiro fazer no computador porque tenho que discutir o assunto.

Foucault nos diz que essa instabilidade aqui percebida por meio dos relatos dos alunos é própria da função autor. É uma forma de escrita que gera conflitos a partir das nossas heranças trazidas nesta pesquisa, numa perspectiva genealógica e que aparece através da memória dos alunos. Nas palavras de Foucault (1996, p.23),

É certo que esse deslocamento não é estável, nem constante, nem absoluto. Não há, de um lado, a categoria dada uma vez por todas, dos discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam. Muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar. Mas, embora seus pontos de aplicação possam mudar, a função permanece; e o princípio de um deslocamento encontra-se sem cessar reposto em jogo.

Assim, percebemos que aquilo que os alunos estão fazendo ao escrever no ambiente digital, “aplicando fórmulas suas” para organização e produção dos textos, são ações autorizadas pelo jogo da função autor proposta por Foucault. Mas, para Roberta, a questão de acreditar no poder de verdade da sua própria escrita também se transformou em um jogo, em que ela se autoriza a escrever para logo em seguida desautorizar-se novamente, como se a escrita nesse ambiente ainda não fosse um direito instituído, para o qual necessitasse da autorização de outrem – nesse caso, representado pela figura do professor. Poderíamos nos questionar então sobre os fatores que estão desencadeando esse tipo de sentimento nos alunos, refletido em seus relatos a seguir.

Quando escrevo eu consigo escrever o que eu penso. Se tu não concorda comigo, eu não vou mudar de opinião porque tu acha outra coisa. Esse meio não me impede de escrever o que eu penso. Eu sou autora só quando escrevo textos na escola, no resto não me sinto autora. Quando escrevo em casa eu não me sinto autora. Em casa eu não tenho vontade de escrever, eu faço por obrigação, então não me sinto autor. O ambiente em que estou, me influencia a *copiar* e *colar*. Na sala cada um faz seu texto, o professor fica junto. No meu site eu sei que tudo que tem lá fui eu que escrevi, que fui eu que fiz, mas eu não me sinto autora. Pra mim autoria tem a ver com os textos escolares. Tipo os meus textos, os dos outros não. Eu não me vejo que fui eu que fiz. Ele tá muito grande, tem textos muito grandes lá, pelo que eu lembro. Eu escrevi, mas não acho que sou autora daquilo. Os textos que eu escrevi eu acho que ficaram muito bons pra mim, por isso acho que não fui eu que fiz. Mas o “design” ficou muito ruim... (ROBERTA).

Esse jogo nasce de um ambiente que autoriza essa escrita, que são os ambientes digitais, as *lanhouses*, os laboratórios de informática e a escola, que está em um processo de busca de autorização – “o ambiente que estou me influencia a *copiar e colar*” (ROBERTA). Quando a aluna passa desse percurso da desautorização, surge um sentimento de espanto, de desconhecer-se, ligado à ideia do autor fundamental. Surge a descontinuidade no sentido de Foucault.

Eu não costumo *copiar* o texto inteiro e *colar*. Eu leio algumas partes e vou pegando o que me interessa e vou inserindo partes minhas. Eu não vou só copiar o texto inteiro, ele deixa de estar no sentido do outro texto e entra no sentido do meu texto, não fica o mesmo sentido (SABRINA).

Esse texto nos ajuda compreender que o *copiar* não é uma mera *cola*, mas um ato de selecionar partes do texto, tomando uma decisão em relação ao que serve para seu texto que está sendo construído. Veja-se a fala de Sabrina: “Eu leio algumas partes e vou pegando o que me interessa e vou inserindo partes minhas”.

Encerramos essas teorizações dos alunos sobre sua função autor com Foucault (1996, p.29):

Todo este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Pois, embora possa modificar a imagem tradicional que se faz de um autor, será a partir de uma nova posição do autor que recortará, em tudo o que poderia ter dito, em tudo o que diz todos os dias, a todo o momento, o perfil ainda trêmulo de sua obra.

3.4 A TEORIZAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DE ESCRITA DOS ALUNOS

Tentaremos, neste momento, verificar como se dá a prática do aluno quando escreve no computador com o uso da internet, procurando estabelecer um paralelo entre sua fala anterior e sua ação de escrita, realizando as tarefas com sequências de atividades propostas no link <http://conceituando-amor.pbworks.com/Significado+de+Amor+e+Intertexto/>. Para efeito de continuidade deste estudo, quando nos determos na teorização dos sites dos alunos, na perspectiva de autoria, dividiremos tais atividades em duas categorias: atividades com sequência pré-determinada (de 1 a 6, ver site) e de criação livre (tarefa 7 – sites com temas livres): <http://cultura-povos.pbworks.com/> do aluno Roger; <http://ensaiosobreamorte.pbworks.com/> de Bruna; <http://estilosmusicais.pbworks.com/> de

Daiane; <http://etssss.pbworks.com/> de Simone e em <http://jovenscraques.pbworks.com/> de Roberta.

3.4.1 A prática da escrita dos alunos em atividades com sequência pré-determinada

Lendo atentamente a produção dos alunos como resposta às propostas das atividades de 1 a 6, percebemos que, predominantemente, os alunos demonstram um movimento de autoria. Utilizaram-se dos textos disponíveis para navegação como uma referência para escrita dos seus próprios textos, trazendo-os para seus discursos (conforme se pode ver nos excertos a seguir), confirmando as suas falas anteriores quando dizem que não possuem a prática do *copia e cola*, que priorizam a formulação própria, ou que, ao utilizá-la, só o fazem quando a ideia vem complementar seu pensamento:

Neste trabalho, a intertextualidade entra na palavra amor, utilizando as várias formas de explicação deste sentimento, cada autor escreveu seu conceito sobre o tema amor. Em suas diversas formas de expressão, colocaram seu ponto de vista, sobre o amor, como amar e ser amado, como esse sentimento pode mexer conosco. É através dessa palavra, é dessa forma de sentimento, que podemos expressar o que sentimos ou queremos dizer para uma pessoa, sem machucar. Ou seja, através da intertextualidade, podemos colocar um plus nas produções, das diversas formas de manifestação cultural, trazendo para o leitor, a opinião de outras pessoas, que em outras épocas, conceituaram alguns assuntos. Para poder aplicar essa intertextualidade, nas obras, trechos da música Monte Castelo, derivam do trecho 1 Coríntios 1.3, que após, são aplicados no primeiro trecho o soneto de Camões, e posteriormente, como dito, na música do grupo Legião Urbana (ROGER).

Intertextualidade é basicamente um texto dentro de outro. Para isto acontecer seria necessário que ambos os autores tivessem idéias ou conceitos em comum. Algo que não é nada raro acontecer pois todos nós, literados, compartilhamos diversos pensamentos em comum. Uma pessoa que lê com bastante frequência percebe isso com mais facilidade. Nenhum livro é escrito ao acaso, existe sempre a influência de determinados pontos de vistas. A capacidade de estabelecer essas conexões nos mostra com maior ênfase o raciocínio da humanidade, pois só a inteligência e os mais profundos pensamentos conseguem fazer esta ligação. O homem não cria conceitos simplesmente por criar, para isso ocorre um campo de pesquisa sempre! Baseando no errado para conseguir fazer o certo, ou então aprimorando teses já bem elaboradas antes (BRUNA).

Intertextualidade está em tudo. Na minha opinião, um exemplo é a vida. Atitudes, pensamentos, tudo de se liga de uma forma tão intensa que o resultado se torna o mesmo. Cada um de nós, escolhe uma forma de seguir a vida, sendo que sempre achamos que essa forma é certa. Mas as coisas que ela fez, se ligam de uma forma ou outra, cedo ou tarde, não importa. Chegando a conclusão de que intertextualidade está em tudo novamente; ela sempre será o modo de cada um pensar, agir... Sendo que muitas vezes, as pessoas estão fazendo coisa e fazendo sem perceber a intertextualidade (DAIANE).

Portanto, a vida é um intertexto. Todas as pessoas ligadas a mesmos assuntos e atitudes, de uma forma que se cruzam em resultados iguais.

Cada pessoa usando uma forma de trilhar a sua vida, tomar suas decisões, acontecendo que no meio desse caminho, pessoas sigam do mesmo jeito. Podendo ou não, ter um mesmo resultado. E assim, a intertextualidade entra em todas as coisas; ela é apenas o ponto de vista diferente de cada pessoa, sobre um mesmo assunto ou atitude; fazendo com que as pessoas se cruzem e formando cada vez mais intertextualidades sem nem mesmo percebermos (SIMONE).

O modo mais fácil de expressar o amor é por meio de música. Pois ela nos acompanha grande parte de nosso dia. No carro, no trabalho, em casa... Através da música se expressam outros sentimentos, estados de espírito, desabafos!

Mas além da música muitos autores utilizam o recurso de escrever poemas (ex: "definição de amor"), filmes ("o carteiro e o poeta"), entre outras coisas... (ROBERTA).

Quando os alunos copiaram partes de outro autor para seu texto, aqui chamado de atualização (e pelos autores transpostos para esta atividade como um acontecimento), segundo o conceito de Walter Benjamin (1994), deram crédito aos autores, revelando que reconhecem seu status de autor, contrariando a fala recorrente de que o aluno cola e não indica a autoria. Vejamos:

O soneto 11 de Luiz Vaz de Camões escreve em mágicas palavras, o sentimento de amar:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer" (ROGER)

Só sabe-se que nada seria pior do que perder a pessoa estimada, mas ainda pior seria não sentir esse sofrido amor. Isso é mostrado claramente em um poema de Vinícius de Moraes, chamado "soneto da separação":

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

Este soneto, escrito por Vinícius de Moraes e denominado "Soneto da separação" nos dá a clara idéia dos vendavais ocorrentes no amor, das pequenas transições e pequenos atos que podem nos dar um tristeza inimaginável! Todo amor pra ser belo deve ser triste, pois não importa o quão boa uma pessoa seja ela vai nos ferir em algum momento. Porém é óbvio que nem só de tristezas perdura uma paixão, aliás elas são mais raras do que as alegrias causadas pelo simples acelerar do coração (BRUNA).

Acredito que cada pessoa tem um pensamento diferenciado sobre o amor. Se todos pensarem igual, não teria a menor graça. Mas percebo neste trecho no soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer [...] (DAIANE)

Segundo o poema "Definição de amor" de Marcelo das Nuvens, amor te preenche, amor é um misto de TUDO ou NADA (ROBERTA).

Mas, note exatamente neste trecho no soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer (SIMONE).

Propomos a existência de movimentos de autoria na produção textual dos alunos, sem critérios de valoração, a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos nesta pesquisa.

Primeiro movimento

Nomeamos como primeiro movimento o do **comentário**. Nele o aluno assume o discurso de outrem. Como exemplo, trazemos o caso de Roberta:

Segundo o poema "Definição de amor" de Marcelo das Nuvens, amor te preenche, amor é um misto de TUDO ou NADA. Que mesmo a distância impedindo que tu veja a pessoa amada, não impede que tu ame. Mesmo sendo um amor platônico muitas vezes ele te completa! Para que você possa viver o amor não é preciso procurar muito, ele está nas pequenas coisas da vida. Apenas ame como uma criança, se entregue por inteiro, assim você será muito feliz.

Segundo movimento

O segundo movimento ocorre quando **o aluno não faz referência a autores como fonte**. Observamos que esse movimento aparece linguisticamente constituído como inserção por meio do uso da primeira pessoa do singular e de verbos modalizadores, assim como conjunções que revelam a existência de um raciocínio formal, característico da argumentação autoral, como é o caso de Bruna:

O amor é uma cansável busca, é inevitável e persistente. O amor é muitos em um só sentimento, por vezes um de cada vez e em outras tantas todos misturados. Pode fazer bem, pode fazer mal, quando não correspondido. Acredito que o amor verdadeiro seja pra vida inteira, porém tantas outras vezes me deparo amando pela miléssima vez... Como é lindo o amor declamado por poetas - 'meu amor, minha dor'. Queria eu saber falar de amor de forma tão bela, tratando-se de um amor triste! Ainda não aprendi a me contentar com a ausência de quem amo ou sentir como são doces as lágrimas derramadas pelo fim! Sei amar de um jeito ainda criança e inocente que foge ao perceber o perigo, que prefere a angústia da dúvida do que a certeza de um não!

Porém, tenho a absoluta certeza de que o amor é transformador! Quando estamos amando queremos ser melhores, pois é como se não nos sentíssemos dignos desse sentimento. Quem nunca sentiu frios na barriga, achou o dia chuvoso lindo ou ficou escutando várias vezes a mesma música? Mas se esse amor não foi pra vida toda, será que era mesmo amor? Ou existe muitas formas de amar? Ainda não sei, talvez nunca saiba, mas ainda espero que encontre alguém que me ensine todas aquelas cafonizes e coisas bregas sobre o amor, mesmo que nelas eu não acredite. "Sem amor, eu nada seria..."

Terceiro movimento

O terceiro movimento é percebido quando os **alunos se posicionam explicitando as referências**. Nesse caso, a produção envolve o tipo anterior, acrescido da citação das fontes, como podemos verificar no texto de Daiane.

Acredito, que cada pessoa tem um pensamento diferenciado sobre o amor. Se todos pensarem igual, não teria a menor graça. Mas percebo neste trecho no soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer [...]

Podemos pensar que por parte, o amor é meio do mal, sendo que ele nos traz um pouco de angústia e infelicidade, mas ao percebemos que vivemos do amor e pelo amor, vemos que amor é um mistério. Todos eles definem o amor por uma maneira muito direta, mas para mim, ele não é tão simples...

Muitos deles dizem e contradizem as coisas, mas acredito que na música de Renato Russo ele diz tudo, alias, música para mim, é a melhor maneira de ser traduzida o amor, pois ela toca o coração, acalma os aflitos e anima os deprimidos. Se pudesses escolher alguma forma de retratá-la seria através da música.

Porém, em qualquer forma de expressão, eles dizem que o amor é o sentimento mais intenso, puro e verdadeiro pois afinal: "*e não tivesse amor, nada seria*"(Coríntios, 13) (DAIANE).

Registramos um percurso de oscilação de autoria entre o segundo e terceiro movimentos no texto de Roger, que costuma marcar sua posição pela terceira pessoa do plural, como um exercício de pensar no coletivo.

Neste trabalho, a intertextualidade entra na palavra amor, utilizando as varias formas de explicação deste sentimento, cada autor escreveu seu conceito sobre o tema amor. Em suas diversas formas de expressão, colocaram seu ponto de vista, sobre o amor, como amar e ser amado, como esse sentimento pode mexer conosco. É através dessa palavra, é dessa forma de sentimento, que podemos expressar o que sentimos ou queremos dizer para uma pessoa, sem machucar, ou seja, através da intertextualidade, podemos colocar um plus nas produções, das diversas formas de manifestação cultural, trazendo para o leitor, a opinião de outras pessoas, que em outras épocas, conceituaram alguns assuntos. Para poder aplicar essa intertextualidade, nas obras, trechos da música Monte Castelo, derivam do trecho 1 Coríntios 1.3, que após, são aplicados no primeiro trecho o soneto de Camões, e posteriormente, como dito, na música do grupo Legião Urbana (ROGER).

Quarto movimento

Nomeamos o quarto movimento de **escrita colaborativa**. Foi oferecida aos alunos a possibilidade de interagir com o trabalho dos colegas, identificando-se por sua cor (cada aluno tinha uma cor de texto). Foi interessante observar que tanto Bruna como Daiane se inseriram no texto de Roger, assumindo esse discurso como se fosse seu, dando continuidade ao pensamento anterior, deixando como marca de sua autoria apenas a cor da sua escrita. E Roger também teve essa prática com a produção de Sabrina. Nesse momento não houve, por parte dos alunos, indicação de que se tratava de outro pensamento, o que pode nos fazer pensar que, para os alunos, a escrita colaborativa nesse meio supõe a inserção de um pensamento no outro. Todos pensam juntos, compartilham conhecimentos, opiniões. Marcar o início e o fim de pensamentos distintos já não importa; o que importa é pensar no coletivo, numa só voz. Ocorre a instauração de uma nova forma de escrita, um gênero emergente, a escrita colaborativa, comum nos fóruns. Nesse sentido o aluno está autorizado por esse novo gênero digital a realizar tal procedimento.

É um pouco complicado, dizer o significado de amor, mas tentarei. As vezes, dizer te amo, se torna um pouco complicado, mas através de algumas palavras, podemos expressar ele, como também a poesia, ou uma música, podem dar um ajuda no momento de dizer te amo. Amor não se pode conceituar, ou tentar explicar, tem que se viver, a única forma de saber o que é amor, é ter amado em alguma oportunidade. O amor não acontece de uma hora para a outra, acontecem varias etapas de palavras, antes de dizer te amo, dizendo com um olhar, com uma simples atitude, fazendo o coração acelerar e o corpo inteiro arrepiar mesmo com um pequeno toque entre as mãos!.O amor é uma incansável busca, é inevitável e persistente. O amor é muitos em um só sentimento, por vezes um de cada vez e em outras tantas todos misturados. Pode fazer bem, pode fazer mal, quando não correspondido. Acredito que o amor verdadeiro seja pra vida inteira, porém tantas outras vezes me deparo amando pela miléssima vez... Como é lindo o amor declamado por poetas - 'meu amor, minha dor'. Soneto 11 de Luiz Vaz de Camões, expressa através da linguagem literaria, seu ponto de vista sobre o amor, como ele é sentido e o que ele causa, positivamente na nossa vida. (Texto de ROGER – cor azul – com colaboração de BRUNA – cor vermelha).

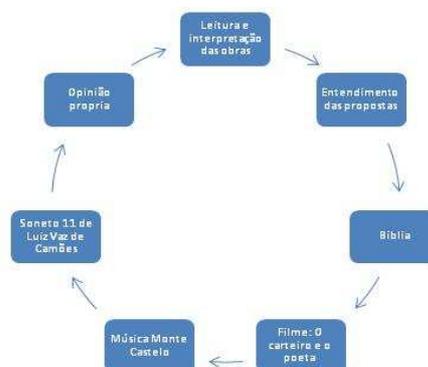
Todos os recursos utilizados pelos autores, tanto do filme, da música, quanto no soneto, são formas muito utilizadas pelas pessoas, mas, explorando ao máximo, como poder expressar esse sentimento de amor, as vezes, não é facil dizer ou escrever a opinião própria sobre o amor. Tanto o filme quanto o soneto a bíblia e a música, se interligam uma na outra, através das palavras, relacionando-se cada um, com o mesmo assunto. Dentro da língua portuguesa existem vários modos de expressarmos sentimentos e de dar a intensidade que cada um deles merece. As formas de expressar tais emoções também são muito variadas, pois podemos usar o cinema, a música, a literatura entre outras formas (Texto de ROGER com colaboração de DAIANE).

Quinto movimento

No quinto movimento, **o aluno identifica temas e busca autorias correspondentes**. Embora as atividades fossem dirigidas, os alunos demonstraram independência intelectual. É o caso de Bruna, que atualizou um texto de Vinícius de Moraes para fechar com o sentido do que estava escrevendo e citou a autoria, segundo mencionou em seus relatos, como forma de organização sua, o que para Foucault (1996) são características da função autor. Há um tango no texto multimídia. O aluno vai em busca de mais informações através da navegação em outro espaço, demonstrando autonomia nesse meio.

Sexto movimento

O sexto movimento foi nomeado por nós como **percurso como autoria**. Os alunos não inseriram links para realizar essa tarefa; utilizaram-se deles para navegação, caracterizando a ausência de construção hipertextual no seu texto. Porém, a organização dos organogramas para navegação reflete a leitura hipertextual em que inclusive as alternativas de sequência explicitam o movimento hipertextual, independente do programa de gerar hipertextos, a ferramenta HTML. Na sugestão de roteiro para navegação e leitura, os alunos procuram estabelecer uma lógica para o entendimento do pensamento dos autores. Existe uma preocupação de entendimento do sentido expresso nos textos e de busca por textos fundamentais, como no caso da Bíblia, como meio de buscar sua autonomia na escrita, como expressão do seu pensamento.



No meu ponto de vista, o segundo caminho permite trabalhar melhor as propostas, poder colocar o que cada autor quer dizer, sobre o amor, através das suas palavras. Para poder compreender todo o assunto, foi necessário ler e entender, os métodos que foram colocados para poder conceituar o tema amor (ROGER).



O primeiro organograma seria a minha sugestão para ser seguida e o segundo o caminho feito por mim pra elaborar meus textos. Acredito que a diferença entre esses dois caminhos é a lógica, começando pela bíblia, ja que esta tem como objetivo falar do principio da vida, do amor e o porque estamos aqui, somos frutos do amor e esse é o maior e melhor sentimento existente, único capaz de movimentar a paz e a guerra. Logo após ler a letra da música e então ouvi-la, pois ela revela outros intertextos entre soneto de Camões e a própria Bíblia. E então o soneto e o filme, porque seguindo este caminho vamos entendendo o sentido que estes diversos autores querem nos passar e também percebemos a ligação entre a visão do amor que eles tem. Chegando a conclusão que o amor é quase indiscritível, apenas pode ser sentido (BRUNA).



Já o organograma da direita, mostra como eu aconselharia alguém a visitar essas informações. Escolhi a Bíblia em primeiro, pois ela traz o amor com um significado rápido e simples. A música é um modo muito utilizado por todas as pessoas, que expressa muito bem um sentimento. O poema é suave, e passa uma mensagem bonita, é curto e simples. Já o filme, é um pouco mais demorado, e tem que se pensar um pouco pra entender a mensagem desejada (SIMONE)

Como uma ferramenta de cunho quantitativo, o Farejador de Plágio (conforme anexos N a R) nos permite refletir que, na análise de toda produção escrita dos alunos em atividades com sequência pré-determinada, foram encontradas somente partes de orações identificadas como cópias pelo programa. Isso pode demonstrar apenas a coocorrência de estruturas. Se nos detivermos no item “áreas suspeitas no DOC”, poderemos verificar que o software Farejador de Plágio encontrou uma porcentagem muito pequena ou nula de sites suspeitos utilizados pelos alunos na sua produção textual. Daí se conclui que os alunos não foram considerados plagiadores, confirmando seus relatos já mencionados nesta pesquisa.

Tabela 3-1: Relatório da análise do texto do aluno Roger (Anexo N).

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART	
Relatório do arquivo: Análise do texto do aluno Roger.doc em 16/12/2009	
Utilizando: Google - Yahoo - Alltheweb - Altavista - Live	
Resumo Estatístico	
Trechos pesquisados	355
Sites com semelhança	460
Sites no Google	347
Sites no Yahoo	
Sites No Alltheweb	89
Sites no Altavista	21
Sites no Live	4
Áreas suspeitas no DOC	
Sites suspeitos	1
1º e 2º mais usados	01%
1º ao 5º mais usados	00%
1º ao 10º mais usados	00%
Pequisas por minuto	28 sites
Confirmações por minuto	37 sites

Fonte: a autora.

3.4.2 A prática da escrita dos alunos em atividades com produção livre

Neste momento, continuaremos no sentido de propor movimentos de autoria dos alunos na construção dos seus sites livres, textos multimidiáticos.

Em um primeiro momento, percebemos que os alunos usaram alguns movimentos destacados na análise das atividades orientadas, enquanto também instauraram novos movimentos de autoria no texto multimidiático. Um desses movimentos de autoria retomados nessa atividade é o do posicionamento acrescido da referência às fontes consultadas, passando em seguida a escrever sem fazer referência, oscilando entre o primeiro e o segundo movimentos trazidos por nós neste trabalho, como se pode ver no site de Daiane (Ver Anexo S).

Segundo o dicionário Luft, ela significa: Música: s.f. 1. Arte de combinar tonalidades e sons de maneira agradável ao ouvido. 2. Composição musical. 3.O modo de executar uma peça musical por meio de instrumento ou voz. 4. Papéis ou livro que se acha escrita ou impressa uma composição musical.

Para mim, significa muito mais que apenas isso. Música é emoção, expressão, conteúdo, distração. Movimento que nos faz viajar em altitudes desconhecidas, desculpa para liberar os sentimentos mais profundos e ocultos. É alegria para os infelizes e lapso para os bem-aventurados.

Algo sem explicação que causa emoções que nunca imaginara reconhecer em uma vida inteira. Prazer. Puro prazer. Aprofundamento da alma, quando bem apreciada. Causa tantas emoções diferentes e incoerentes. É uma organização, uma composição, uma construção de uma linguagem peculiar, a que muitos estudam e se aprofundam.

Outro movimento retomado nessa prática de produção livre é a escrita com citação da autoria do texto, conforme exemplo da produção de Bruna. Em seu relato, ela diz: “quando busco textos na internet para escrever sempre indico da onde eu tiro. Tanto no Ensino Médio quanto na Faculdade é necessário indicar a bibliografia de onde se pesquisou”.

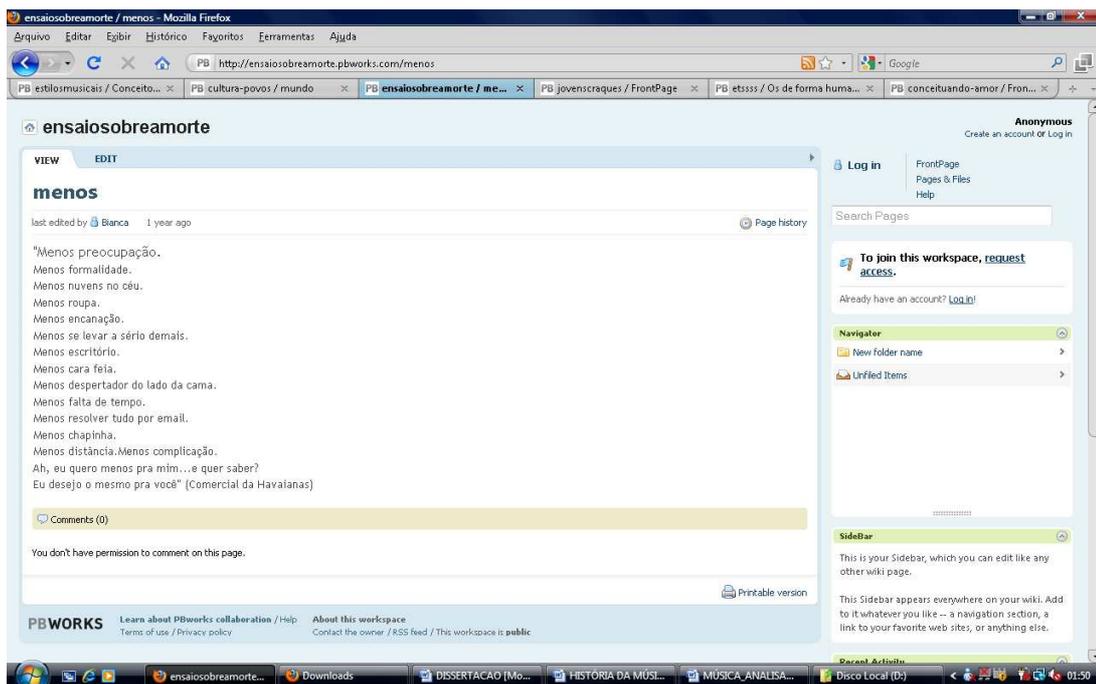


Figura 3-1: Página do Site da Bruna.
Fonte: <http://ensaiosobreamorte.pbwiki.com>.

O que se retoma nessa prática, também, é a escrita com redação própria, em que o aluno se posiciona e se insere como uma voz social no texto, fato percebido no site de Roger que já tem essa prática desde os 5 anos:

A minha história com o computador começou com cinco anos, quando entrei na escola. [...] A professora dava um tema: você no mar, você na cidade.

Então tinha que fazer uma historinha curta, de algumas linhas, pra se acostumar já com os processos digitais. Tudo a gente tinha que inventar.

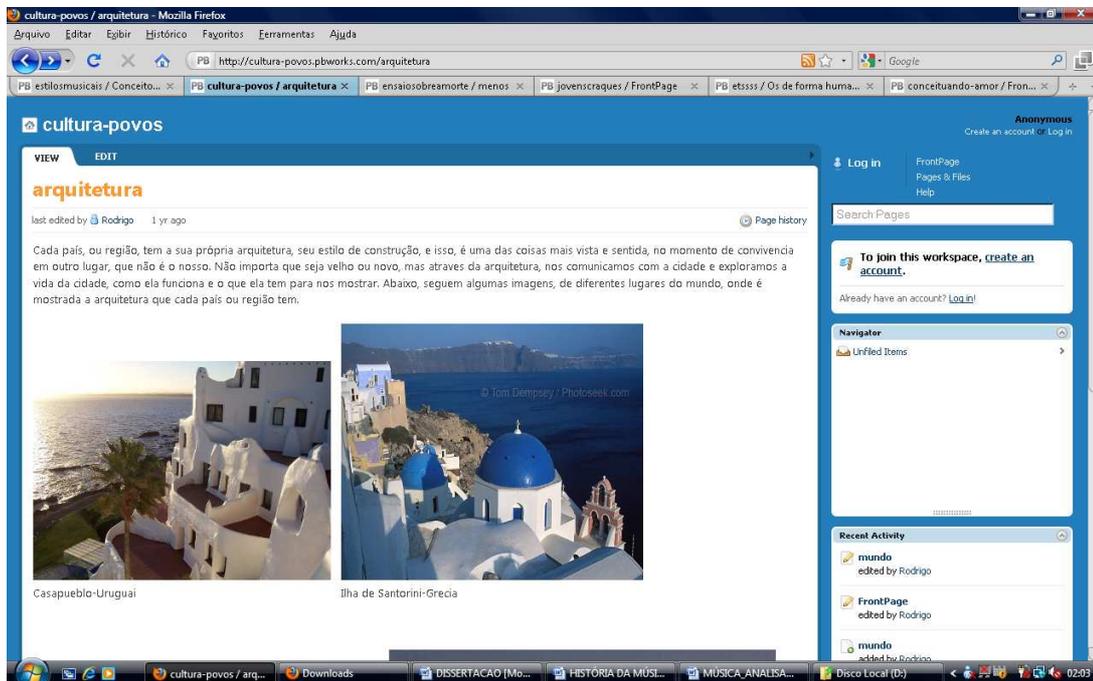


Figura 3-2: Página do Site do Roger.
Fonte: <http://cultura-povos.pbwiki.com>.

Sétimo movimento

Continuando no processo de propor movimentos de autoria na escrita dos alunos, nomeamos o sétimo movimento de autoria – **a organização dos sites por unidades de sentido** –, aqui representado pelos temas, em torno do quais os alunos organizaram toda a ação de escrita. Todos os alunos tiveram a preocupação de criar uma página inicial, orientando seu leitor sobre o assunto e convidando o internauta a interagir com ele, em um movimento de escrita colaborativa, já citado por nós neste trabalho. A navegação é proporcionada pela inserção dos links, caracterizando a presença da construção hipertextual nos textos com o uso da ferramenta HTML. Nesse momento também percebemos a repetição do quinto movimento supracitado, em que o aluno identifica um tema, nesse caso escolhido por ele, e faz a busca e a seleção de autorias para fechar com o sentido desses temas, conforme se pode ver nos quadros a seguir.

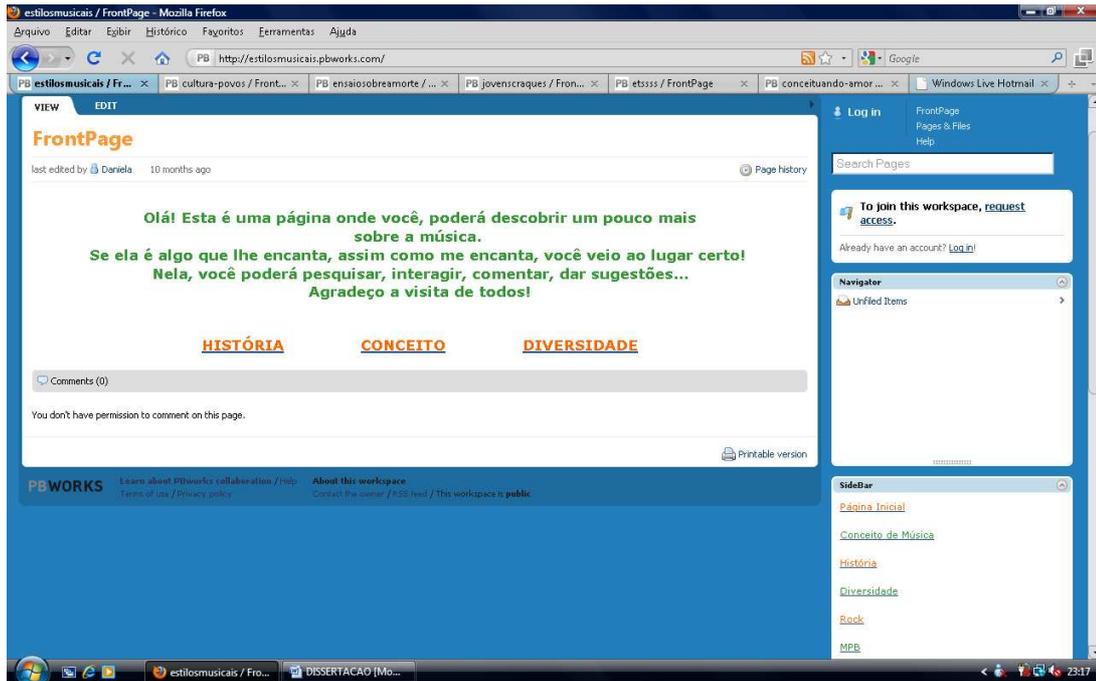


Figura 3-3: Página do Site da Daiane.
Fonte: <http://estilosmusicais.pbwiki.com>.

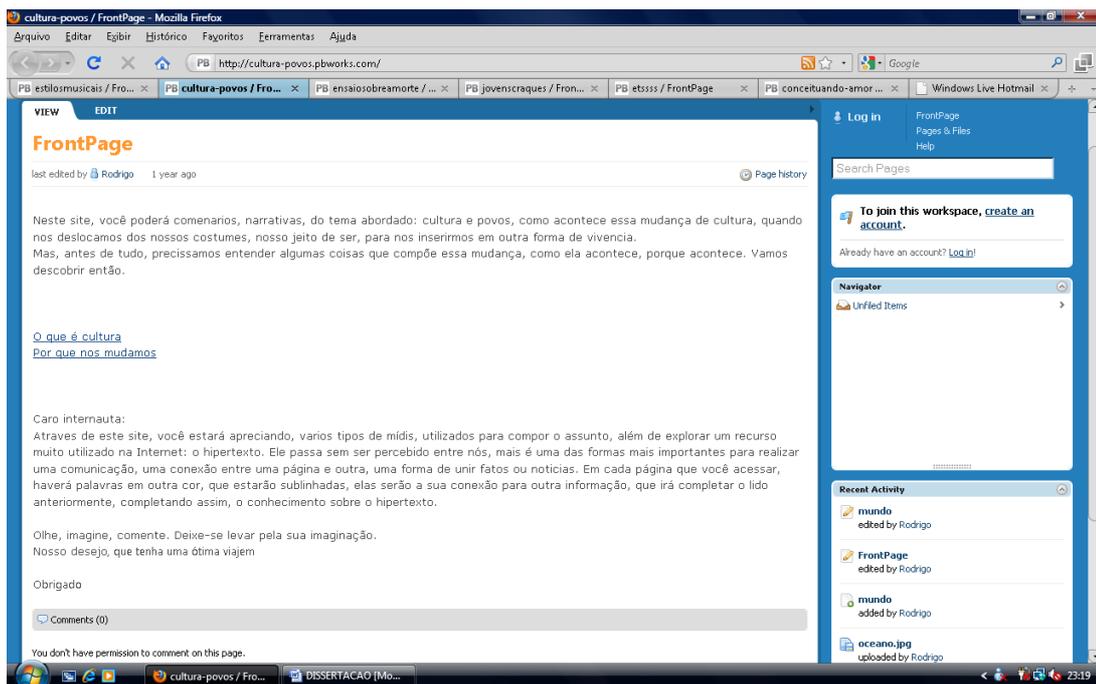


Figura 3-4: Página do Site do Roger.
Fonte: <http://cultura-povos.pbwiki.com>.

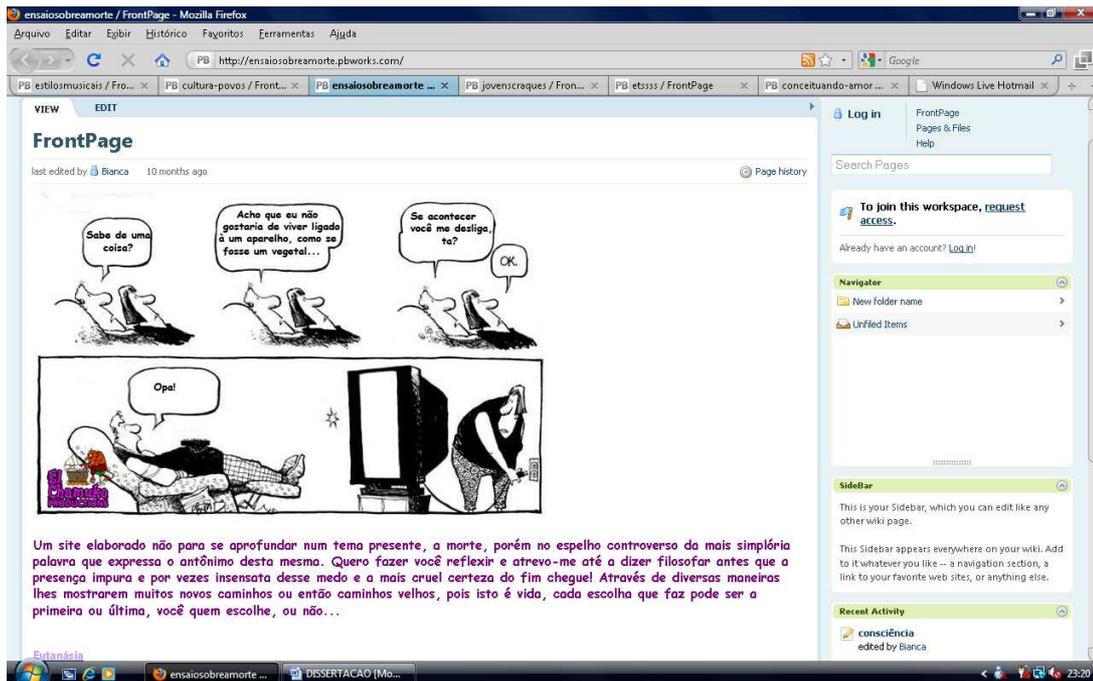


Figura 3-5: Página do Site da Bruna.
Fonte: <<http://ensaiosobremorte.pbwiki.com>>.

Oitavo movimento

O oitavo movimento proposto é a **escrita sem marcas de autoria**, evidenciando uma atualização consciente do contexto original. Este seria o caso do que tradicionalmente é chamado de *copia e cola*, ou ausência de autoria. Entendemos que, neste caso, o exercício da autoria se dá quando o aluno apropria-se da voz do outro contexto e o traz para seu contexto de produção, assumindo uma tomada de posição frente a essa voz, quando concorda com o texto atualizado. Esse é um processo autorizado pela concepção de autoria de Foucault: “Eu leio, se eu concordar, eu vou copiar, se eu não concordar, eu não copio” (ROBERTA). A aluna não precisa marcar as fontes porque a prática de atualizar contextos faz parte do padrão de escrita do meio digital, através de um padrão de textualidade coletiva, que é o hipertexto.

Um exemplo que podemos examinar aqui é a produção de Simone, que em momento algum cita a autoria dos seus textos atualizados para seu próprio contexto de escrita. Para ela, *copiar e colar* já é uma prática instituída: “eu copio partes pequenas eu não indico a autoria, quando vou pegar só ideias eu também não indico. Eu indico a autoria em trabalhos escolares, quando tenho que fazer a referência de onde peguei as informações, daí eu indico. Todo mundo *copia e cola*, é uma prática”.

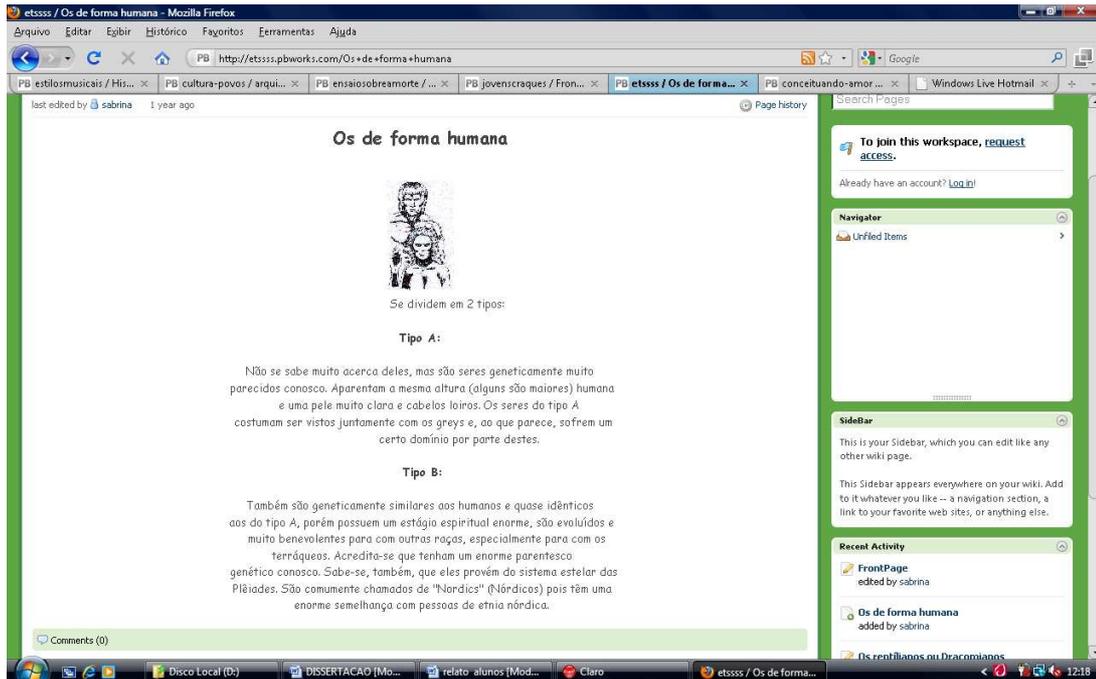


Figura 3-6: Página do Site da Simone.
Fonte: <<http://etssss.pbwiki.com>>.

Percebemos também, nesse movimento, que existe discordância entre a fala dos alunos em seus relatos e a prática de sua escrita. Daiane afirma: “às vezes copio partes do site, mas coloco a informação da autoria”; porém, no seu exercício de escrita, isso nem sempre acontece. Tomemos seu texto a seguir.



Figura 3-7: Página do Site da Daiane.
Fonte: <<http://estilosmusicais.pbwiki.com>>.

Se utilizarmos a ferramenta Farejador de Plágio para analisá-la, podemos observar que a aluna se utilizou de várias fontes de consulta (diferentemente do resultado do relatório disponível no anexo J), sem citá-las, conforme relatório a seguir.

Tabela 3-2: Relatório da análise do texto da aluna Daiane (Anexo T).

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART	
Relatório do arquivo: HISTÓRIA DA MÚSICA.doc em 17/01/2010	
Áreas suspeitas no DOC	
Sites suspeitos	11
1º e 2º mais usados	13%
1º ao 5º mais usados	26%
1º ao 10º mais usados	34%
Pequisas por minuto	24 sites
Confirmações por minuto	83 sites
Sites suspeitos	11
Principais Sites - Analisar detalhadamente	
Repete	Site encontrado
17	www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm
16	www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86
16	www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429
11	www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86
8	cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/
7	www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780
6	cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11
4	jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html
4	adrianacrisanto.blogspot.com/2006_11_01_archive.html
4	www.radioboanova.com.br/mundo_artes.php?sMostrar=mostrar&iId=8
4	pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica
4	www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=24&id=2166
4	www.dihitt.com.br/noticia/de-cara-nova-1

Fonte: a autora.

Nono movimento

Propomos o nono movimento como **autoria pela competência técnica**. Trata-se da ideia de autoria ligada à qualificação técnica, que envolve o conhecimento das diferentes ferramentas de produção de texto que o meio digital oferece.

Simone ressalta que seu “site tá muito ruim pra ter sido eu que fiz. Já acreditava mais em mim, agora não acredito mais em muita coisa”. Ela pode construir o site, mas essa informação expressa em um site exige uma outra autoria. Existe uma voz social vinda dos ambientes digitais que exige um fazer técnico. Assumir a voz significa, assim, ter ou não ter competência; e, quando não se tem, esta é delegada a outros. Cabe uma inversão, neste momento, sobre a visão de que os leitores da era digital têm absoluta autonomia para escrever nesse meio.

Meu site ficou ruim, eu não gostei. Ele não teria ficado bom porque eu não tenho capacidade, qualificação pra fazer um trabalho que ficasse a altura de um site normal. Quando eu comecei a fazer aquilo eu achava que ia ficar bom, agora vejo que não ficou bom. Ele tá muito ruim pra ter sido eu que fiz. Já acreditava mais em mim, agora não acredito mais em muita coisa. Hoje eu contrataria uma pessoa pra fazer mais direitinho, um site normal. Colorido, uma formatação diferente, que é interessante, com informação. Isso é difícil, a informação é possível. Nem tanto, mas o conhecimento técnico é mais difícil (SIMONE).

Foucault (1996, p.28-9) ressalta a importância do papel do indivíduo que escreve e inventa. Cada exercício de escrita deve ser valorizado e considerado como o esboço de uma possível obra:

Mas penso que – ao menos desde uma certa época – o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função do autor: aquilo que ele escreve e o que não escreve, aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas.

Décimo movimento

Podemos entender as palavras de Roger como uma extensão do pensamento supracitado, referindo-se ao seu processo criador como produtor do site www.cultura-povos.pbwork.com. Percebemos que o aluno se reconhece como autor da sua escrita enquanto ressalta a contribuição das demais mídias para a construção de novas formas de escrita – formas até então nada ou pouco consideradas como autoria pelos professores da nossa

pesquisa, nas produções hipertextuais dos seus alunos. Nomeamos, então, **o movimento de complementaridade**, em que a mídia e a escrita se complementam. Nesse caso a autoria é diferente de assumir uma voz social. O que a imagem possibilita? Na concepção de Roger, a imagem vem complementar o caráter de incompletude do texto verbal. Ela preenche a imaginação, atualiza e vem dar corpo às palavras, às coisas do mundo, às experiências vividas. Proporciona a possibilidade de influenciar o consumidor do texto, na direção que ele quer levar. É uma autoria pelo contágio, pela indução. O som proporciona a intercomplementaridade entre imagem e som.

Meu site tem ideias próprias. Não peguei nenhuma de fora, tudo eu escrevi, digitei todo ele. Complementei com imagens. As imagens são meios de expressar com um olhar só, o que tá escrito ali. Tu pode interpretar através da imagem, o que tu tá pensando naquela hora. A imagem é um texto, ela complementa, ela não fala por si. A música pode influenciar as pessoas, então é um pensamento e uma reflexão para as pessoas. Eu coloquei *Imagine*, também coloquei um deserto, coloquei um caminho com árvores verdes e uma onda, acho que coloquei. Com essa três imagens e escutando a música ao mesmo tempo, tu podes imaginar aquela cena, imagine todas aquelas pessoa numa paz só. Deixa as três imagens criar uma paz dentro da pessoa e tenta transmitir isso pra outras pessoas. Isso eu quis dizer com a música e as imagens juntas. Se tu coloca uma imagem de tranquilidade junto com uma música de tranquilidade, tu faz com que a pessoa comece a pensar, imagina se pudesse acontecer isso.. Então ela vai lá e fala pra outra pessoa e transmite um sentimento de tranquilidade pra outra pessoa. Daí isso se torna contagioso, vai influenciando... (ROGER).

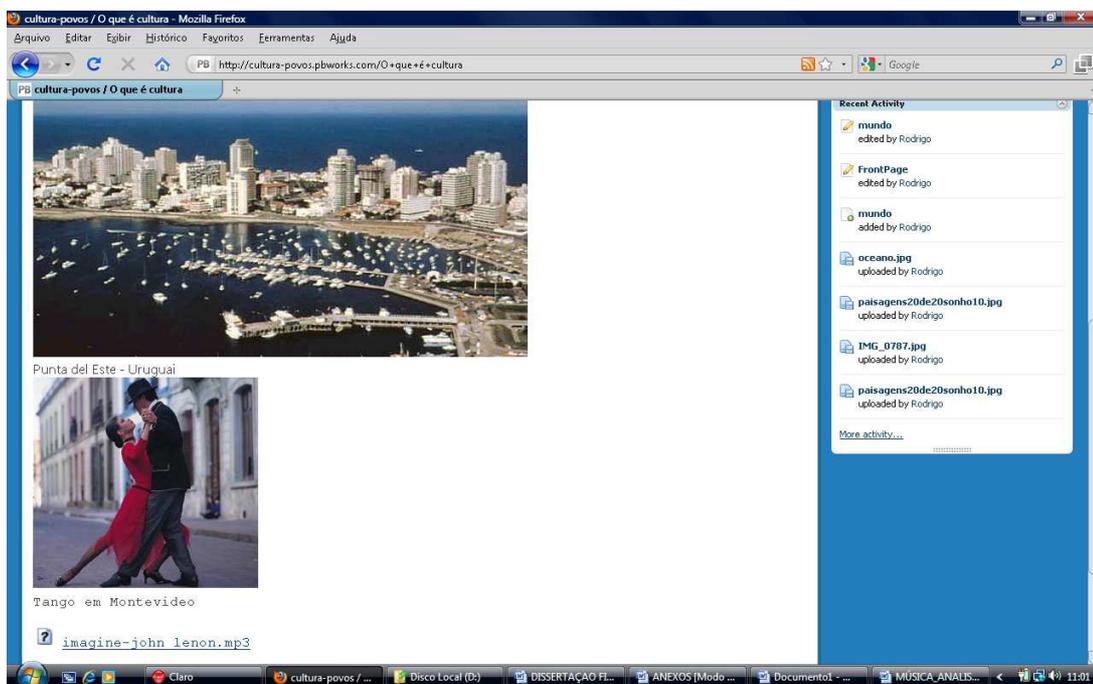


Figura 3-8: Página do Site do Roger.
Fonte: <http://cultura-povos.pbwiki.com>.

Nem todos têm acesso aos diversos tipos de mídia. Penso, que a internet facilita muito, e é um meio de mídia rápido e eficiente. Como meu assunto foi sobre música, além de ler bastante, cuidava qualquer sinal de música na televisão, entrevistas, reportagens... Tive uma oportunidade de utilizar todos os tipos de mídia, fazendo deste trabalho algo bem diverso. Se não tivesse auxílio dessas ferramentas, acho que o trabalho não teria ficado nem um pouco parecido com o que ficou (DAIANE).

Décimo primeiro movimento

Nomeamos como décimo primeiro movimento **a complexidade na escrita**. A navegação melhora a autonomia do aluno e intensifica a complexidade dos seus textos, proporcionada pela multiplicidade de fontes consultadas. O acesso à informação e a autorias variadas, além do aumento ilimitado da informação, pedem um posicionamento dos alunos diante dos textos.

A internet mudou minha forma de escrever textos. Antes era mais simples de escrever, o texto era mais básico. Com a internet tem mais fontes, acessos mais rápidos, a história. Sem a internet tu não pesquisaria tanto, não buscaria tantos livros e outros materiais como se encontra na internet. O texto não seria tão abrangente, não teria tantas informações (BRUNA).

O computador mudou minha forma de escrita que antes era meio simples e agora consigo uma escrita mais adulta e mais complexa. Sempre escrevo e falo o que penso nos textos que escrevo, mesmo que desagrade os colegas ou a professora. O que me influenciou bastante meu modo de escrita foram os textos que costumo ler (DAIANE).

Dentro desse movimento de complexidade, é necessário levar em conta também o fato de que, para organizar um site como os desenvolvidos pelos alunos desta pesquisa, eles se utilizaram de um número muito grande de arquivos e precisaram organizá-los de forma a dar o sentido pretendido para suas produções.

Se observarmos o site de Roger, por exemplo, verificamos que, para os sete textos verbais que escreveu, ele utilizou 24 outros textos não verbais, como imagens fixas, imagens móveis e som, formando um hipertexto, projetado na pessoa do autor, com informações de textos verbais e não verbais. Esse movimento permite concluir que houve preocupação em dar um sentido aos textos que não ficasse indiferente aos propósitos do autor, possibilitado pelo movimento de linkar, como processo de autoria. Assim, em vez de duplicar textos, o aluno está participando valorativamente das suas escolhas.

Os links, através dos deslocamentos de navegação online, realizam remissões a outros nós que possibilitam a leitura dos variados textos verbais. Porém, a multiplicidade de

conexões, em que cada traço não remete necessariamente a outro traço linguístico, é formada por um total de 31 itens (itens e links), composto na sua maioria por imagens fixas e móveis. As imagens são apresentadas junto aos textos e em movimentos de atualizações, e formam o conjunto de elementos escolhidos pelo aluno na construção do seu hipertexto, como se pode observar visitando as diferentes páginas do site.

É facilmente perceptível que as demais mídias, principalmente as imagens fixas e móveis, representam uma parcela maior da parte composicional do site. Esse aspecto merece atenção, pois esse aluno está escrevendo mais por meio da atualização de imagens e sons do que pela elaboração e atualização de textos verbais. Isso é possível de ser constatado pela observação da descrição de links inseridos na elaboração do site, através do relatório de arquivos a seguir. Essa descrição também nos dá uma ideia da quantidade de movimentos realizados pelo aluno durante a elaboração do trabalho através dos movimentos da ciberflânerie (em acordo com teoria que orienta esta pesquisa), com legendas de identificação, mas sem indicação de fonte de consulta.

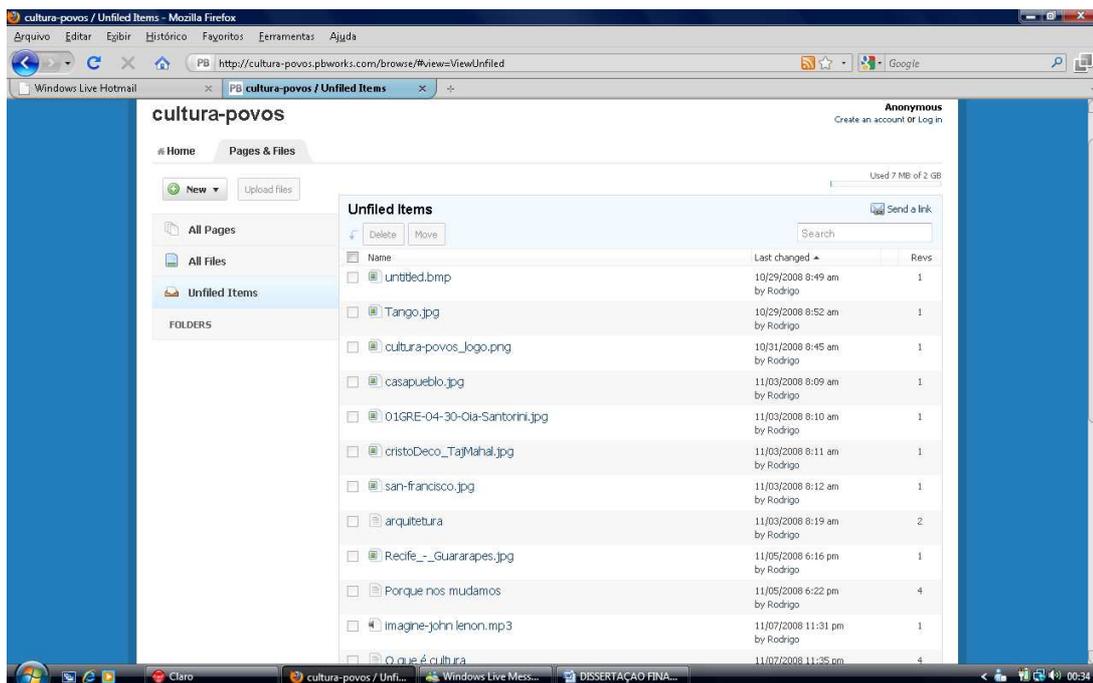


Figura 3-9: Relatório do Site do Roger - Parte 1.
Fonte: <<http://cultura-povos.pbwiki.com>>.

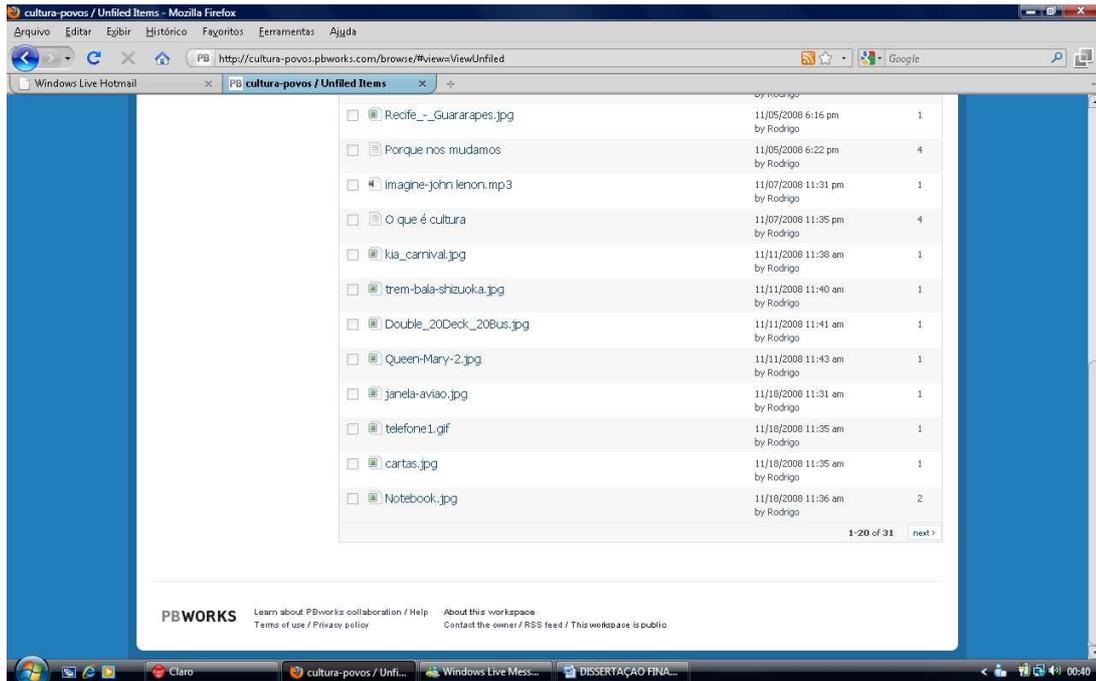


Figura 3-10: Relatório do Site do Roger - Parte 2.
Fonte: <<http://cultura-povos.pbwiki.com>>.

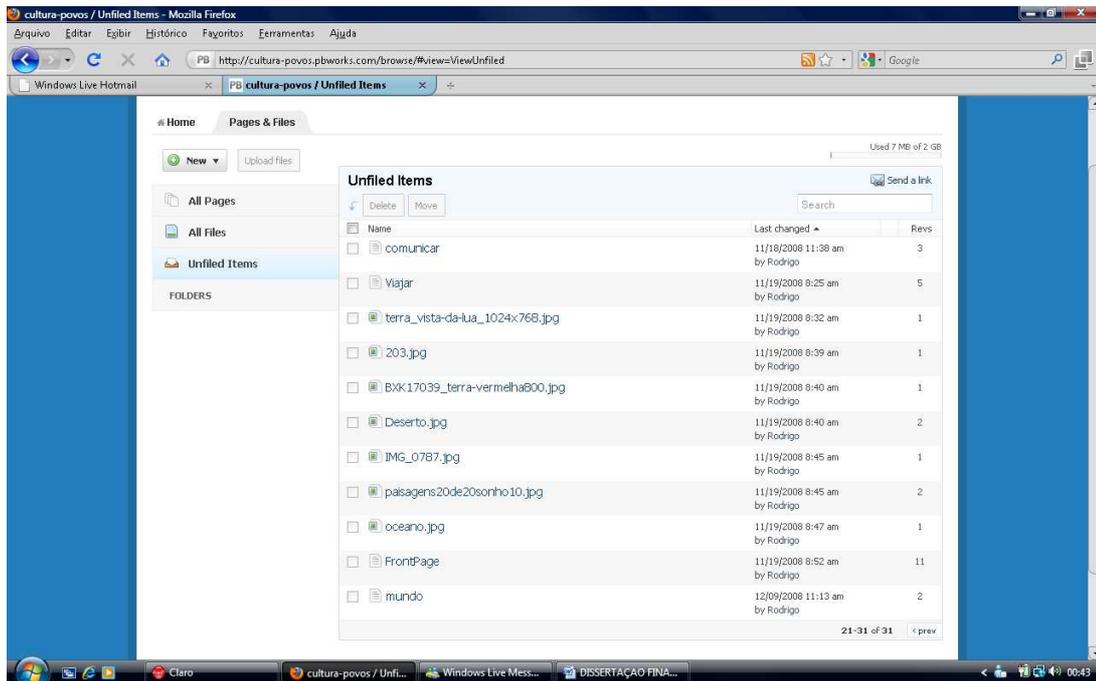


Figura 3-11: Relatório do Site do Roger - Parte 3.
Fonte: <<http://cultura-povos.pbwiki.com>>.

Décimo segundo movimento

Nomeamos o décimo segundo e último movimento como **autoria pela imersão ao mundo vivido**. É o que Foucault (1996) chama de tomar uma posição ideológica frente às questões do mundo. É o caso de Bruna, que recuperou movimentos anteriores, mas encontrou outros sentidos, pela sua tomada de posição frente a sua vida. Bruna fala do processo de criação do seu filme *Entre Diferenças*, linkado ao seu site www.ensaiosobremorte.pbwork.com. Ela se utilizou de diferentes mídias para escrever “palavras só minhas”. As motivações que levam o aluno a escrever e pensar essa escrita são outras, levando-o a encontrar formas diversas de elaborá-la. Outras linguagens substituem as palavras ditas e não ditas. São “as fórmulas próprias de escrita” modificando a imagem tradicional de um autor, como mencionado por Foucault (1996).

[...] No filme cada fala foi só minha. Pra criar isso, tem muitas outras influências do meio. Eu fiz o trabalho de ir lá (na APAE) todo dia, pra ver a vida deles, pra ver como é que eles se sentiam, para ver as diferenças do mundo deles e do nosso mundo. Conversei com professores, com a Diretora da APAE. Eu entrei em histórias, geralmente histórias tristes. Tu te coloca no meio, pensa como se fosse teu irmão ou filho, assim, e pensa no cuidado e proteção que tu queria ter, que é maior que os outros que são normais. A partir do momento que tu pensa e te coloca lá e pesquisa, tu consegue ter uma proximidade maior pra conseguir trabalhar a música, cada detalhe.

[...] Eu queria passar tudo aquilo que eu vivi, o que ouvi e toda a arrogância do mundo diante dos problemas dos outros. Pisando em cima de todo mundo para crescer. São os pequenos detalhes que as pessoas passam. O drama que cada um sente através da música. Toda a arrogância do mundo diante do problema dos outros. Ninguém mais se importa com a vida do outro. O drama de cada um. Se tu tá bem, tu tá, se não tá, não é problema meu. Então por isso que no filme aparecia. A minha personagem é extremamente arrogante, que passava por cima de todo mundo, pensando nos seus interesses. Quando tu para, tu tira um tempo pra cuidar de um probleminha do outro. Tu podes analisar cada detalhe do gesto do outro, tu valoriza isso. Tu valoriza muito. Eu aprendi a valorizar muito mais o abraço de um amigo. Ele te abraça, ele te beija, tu começa a gostar daquilo.

[...] Era pra meu irmão fazer o papel, mas ele é muito extrovertido. Só que, por ser extrovertido, não ia ser tão natural. Porque ele teve que se puxar pra fazer aquilo, então ele tinha vergonha de fazer aquilo. Ele tinha vergonha de fazer aquilo e às vezes isso aparecia. Então ficava exatamente do jeito que tinha que ficar no filme, com aquela carinha quieta, sem entender nada. Como ele errava muito os movimentos e balanços e as falas que tinha que fazer, ficava certo porque era exatamente assim que tinha que fazer. [...]!!! O filme vai para o festival essa semana, o cinema de curtas gaúchas (BRUNA).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou suscitar implicações sobre a autoria nas produções textuais escolares em contextos digitais com o uso da internet, em que as marcas de um autor individual desaparecem em favor de um autor constituído pelo hipertexto. Sua motivação partiu do desejo de compreender a fala trazida nesta pesquisa, corrente entre os professores, quando afirmam que o aluno, ao utilizar o texto da internet (o hipertexto) em atividades escolares, usando o procedimento do *recorta e cola*, não está sendo autor.

Levando em conta as leituras realizadas ao longo da pesquisa, cumpre pontuar que não é mais possível conceber a produção textual no ambiente digital sem discutir o tema da autoria, tal como é tradição, na cultura impressa. Para isso, é necessário repensar nossa postura epistemológica, teórica e metodológica diante dessa questão. São desafios importantes para os professores.

Foucault tornou possível percebermos que aquilo que os alunos estão fazendo ao escrever no ambiente digital, “aplicando fórmulas suas” para organização e produção dos textos, são ações autorizadas pelo jogo da função autor. Ajuda-nos compreender que o *copiar* não é uma mera *cola*, mas um ato de selecionar partes do texto, tomando-se uma decisão em relação ao que serve para seu texto que está sendo construído, em concordância com a posição dos nossos alunos. Essa é uma forma de escrita que gera conflitos a partir das nossas heranças, numa perspectiva genealógica, causando instabilidade no leitor, percebidos nesta pesquisa através dos relatos dos alunos.

Cabe pontuar que os relatos dos alunos constituíram uma contribuição fundamental nesta pesquisa para que fosse possível compreender o tipo de autoria que se instaura na escrita do ambiente digital e as contribuições da sua história nesse processo. Suas colocações e tomadas de posições diante da questão da autoria muitas vezes nos pareceram tão ou mais importantes que a própria fundamentação teórica, embora isso pareça um tanto contraditório, mas não impossível. Se pensarmos bem, estamos trabalhando com um tema cujo objeto de estudo instaura muitas discontinuidades, necessitando de mais fundamentos teóricos, que podem estar se constituindo junto com essa geração.

Assim, na teorização da prática de escrita dos alunos em atividades de produção orientadas e de livre produção no computador, com o uso da internet, propomos importantes movimentos de autoria por parte dos alunos, assim nomeados e ordenados por nós, sem nenhum critério valorativo, apresentados como contribuições e reflexões a respeito de suas

implicações para a concepção de autoria no contexto digital, problematizada nesta pesquisa. Dessa forma, frisamos que, onde os professores, orientados pelo letramento da cultura impressa, disseram haver ausência de autoria, nós, orientados pelo letramento da cultura digital e pelo referencial aqui desenvolvido, propomos a existência de movimentos de autoria. São 12 os movimentos estabelecidos:

- a) 1º movimento – o comentário;
- b) 2º movimento – o aluno não faz referência a autores como fonte;
- c) 3º movimento – o aluno se posiciona explicitando as referências;
- d) 4º movimento – a escrita colaborativa;
- e) 5º movimento – o aluno identifica temas e busca autorias correspondentes;
- f) 6º movimento – o percurso como autoria;
- g) 7º movimento – a organização dos sites por unidades de sentido;
- h) 8º movimento – a escrita sem marcas de autoria;
- i) 9º movimento – a autoria pela competência técnica;
- j) 10º movimento – a autoria pela complementaridade;
- k) 11º movimento – a complexidade na escrita;
- l) 12º movimento – a autoria pela imersão ao mundo vivido.

Esses 12 movimentos se constituem nesta pesquisa com sentido de interpretação da pesquisadora sobre as práticas de autoria produzidas no desenvolvimento metodológico do trabalho. Os estudos permitem reafirmar que os alunos são produtores de múltiplos movimentos.

Percebemos que há alunos escrevendo mais por meio de textos não verbais do que por meio de textos verbais para se expressar no ambiente digital. Essa linguagem até pouco tempo atrás não existia na escola e, a bem da verdade, ainda existe em poucas escolas. Se essas questões mexem com os professores e faz com que se sintam desconfortáveis, principalmente no campo do ensino de línguas, vimos que não é diferente com os alunos. Sua inquietude, inconstância e insegurança na busca de sua constituição como leitores e escritores nesse ambiente muitas vezes também apareceu. Então, se o professor está se sentindo desconfortável, se o aluno está inquieto, é necessário buscar um equilíbrio em relação a essas inquietações, procurando entendimento e informação a respeito da produção de linguagem característica deste ambiente virtual.

É meu desejo que esta pesquisa possa desacomodar os professores, como me desacomodou.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Traduzido por Galvão, M.E. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In : _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.3)

_____. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v.3)

BRAGA, D. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. Antônio; XAVIER, Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo*. Traduzido por Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, L. Antônio; XAVIER, Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v.1.

FARACO, C. A. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana. M. M.; MACHADO, Anna. R.; COUTINHO, Antônia (Org.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado das Letras, 2007, p.43-50.

FRAGA, Dinorá. A internet como contexto de produção textual: possíveis implicações para o ISD. *Calidoscópio*, São Leopoldo v.2, n.2, p.55-60, jul./dez. 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no collège de france, pronunciada em 2 dez. 1970. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *As palavras e as coisas* - uma arqueologia das ciências humanas. Traduzido por Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. O que é um autor? In: _____. (Org.) *A estética*: literatura e pintura, música e cinema. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento*: perspectivas lingüísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p.173-203

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LANDOW, George P. *Teoría del hipertexto*. Barcelona: Paidós, 1997.

LEMOS, André. *Cultura da mobilidade*. Disponível em: <http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/6_mobilidades/eixo6_art3.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981, p.57.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.* [online], 2002, v.23, n.81, p.143-160.

WARSCHAUER, M. *Eletronic literacies*: language, culture, and power in online education. Mahwah, N. J., London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1999.

SITE geral do *corpus* da pesquisa. Disponível em: <<http://conceituando-amor.pbwiki.com>>.

ROGER. Disponível em: <<http://cultura-povos.pbwiki.com>>.

BRUNA. Disponível em: <<http://ensaiosobreamorte.pbwiki.com>>.

DAIANE. Disponível em: <<http://estilosmusicais.pbwiki.com>>.

SIMONE. Disponível em: <<http://etssss.pbwiki.com>>.

ROBERTA. Disponível em: <<http://jovenscraques.pbwiki.com>>.

ANEXOS

ANEXO A: RELATO DO PROFESSOR A (VIA E-MAIL)

ANEXO B: RELATO DO PROFESSOR B (VIA E-MAIL)

Acredito que não sabem ao certo que a partir daquilo que eles escrevem passa a ser um pensamento ou algo produzido por eles mesmos, acho que não tem essa clareza e mais, eles tem preguiça de ler aí fica mais fácil copiar e colar, não importa se é eles ou não que produziram, mas torno a dizer não é claro que o que escrevem passa a ser de autoria deles.
BJs

ANEXO C: RELATO DO PROFESSOR C (VIA E-MAIL)

Creio Lidia, que essa questão da autoria deve ser esclarecida ao aluno antes de utilizar esse instrumento, inclusive tentando lembrar aos alunos, que a idéia não surgiu dos autores que colocam seus escritos na internet, pois muitos clássicos da literatura, filosofia, sociologia não estão disponíveis na internet, e muitas vezes são simplesmente ignorados, em suma acredito que antes de utilizar essa ferramenta, temos que estabelecer claramente o que desejamos, ainda mais que esse aluno nos dias atuais, me perdoe o termo, quer se livrar da atividade proposta, não se importando com a qualidade. Por isso copia e cola, fazendo de conta que a ideia é sua, e tudo fica assim mesmo. Mas infelizmente muitas vezes temos somente que aplicar os conteúdos previstos, com a escola se preocupando com uma miscelânea de assuntos que não seria papel da escola....então temos na verdade uma torre de babel....Abraços. Ricardo

ANEXO D: RELATO DO PROFESSOR D (VIA E-MAIL)

Querida colega Lúdia, não sei se entendi bem a tua proposta de pesquisa, contudo irei te responder de acordo com meu entendimento. Acredito que os alunos não associaram bem o bom uso da internet na construção do seu conhecimento. Eles utilizam a pesquisa na internet como forma de "economizar" tempo e não para se apropriar do conhecimento oferecido, como se eles tivessem escrito esse texto. Percebo que há grandes reproduções de pesquisas. Os alunos não informam de quem estão copiando as informações e às vezes eles nem tem conhecimento do quê está sendo informado. Colocam os dados no trabalho, entregando ao professor e são avaliados por isso. O mais chocante é que ganham notas excelentes por este tipo de trabalho... Cabe ao professor orientar o aluno a forma correta de pesquisar na internet e avaliá-lo de uma forma que demonstre que este tipo de trabalho foi válido e que houve aprendizagem. Beijos Marta!

ANEXO E: RELATO DO PROFESSOR E (VIA E-MAIL)

Lídia,

Atualmente tenho as duas realidades: alunos de ensino fundamental e ensino médio. Em ambas há a ocorrência de trabalhos que são resultado de "copiar", "colar". Não se dão ao trabalho de ler, pois a página aparece no final, o texto está cheio de erros ortográficos e de coerência. No ensino fundamental, a cópia acontece esporadicamente, mas no médio, chegam a combinar entre si quem fará o suposto trabalho. Este passará para a turma e eles modificam a ordem dos títulos e ou parágrafos. Tem alunos que, inclusive, copiam uma parte de cada colega, formando uma "colcha de retalhos". Como um texto requer treino, leitura, interesse, vontade... o adolescente, geralmente, não aprecia. Certa vez, um colega professor do técnico marcou um trabalho de pesquisa no início do ano letivo para ser entregue no final deste. A maioria deixou para a última hora, restando apenas "baixar", "copiar" e "colar". Porém, este professor, mais esperto que os seus alunos, no dia da entrega, promoveu perguntas específicas sobre o conteúdo da pesquisa, fazendo com que os estudantes respondessem e explicassem o seu trabalho. Por isso, estou evitando marcar pesquisas. Prefiro trabalhos curtos em aula, em que consigo visualizar o potencial de cada um e orientar para o crescimento individual. Bem, colega! Espero ter colaborado com minha humilde experiência. Abraços! Janine

ANEXO F: RELATO DO PROFESSOR F (VIA E-MAIL)

Cara colega, sou professora de Ensino Médio já há vários anos e me deparo, sim, com trabalhos de pesquisa em que verifico cópias literais de parágrafos ou dissimulações de trechos de textos da internet. O acesso ao recurso da informática para pesquisas tem contribuído muito para que alguns alunos tomem essa prática do "recorte" e "colagem", fazendo com que seus trabalhos se pareçam como uma colcha de retalhos. Que procedimentos são encaminhados ao solicitar um trabalho de pesquisa? Bem, faço uma orientação prévia de que pesquisar não é copiar o que alguém outro escreveu. É necessário que o aluno aprenda o que é uma citação, que ele a identifique em seu material. Também faz-se pertinente levantar o assunto em sala de aula: o que é plágio? É uma prática correta? É condenável ou não? Por quê? São questões fundamentais para uma reflexão e para se deixar claro que, se ocorrer cópia por parte do aluno, ele deve arcar com as consequências. Os educandos nos têm como orientadores seus e é nossa responsabilidade alertá-los, conduzi-los a realizarem um trabalho que atinja os objetivos aos quais o propusemos: aprendizagem, leitura, reflexão, análise, escrita. Quando identifico, então, que houve cópia, plágio, procuro chamar o aluno envolvido, mostrar o erro, dialogar sobre o porquê dessa atitude e proponho uma nova escrita. Se o aluno se negar a refazê-lo, sabe da reprovação do seu ato. Faz-se necessário que a todo tempo e em qualquer oportunidade estejamos formando cidadãos éticos, bons profissionais, conscientes de seu papel na sociedade. Dessa forma, espero ter contribuído com tua pesquisa. Um forte abraço. Adriane Buss.

ANEXO G: RELATO DO PROFESSOR G (VIA E-MAIL)

Olá Lídia,

Temos acompanhado nos últimos anos, a crescente utilização de recursos eletrônicos, por parte dos alunos para consultas e mesmo para a produção textual. Tenho a possibilidade de acompanhar alunos desde o nível da graduação até o nível de Pós-graduação passando por mestrado, doutorado e pós-doutorado. Venho observando que esta ferramenta é utilizada em todos os níveis de formação, porém o que vem preocupando não é apenas o “plágio” dos textos disponíveis, mas sim o fato de esta prática se refletir na dificuldade de expressão não só escrita, mas também falada, dos alunos quando lhes são feitas questões que exijam um pouco de concentração e interpretação. Isto é particularmente evidente em nível da graduação, talvez por ser uma prática comum destes alunos já no ensino médio quando estes deveriam procurar ler muito para desenvolver o raciocínio e assim terem condições de interpretar um texto. Ainda focando na graduação, é possível identificar em alguns trabalhos de conclusão de curso, uma exigência para obtenção do título, a produção feita através de “cópia” de textos pré-existentes fato que desqualifica o profissional e faz perder o sentido a exigência acadêmica. Passando para o nível da Pós-Graduação, embora possa ser identificada esta prática em alguns casos, o que preocupa é o fato de muitos alunos basearem seus estudos e seus projetos científicos, nesse tipo de material cujas informações nem sempre são corretas. A possibilidade de ser ter acesso a informação quase que instantaneamente, em particular em termos de ciência, é de inquestionável valor. Basta fazer uma pequena retrospectiva sobre a produção científica no Brasil nas últimas décadas, mas também devemos ter um olhar crítico e fazermos uma reflexão sobre as conseqüências no que se refere ao desenvolvimento da linguagem e até mesmo cognitiva dos jovens expostos a estes instrumentos.

ANEXO H: RELATO DO ALUNO ROGER

O que viria a ser a da 1ª, a 2ª e 3ª série eu estudei em escola particular no Uruguai. Uma das melhores que tinha. Só que quando tinha seminário de leitura eu fiquei doente, fiquei duas semanas fora do colégio. Daí o que eu fiz? Meu pai tinha muitas revistas Superinteressante, os livros do meu pai, histórias em quadrinhos. Eu peguei e comecei a ler isso aí. Em duas semanas eu me coloquei de novo na turma e aprendi a ler. Eu pegava lá as histórias em quadrinho e pedia ajuda pra mãe e tal e assim fui pegando a manha da leitura.

Naquela semana, quando eles tavam nessa parte de leitura de texto, de aprender a ler, eu fiquei doente. Já tavam com uma base antes. No Uruguai o ensino é um pouco diferente, um pouco mais avançado. Segunda série, na parte de Matemática, multiplicação por dois números, divisão por três números, estudo das rochas, tipos de vulcões, tipo de solos, terras, estudo da gramática do espanhol. O ensino fundamental tem seis anos. Eu estudei três em escola particular e três em escola pública. Primeiro estudei na particular, depois veio a pública. As duas são iguais, o ensino é muito bom.

Para ler faziam o aluno raciocinar, juntar letras, sons, não forçar o aluno a dizer a palavra. Essa palavra tem tal som, se tu juntar tal som... assim que a gente aprendeu a ler. Se tu juntar o o+s+o vai dar oso, que é urso. Eu já tinha pegado isso aí. Naquela semana que eu faltei eles tavam treinando palavras mais complicadas, compor frases. A professora pediu pra minha mãe me ajudar nisso aí. As duas semanas que eu passei fora, parecia que eu não tinha saído da sala. Já tava acompanhando a turma normalmente, e até compondo frases mais complexas, mais compridas. Começava com duas palavras, três palavras, quatro palavras, lia tudo.

Eu tinha horário duplo, ia na escola de manhã e de tarde. De tarde a gente ia pra biblioteca, pegava os livros e continuava treinando, sempre lendo, historinhas de criança. Uma vez a gente começou a pegar os livros das matérias de estudo: livros de Matemática, de História, de Geografia, pra poder praticar mais ainda. Tu já ia com o tema pronto pra sala de aula, sabido do que professor tava falando e já tava avançado na matéria de leitura. Antes de ir pra aula a gente lia a matéria, desde pequeno. O ensino no Uruguai é assim.

Quando eu vim pra cá, havia assuntos que eu havia tratado na terceira e eles tavam tratando na 6ª ou na 7ª. E ainda com o problema que eu não entendia Português, com fonética diferente. O som das palavras foi o que mais me atrapalhou. Não existe no Uruguai a palavra atenção, compreensão. O são não existe no Uruguai, é atencion, comprension. É tudo com

acento agudo. A fonética é diferente. No ão tu abre mais a boca, no sion tu fecha mais a boca e até eu me acostumar com isso aí, foi uns três meses. Eu terminei a aula em dezembro no Uruguai e em fevereiro tava de novo na aula aqui. Não entendia nada de Português, não tinha feito nenhum curso. Se eu aprendesse Português no Uruguai não ia entender nada, porque ia ser tudo no gramatical. Porque varia a fonética de cada região, tem seu jeito de falar.

A professora lia uma frase pra nós pra entender o que estava escrito e depois a gente lia e quando eu fiquei doente era minha mãe que lia. Eu ficava repetindo, histórias e textos. Eu sempre lia em casa, eu e minha mãe. Eu sempre fui apaixonado por leitura.

O processo da escrita foi junto com a leitura. A gente tinha caligrafia, treinava cada letra, escrevia um monte de linhas. Depois a professor fazia ditado e com calma a gente ia montando as palavras, um exercício de escrita. Mas antes ensinava o som de cada letra, que palavra havia com essa letra, bem diferente daqui, eu acho. Eu ouvi falar em Emília Ferreiro aqui, as professoras comentavam sobre construtivismo, ele caía no sistema Positivo. Eu não gosto do sistema Positivo, não faz o aluno pensar. O professor não tem que pensar pra elaborar uma questão porque a questão já tá pronta pra ele no livro. É o que tá no livro e é isso, não tem mais opção. Aqui eu tive que me adaptar ao sistema, o aluno não pensa. Eu falei pro professor, os fatos na história são diferentes, o livro às vezes se engana, não pode seguir o livro a risca. Tem que ter outras bibliografias pra explicar a matéria. O professor dizia que o sistema adotado é o Positivo e tem que ser assim. E eu dizia: então me desculpe mas vocês estão formando mal os alunos. Tanto é que para estudar pro vestibular e agora eu tive que pegar livros da biblioteca da faculdade ou daqui pra estudar pra faculdade. Não consegui estudar pelo Positivo. Esse sistema não me deu suporte nenhum pra poder ir pra faculdade. Procurar os livros, procurar as matérias, porque quem aplica e faz as provas é a ACAFE (Ação Catarinense e Fundação das Escolas e Universidades). A prova deles é em cima de conhecimento geral e o Positivo não é conhecimento geral. Ele vai marcando os fatos. Tal dia aconteceu tal coisa, tal dia aconteceu tal coisa, tal ano aconteceu tal coisa. O sistema do Positivo não comenta fatos da atualidade.

Eu vim pra cá na sétima série daqui. Agora já me e formei e estou na faculdade. Agora minhas leituras são tudo livros técnicos, ou senão pego Superinteressante, revista Náutica, livros de bibliografia em inglês da era naval, livros de ficção científica, comédia, de ação. Eu gosto muito do Dan Brown, já li todos os livros dele: Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto, Fortaleza digital. Todos esses eu já li.

O suporte de leitura pra mim não faz diferença, até porque agora está na moda o blog, o Twitter, essas coisas. O que tu não acha nos livros tu vai no blog. Por exemplo, tu não acha uma informação técnica sobre embarcação. Tu bota no Google, blog sobre embarcação e lá tão as informações que não tem nos livros, comentado por profissionais da área, sempre, constantemente atualizado. Não achou, quer falar com um projetista de lanchas? Vai no Twitter. No Twitter, tem um monte de pessoas. Quer conversar com o Rubinho? Tá no Twitter. Eles postam todos os dias o que eles fazem, se tão com uma dúvida, eles te comentam tudo. Mais poderoso que o e-mail. Ele posta os comentários e tu vai lendo.

Eu criei uma pasta esses dias eu adicionei Luciano Huck, Fernanda Lima, o Rubinho, Felipe Massa, Nelsinho Piquet. E tu vai lá e posta, como é que foi a corrida? Ah! Foi cansativo, com meu carro aconteceu tal coisa, o tempo aqui tá ruim e tal. Estou muito cansado, os testes foram bons. E aí eles vão comentando contigo e com as outras pessoas que tu vai *twittando* assim. O Felipe quando teve o acidente postou: estou me recuperando, fazendo exames, o pessoal mandou força pra ele. O Twitter é muito legal. Melhor que o Orkut pra essas coisas. Ele serve para ter uma comunicação com pessoas que tu não pede pra se comunicar. Quando é que tu vai conversar com o Luciano Huck? Essa pessoa posta o que ela tá fazendo, se ela tá com dor de cabeça, se tá comendo pizza, se vai pra praia... Se tu põe uma questão pra ela, ela te comenta.

Se eu leio no jornal, no blog, no Twitter, o sentido não muda. Minha preferência é meio digital. Eu acompanho a náutica, agora a minha cabeça é tudo água. Ontem me convidaram pra embarcar num iate e trabalhar na temporada agora e viajar pela costa brasileira num iate. Daí já visitei iate, dono de iate, dono de estaleiro. A gente testou carro, testamos iate. Tudo ontem de tarde, antes de viajar, no computador. Eu leio geralmente quando eu acordo ou depois da aula. Às vezes eu consigo pegar material na faculdade, a Náutica, o jornal Catarinense. Mas os pôsteres, os blog e Twitter eu pego sempre depois da aula.

A minha história com o computador começou com cinco anos, quando entrei na escola. Eu já tinha informática e inglês na primeira série. Eu usava mais livro do que computador. Eu produzia textos bem simples, depois que já passava o processo, inventava historinhas. A professora dava um tema: você no mar, você na cidade. Então tinha que fazer uma historinha curta, de algumas linhas, pra se acostumar já com os processos digitais. Tudo a gente tinha que inventar.

É errado copiar, tu tem que ter tua própria identidade. Às vezes tu tem que pegar ideias pra tu compor a tua. É a opinião dos meus pais também. Dar um *ctrl+c/ctrl+v* é muito fácil, mas se tu acessa ele pra formar a tua ideia, isso é o que importa. Não fazer um trabalho todo copiado da imagem de um trabalho, daí tu tá fazendo um “xerox”. Eu uso um pouco a cópia pra pegar a matéria. Eu pego a cópia, interpreto essa cópia e dessa interpretação minha eu pego o meu pensamento. Eu uso como fonte, não como meu texto, que daí eu tô criando um “xerox”. Na verdade eu não gosto de copiar, eu gosto de ter a minha identidade própria com as minhas palavras. Eu leio e escrevo meu texto. Se é pra copiar, eu copio frases que tem no texto e indico. Aparece a frase sublinhada, entre aspas, com frase¹ em cima, em forma de exponencial. Autor tal, texto tal, retirado em momento tal, de livro tal ou site tal. A referência aparece dentro do texto. Na minha casa todo mundo usava e usa o computador.

Eu sou apaixonado por náutica, meu pai já é da construção naval, já era da área e sempre tinha revistas de náutica em casa. Foi assim que eu peguei a manha de ler. Pegava as revista e ia lá pra ler. Ô pai, o que é croa, o que é polpa, o que que é boreste, bombordo? Eu já era apaixonado pelo mar... Agora tô estudando construção naval em Itajaí.

No início eu usava o computador pra escrever historinhas que eu imaginava, depois pra compor trabalhos. Eu ia aumentando as historinhas e depois a professora dava desenhos, folhas com desenhos interativos pra gente interpretar e a gente imaginava e escrevia. O vulcão tem tal cor, tem na Cordilheira dos Andes, estão tanto do lado do Chile quanto da Argentina, são topos de neve, ele se formam por tal motivo. O colégio que eu estudei nos três primeiros anos era o Colégio Clemente Estabile, que era um instituto científico que tem no Uruguai. Então eles incentivavam o conhecimento das ciências já nas primeiras séries, tudo no computador.

Era fantástico, eu aprendi a pensar com o computador e com livros. Primeiro usava só os livros, depois usava o computador. Fazia os rascunhos à mão depois fazia outro no computador. Às vezes fazia o rascunho no computador, quando ficava bom, passava à mão para entregar. A gente entregava à mão por causa da caligrafia.

A nternet a gente usava pra visitar a página do colégio sobre material da aula, no Uruguai. A internet tem a minha idade, surgiu em janeiro de 1992. Eu nasci na era da internet. O telefone celular foi em 1985, aí em 1992 era internet militar, em janeiro de 1992, foi inaugurado oficialmente o serviço internacional de internet. No Ensino Médio tu fica sabendo

dos fatos que acontecem pelo jornal, mas contados de um jeito mais leve, não é do jeito que aconteceu, chega de um jeito mais incompleto. O que que eu faço: eu procuro no jornal o local que saiu o fato e vou na internet. Por exemplo, na Zero Hora saiu, no Uruguai teve tempestades, só isso, não fala mais nada. Então eu complemento minhas informações no jornal do Uruguai pela internet. Eu tenho espanhol e pra praticar eu continuo lendo jornais em espanhol. Eu falo e escrevo inglês fluente, então procuro no *The New York Times*, no *BBC* e vou acionando outras fontes e mais da minha área, claro, desde pequeno, pra gente não se saciar só com o que está ali. E vai procurando... E vai procurando...

No Orkut tem as comunidades do curso, alguém vai lá e posta uma novidade de material. Eu gosto muito de escrever, tenho dois trabalhos apresentados na Mostratec, três trabalhos na Comunidade Científica no Luterano, relatórios das feiras de ciências. Eu crio minhas ideias, fundamento e publico elas. Tenho os relatórios da Mostratec, os experimentos da Mostratec, publicações em enciclopédias eletrônicas, entrevistas em jornais e redes de televisão, os trabalhos e relatórios aqui do Luterano. Tudo publicado no Instituto Biosfera de Goiânia e se não tiraram, tá tudo lá.

Também participei de um concurso da plataforma Lattes pra escrever uma frase sobre a relação do homem com a natureza no mundo atual. Eu tive que publicar uma frase no CNPq e eu ganhei. A frase está no concurso do CNPq de 2008. Agora estou trabalhando num projeto para trocar a madeira por plástico no revestimento em convés de embarcações. Estou no segundo período naval, tem que ser esses materiais. Em parceria com a professora do desenvolvendo esse projeto e quero publicar no meio digital e escrito.

Ser autor nesse ambiente, criar um texto do zero, mais na área naval, em medicina, em qualquer área, é complicado. Pega um pensamento, dá tua opinião sobre o pensamento, e reformula esse pensamento ou fortifica teu pensamento. Porque ser autor num texto, não é um único autor, pegou umas informações de outros autores. Um texto é feito de vários autores, não de um autor só, ainda mais no meio digital. Num blog, o dono do blog é autor de umas frases, mas junto com ele outras pessoas postam nesse blog e vão ser autores também no blog. Então não é composto por um autor só, são vários autores.

Meu site tem ideias próprias, não peguei nenhuma de fora, tudo eu escrevi, digitei todo ele. Complementei com imagens. As imagens são meios de expressar com um olhar só, o que tá escrito ali. Tu pode interpretar através da imagem, o que tu tá pensando naquela hora. A

imagem é um texto, ela complementa, ela não fala por si. A música pode influenciar as pessoas, então é um pensamento e uma reflexão para as pessoas. Eu coloquei *Imagine*, também coloquei um deserto, coloquei um caminho com árvores verdes e uma onda, acho que coloquei. Com essa três imagens e escutando a música ao mesmo tempo, tu podes imaginar aquela cena, imagine todas aquelas pessoa numa paz só. Deixa as três imagens criar uma paz dentro da pessoa e tenta transmitir isso pra outras pessoas. Isso eu quis dizer com a música e as imagens juntas. Se tu coloca uma imagem de tranquilidade junto com uma música de tranquilidade, tu faz com que a pessoa comece a pensar: imagina se pudesse acontecer isso.. Então ela vai lá e fala pra outra pessoa e transmite um sentimento de tranquilidade pra outra pessoa, daí isso se torna contagioso, vai influenciando.

Eu conheço muita gente por causa dos projetos. Fui convidado por muita gente, não fui porque não tinha condições financeiras de patrocínio, ninguém queria patrocinar os projetos. Fui convidado pro Egito, pros Estados Unidos, pra Turquia, pra Alemanha, Dinamarca, Chile. Eu fui convidado pro mundo todo, eu conheço e ainda falo com essas pessoas. Quando tu vier em Istambul tu me fala que te busco no aeroporto e tu vai conhecendo. Eu tenho amigo de outros estados também. Contato é fundamental.

A atualização no meio impresso, no jornal, é de 24 em 24 horas. A atualização no meio digital é de 24 em 24 segundos. No livro tu pensa como foi naquela época. Pega um livro do Julio Werner, *Viagem à lua*, *Viagem ao centro da terra*. Quando é que a gente ia imaginar essas coisas? Ele tinha uma imaginação fantástica. Eu li a *Viagem ao centro da terra*, é apaixonante.

A atualização do meio digital e do meio escrito muda. No meio digital ela continua se transformando. Daqui a uns dez anos, vai pegar um livro do Dan Brown ou Julio Werner, tu vai saber como é que eram as coisas naquela época. A internet não te proporciona isso. O meio digital não te proporciona isso, de te dizer como eram as coisas naquela época. O meio digital vai continuamente avançando e vai apagando as memórias. Os livros não apagam as memórias, tu não tem como apagar a memória do livro. No meio digital tem essas memórias, mas é difícil encontrar elas, porque elas vão se atualizando e elas vão se perdendo. É muito difícil tu encontrar um livro do Érico Veríssimo na internet. Como é que era naquela época que o Erico Veríssimo escreveu os livros dele. Filmes daquela época não têm, só gravações de pouco tempo, recente.

Eu via aqui no colégio o *copia e cola*. O pessoal tinha preguiça de escrever, pegava o trabalho um do outro, copiava mudava as palavras, botava o nome e vai. O professor descontava nota. Tu não cria uma identidade própria copiando. Copiar é muito fácil. Vou lá, leio um texto, marco um texto, copio as frases. Mas tu não tá criando uma identidade própria.

Agora na viagem eu trouxe quatro livros de química, dois de construção naval. É uma mala de livros para estudar no feriado. Viajei eu e os livros. Ganhei um notebook de aniversário. Tá sempre comigo. Se eu tô em casa, tá ligado sempre o computador: skype, MSN, internet, tão tudo ligado, sempre. Ele só dorme, descansa quando eu vou dormir. A UNIVALE colocou wireless em toda universidade, 54 MB. Uma potência. Os professores tão de notebook, os alunos tão de notebook., a gente faz aula melhor. Os professores mandam a aula por e-mail e a UNIVALE tem o Teleduc, que é ensino a distância. O professor cria uma teleaula, manda pros alunos, vão assistindo a aula pelo processo. É só captação de conhecimento, às vezes o aluno pega melhor do que na sala de aula, aprende mais.

Eu digito, tá memorizado. Eu leio um livro em inglês da área naval, que tem poucos livros em português. Leio o livro, faço rascunho à mão, depois digito, mas ainda tá tudo na minha cabeça. O rascunho eu faço em tópicos, à mão, depois eu desenvolvo no computador. Esse tópico eu desenvolvo no computador sem consultar. Só se é muito técnico, por exemplo química, daí eu levo o livro pra consultar ou pela internet.

Durante a aula eu registro e guardo as áreas mais complicadas, Física, essas matérias. O Autocad é só treino. Tu tem que ler e fazer, ler e fazer, desenho técnico. Mão esquerda no teclado, direita no mouse. Se tá com coceira, pega o mouse e coça com o mouse. É o único jeito de trabalhar no Autocad. Agora já peguei a manha. Tu tem a tela aqui, tu vai digitando os comandos, linhas, é tudo com as primeiras letras principalmente. Tu vai clicando, tu vai fazendo desenho sem olhar pra tela, sem olhar pro teclado. Só vai fazendo, o mouse é minha mão. Tem que ter domínio do mouse e do teclado: aqui tu tá com o mouse, aqui tu tem que dar os comandos no teclado.

Na naval tempo é dinheiro. Se tu demora dois dias pra fazer um projeto no Autocad e tem um cara que faz em duas horas pra ti, tu não vai querer o cara que faz em dois dias. Tu vai querer o de duas horas. Tu tem que tá continuamente treinando. Por exemplo, eu agora digito sem olhar pro teclado. Eu já me lembro das teclas e vou digitando. O Autocad é um programa de desenho técnico no computador. Tem que comandar as duas mãos ao mesmo

tempo, pensar no desenho, apertar no desenho, passa isso aí pro teclado. A coordenação motora tem que ter. Precisa estar afiado, ouvido afiado. O professor passa o comando, tu já vem aqui e pah, faz. Tu tem que ter agilidade, se tu não tem agilidade, tu fica pra trás. Eu chego da aula e começo a treinar. Três horas por dia eu treino.

A palavra autor remete a expor a tua idéia, teu pensamento, teu conhecimento. O que eu publiquei, eu estou expondo a minha ideia, meu ponto de vista, sobre determinado assunto. Isto é ser autor: explicar uma história, o que aconteceu, os fatos, as pessoas, a paisagem, tudo. O meu pensamento. Não tenho a prática do *copia e cola*. Copiar é não criar a tua identidade.

A idade é um número que é colocado pra nós, só. Às vezes o pessoal bloqueia seus pensamentos e não permite que ideias novas entrem nas cabeças deles. Não querem avançar, se modernizar, aprender novos processos. Não querem ver algumas coisas. Às vezes não tem preconceito, medo de não dar conta. Tem medo de pessoas que levaram muito tempo pra aprender uma coisa, os jovens aprendem em cinco minutos. Então tem que ser do jeito clássico. Coisas novas pra eles, às vezes não concebem o fato do aluno ter um melhor rendimento, ter um pensamento mais rápido, mais ágil frente ao professor. Então o professor quer comandar o aluno. Então não deixa expor suas ideias. É a hierarquia: eu sou professor, quem manda sou só eu. Não permite que o outro aluno tenha um conhecimento superior. Eu já bati de frente com o professor de História, principalmente com o professor de História espanhola. Eu falei, desculpa professora, mas do meu ponto de vista não é assim. Porque a história é contada do lado que beneficia a pessoa. Não pra todo mundo. Por exemplo, uma coisa bem simples: aqui não se comemora o descobrimento da América. O descobrimento da América foi dia doze de outubro e se comemora o dia das crianças. Toda a América comemora o descobrimento da América no dia doze de outubro, no dia que Cristóvão Colombo chegou nas ilhas do Caribe. O Brasil lembra, mas como ele partiu da Espanha, não quer conceber esse fato. Mas o Cristóvão Colombo era genovês, era italiano, não tem nada a ver. Pedro Álvares Cabral chegou depois que o Colombo e esse é lembrado. Essas são as coisas que o professor não quer passar, não são todos os professores, alguns, os que continuam com os métodos tradicionais. Que é o que acontece com o Positivo. O Positivo não permite que o aluno expanda seu conhecimento.

ANEXO I: RELATO DA ALUNA BRUNA

O meu pai era muito pobre e teve que estudar muito para chegar a algum lugar. Meu avô disse que se ele quisesse crescer e ser alguém na vida ele tinha que estudar muito. Então ele se esforçou muito para passar no SENAI e depois entrar no curso. Depois ele fez Administração e Comércio Exterior na UFRGS. Ele sempre estudou em escola pública e teve que se esforçar e estudar mais que os outros. Era mais difícil porque o ensino era de menos qualidade.

Meu ensino sempre foi muito rigoroso. Eu sou a mais velha, tenho dois anos de diferença do meu irmão. Quando entrei na fase de aprender, meu pai começou a nos ensinar a ler. Quando entrei no Jardim ele já me ensinou o alfabeto porque ele queria que eu soubesse o alfabeto antes das outras crianças. Ele comprava os caderninhos pequeninhos e começava a me ensinar nos caderninhos e fazia escrever o alfabeto inteiro. Ele me ensinava a juntar as letras do tipo $b+a=ba$, assim de forma bem simples.

Depois do alfabeto ele começou a comprar livrinhos de historinhas pequenos, lia pra mim e depois fazia eu ler a história para ele. Uma vez ele me trouxe um livro mais grossinho, de sessenta páginas e disse pra mim que eu tinha dois dias para ler esse livro. Depois disso eu deveria ler o livro para ele sem errar e gaguejar. Então eu me puxei muito para ler aquele livro e impressionar ele. E quando eu errava, ele fazia eu repetir tudo de novo. Então para eu não ter que ler tudo de novo eu me puxava muito antes para ler corretamente e não passar todo trabalho de novo.

Eu aprendi a ler e escrever antes de entrar na escola, sem professor. Quando entrei na escola já sabia ler e escrever e isso me cansava, porque quando os outros aprendiam eu já sabia. Então meu pai pediu para me trocarem de série, mas eles não permitiram. Eu também desenvolvi a matemática antes de entrar na escola, antes das outras crianças. Quando eu fazia contas de multiplicação com dois dígitos, eu errava porque usava a técnica mais difícil que eu já estava aprendendo em casa. Na escola eu usava a mais simples, mas com o pai em casa eu precisava usar a técnica mais difícil.

Depois meu pai implantou o sistema da mesada em casa. Eu tinha que fazer por merecer. Tudo que eu aprendi com meu pai, eu tinha ensinar para meu irmão. Eu tinha que ensinar o alfabeto, a escrita, a leitura, a matemática, tudo que aprendi eu tive que ensinar para ele. Cada dia da semana tinha uma matéria para ensinar para ele.

Nossa família é muito unida porque somos sozinhos aqui e andamos muito juntos. Sou muito apegada ao meu pai e quando saíamos de carro, ele andava bem devagar para ir lendo as placas, juntando as letras e tal... Minha mãe é mais da matemática. Ela me ajudava mais nas contas e meu pai é mais da leitura, porque o trabalho pede. Eu via ele lendo bastante livros de administração e jornal.

Quando eu fui fazer o vestibular ele me disse para ler bastante jornal, porque além de trazer vocabulário, vai te trazer para o mundo real, atual. Eu peguei o hábito de ler Zero Hora todo dia. Na escola eu tive a influência dos professores de História. Eu adoro História e Literatura. Tenho livros grossos de Literatura e meu professor me recomendava ler revistas que contam a história da inquisição, da ditadura... porque isso fazia parte da história. A leitura me ajudava bastante, eu tenho um gosto muito forte pela leitura.

Foi aí que eu escolhi meu curso, Direito. De tanto que eu desenvolvi a Matemática quando eu era mais nova, mais do que a leitura, enjoei da Matemática e desenvolvi mais a leitura. Direito é basicamente leitura todo curso.

Quando eu treinava para ler, eu lia em voz alta. Meu pai também lia bastante histórias em voz alta para mim. Eu sempre precisava e queria ser a melhor da turma. Em Português eu era a melhor da turma. Eu sempre gostava de me apresentar e treinava a leitura em voz alta na frente do espelho e pedia para mãe se estava bom.

Meu pai sempre deixou muito claro que não era para copiar dos outros. Ele preferia que eu tirasse um zero do que se decepcionar por ter copiado dos outros. Eu tinha medo de decepcioná-lo. Ele me puxou seriamente a orelha uma vez que eu coleí na 5ª série. Foi a única vez que eu coleí porque meu pai falou que preferia me ver tirando um zero do que um dez que não era meu. De que adiantava eu passar a matéria sem aprender o que devia? Senti remorso e nunca mais consegui colar. Meu pai já pagou muita aula particular de Física porque eu tinha dificuldade. Era bem fácil de colar, mas eu travava e não conseguia. Eu tinha mais medo de levar um xingão do meu pai e decepcioná-lo do que do professor. Eu não consigo mentir. Até sobre meu primeiro beijo, cheguei em casa chorando por me sentir culpada e contei para meu pai. Eu não consigo mentir.

Eu tenho a personalidade bipolar. Sou muito extrovertida e ao mesmo tempo muito tímida. Uso minha extroversão para me enturmar. Quando mais tímida eu sou, mais eu converso. Meu primeiro dia na Faculdade foi terrível. Ao mesmo tempo que sou muito feliz,

eu sou muito braba. Eu tenho os dois extremos de uma personalidade. Eu sou bipolar. A minha mãe é a calma, a paciência. Meu pai é agitado, é compulsivo e eu peguei os dois lados, eu sou uma mistura dos dois.

Hoje eu gosto de ler sozinha. Eu não consigo ler com barulho, ele me desconcentra. Leio em qualquer lugar, mas preciso me concentrar. Adoro ler romance, mas não tenho tido tempo porque o curso pede livros técnicos, uma leitura mais chata. Gosto de ler revista de história porque me traz o passado das coisas e curiosidades que ampliam meu conhecimento. Até os exemplos que eu posso dar são melhores.

Eu não consigo ler no computador porque tenho miopia e os olhos me doem. Em função da gripe suína fizemos aula a distância e eu não gostava. A leitura do computador me distrai, dispersa porque tu já vai para o Orkut, MSN, tu não fica na leitura. Eu passo muito tempo na frente do computador, até para besteiras, mas para ler ele me distrai, não gosto. Prefiro ele para realizar trabalhos, pesquisar algum assunto para mandar por e-mail, por exemplo. Se eu pudesse fazer um trabalho a mão eu faria a mão. Ainda sou meio antiquada. Preciso escrever a mão para gravar o que escrevo.

Escrevendo no computador é mais fácil de copiar: ctrl+c/ctrl+v, é mais fácil de copiar. Na escrita a mão tu não pode ficar olhando para copiar a toda hora. Tu tem que prestar mais atenção até no jeito que tu escreve e te coloca. Acontece também de copiar, mas quando tu escreve, ao invés de digitar, tu presta muito mais atenção ao que tu tem que escrever, então tu pega muito mais fácil a matéria que tu tá escrevendo. Quando tu digita, é automático tu escrever. Tu nem olha pro teclado pra escrever. Os jovens hoje em dia escrevem automaticamente. Escrever no computador me dispersa. Se escrevo no computador, dez minutos depois eu esqueço o que escrevi. Não sei se o computador me dispersa ou escrevo e nem olho o que escrevi e ponto. Nem olho.

Na aula alguns colegas usam notebook para escrever e eu não consigo. Um dia anotei uma aula no notebook e o professor me fez uma pergunta e eu não soube responder. Eu devia saber porque estava anotando tudo e não sabia. Numa outra matéria anotei no meu caderno, o professor fez uma pergunta e eu sabia. Então eu repito o que o professor fala quando eu escrevo, porque eu vou mais devagar então eu tenho que repetir o que falou para poder escrever tudo.

A máquina é mais automatizada e eu não consigo acompanhar essa aceleração ainda, o meu cérebro. Eu preciso ir devagar e memorizando. No computador tu escreves e depois precisas ir lá e ver o que tu escreveste.

O computador te aproxima de muitos meios que sem ele tu não conseguirias se aproximar. Ele te aproxima e facilita o ensino. A interação é muito mais rápida, tu tens qualquer pesquisa muito mais perto. Às vezes tu não tens a noção da origem, da história e significado de uma palavra que tu estás lendo. Então tu vais no Google e pronto. Sem ele seria mais difícil, seria necessário ir até uma biblioteca para saber.

Quando meu pai resolveu comprar um computador lá pra casa eu e meu irmão fizemos um curso de informática para aprender a mexer no computador. Depois na escola, no Laboratório de Informática, a gente tinha que fazer os textos digitados e aí eu já sabia. Depois veio a internet. Todo mundo tinha MIRC e CQ, que eram os MSNs da época, quando eu tinha 12, 14 anos. MSN eu fui ter muito tempo depois, porque daí que foi ter internet em casa, depois de saber mexer. Foi mais lento. De início usava o computador para digitar.

Com a internet mudou tudo, tudo ficou mais simples, mais rápido. Além das informações, qualquer dúvida que tu queres tirar com um professor, tu mandas por e-mail, pergunta pra um colega, procura indicação de livros ou pesquisa na internet. Ficou muito mais fácil o acesso. Mas também a gente se dispersa um pouco. Tem muito mais coisas para fazer além de estudar: o MSN, Orkut.. Com o livro não, sou eu e o livro no meu quarto. Eu vejo os meus colegas no MSN durante a aula. Eu não faço isso porque teria muito mais trabalho depois para estudar a matéria que está sendo trabalhada porque não consigo me concentrar.

Eu nunca fico satisfeita com um texto meu que produzo na internet ou a mão. Sempre fico me cobrando mais, achando que falta uma coisa aqui e ali. Não tenho a prática do *copia e cola* e não acho certo porque não acho que é uma coisa minha, não é uma opinião minha, então não faço. Quem copia sabe explicar o texto, mas não sabe explicar a origem daquele pensamento, não tem argumentos para fundamentar a escrita. Eu concordo em pesquisar, tirar ideias de outras fontes, mas *copiar e colar* não. Alguém que *copia e cola* não se aprofunda muito.

A internet mudou minha forma de escrever textos. Antes era mais simples de escrever, o texto era mais básico. Com a internet tem mais fontes, acessos mais rápidos, a história. Sem

a internet tu não pesquisaria tanto, não buscaria tantos livros e outros materiais como se encontra na internet. O texto não seria tão abrangente, não teria tantas informações.

Quando busco textos da internet para escrever sempre indico da onde eu tiro. Tanto no Ensino Médio quanto na Faculdade é necessário indicar a bibliografia de onde se pesquisou. Vejo muitos colegas simplesmente *copiando, colando* e mudando algumas palavras. Quando um texto é *copiado* para um outro texto o sentido dele muda. É um outro texto. Ele pode ter as mesmas ideias ainda, mas o sentido muda. O texto não é o mesmo. O que tu tá querendo te referir não é a mesma coisa que o outro texto, o primeiro texto.

Na escola era mais fácil *copiar e colar*, os professores não analisavam tanto. Na Faculdade, quando os professores descobrem que o aluno copiou eles dão zero e se o aluno questionar dizem no meio da aula. Tu tirou zero porque tu copiou e colou e anulam o trabalho. Os professores se dedicam mais a sua área, fazem perguntas e testam os alunos. Se tu copiou, de alguma maneira tu vai te contradizer.

Nem sempre consigo organizar minhas ideias de forma a expressar o que eu quero. Às vezes não consigo colocar as palavras certas, nas ordens certas. Chego até muito perto, mas às vezes não consigo dizer exatamente o que quero, mesmo porque tenho muitas ideias, embaralhadas. Vou e volto no texto. A organização depende de métodos de escrita: pontuação, introdução, conclusão... Isso é mais fácil de aprender.

Eu não sei se tu é autor toda vez que produz um texto ou sempre que tu é original. Eu nunca me sinto autora. Eu acho autor uma palavra muito forte. Quando falo em autor eu penso em Machado de Assis, Marta Medeiros. Eu fiz o trabalho, eu sinto que é de minha autoria, mas autor é muito forte e remete a grandes autores. É meio que uma anulação. É da minha concepção, como um doutor, sabe. Eu imagino doutor como uma pessoa formada em doutorado. É como autor. Todo mundo é autor de uma obra sua, mas eu só vou pensar em autor de livros, de revistas, de matérias, de pessoas importantes. Não me sinto autor do meu trabalho, por mais que eu saiba que tenha sido eu que tenha feito. O trabalho pode ser de origem só minha, sem um outro texto dentro, nada. Eu vou sentir que o trabalho é de minha autoria, mas eu não vou me sentir autor.

No filme cada fala foi só minha. Pra criar isso, tem muitas outras influências do meio. Eu fiz o trabalho de ir lá todo dia, pra ver a vida deles, pra ver como é que eles se sentiam, para ver as diferenças do mundo deles e do nosso mundo. Conversei com professores, com a

Diretora da APAE. Eu entrei em histórias, geralmente histórias tristes. Tu te coloca no meio, pensa como se fosse teu irmão ou filho assim, e pensa no cuidado e proteção que tu queria ter, que é maior que os outros que são normais. A partir do momento que tu pensa e te coloca lá e pesquisa, tu consegue ter uma proximidade maior pra conseguir trabalhar a música, cada detalhe. Quando tu convive ali por pouco tempo, duas semanas como eu convivi, tu pega o jeito, cada detalhe. Ele te passa uma alegria e ao mesmo tempo uma dor assim no coração, sabe, porque eles são muito carentes. Eu queria passar tudo aquilo que eu vivi, o que ouvi e toda a arrogância do mundo diante dos problemas dos outros. Pisando em cima de todo mundo pra crescer e aumentar e o tempo voa. São os pequenos detalhes que as pessoas passam. O drama de cada um, senti através da música. Toda a arrogância do mundo diante do problema dos outros. Ninguém mais se importa com a vida do outro. O drama de cada um. Se tu tá bem, tu tá, se não tá, não é problema meu. Então por isso que no filme aparecia. A minha personagem é extremamente arrogante que passava por cima de todo mundo, pensando nos seus interesses Quando tu para, tu tira um tempo pra cuidar de um probleminha do outro, de analisar cada detalhe do gesto do outro, tu valoriza isso. Tu valoriza muito. Eu aprendi a valorizar muito mais o abraço de um amigo. Ele te abraça, ele te beija, tu começa a gostar daquilo. O Roger, que fez o autista, é muito interessante porque é muito tímido, extremamente tímido... Ele era amigo do meu irmão e quando ele foi a primeira vez lá em casa eu falei oi pra ele e ele ficou vermelho. Era pra meu irmão fazer o papel, mas ele é muito extrovertido. Só que, por ser extrovertido, não ia ser tão natural. Porque ele teve que se puxar pra fazer aquilo, então ele tinha vergonha de fazer aquilo. Ele tinha vergonha de fazer aquilo e às vezes isso aparecia. Então ficava exatamente do jeito que tinha que ficar no filme, com aquela carinha quieta, sem entender nada. Como ele errava muito os movimentos e balanços e as falas que tinha que fazer, ficava certo porque era exatamente assim que tinha que fazer. Eu demorei muito pra convencer ele a fazer aquilo. Eu tive trabalho pra convencer: ah, o filme vai ficar bom, por favor!!! O filme vai para o festival essa semana, o cinema de curtas gaúchas.

ANEXO J: RELATO DA ALUNA DAIANE

Meu primeiro contato de leitura foi aos três anos. Lembro que ganhei meu primeiro livro de histórias, minha primeira coleção de contos de fada e tal. Eu via minha irmã lendo, que já estudava. Ela brincava de escolinha comigo, como se diz. Ela era professora e passava algumas atividades com nomes e letrinhas para mim, para escrever meu nome, palavras com três letras. Coisas bem simples. Foi ela quem me ensinou a ler, eu olhava as gravuras e dizia o que eu via e o que estava escrito.

Eu gostava muito que minha mãe lia para mim. Eu lembro que as histórias eram fáceis, com bastante gravuras e às vezes ela perguntava o que eu estava vendo nas gravuras e aí eu contava do meu jeito a história.

Eu lembro que eu só copiava texto dos outros para treinar minha caligrafia, para acentuação, pontuação, para ir decorando isso. Os meus pais falavam que não era legal copiar texto dos outros. Em trabalhos eu geralmente ia na biblioteca pública, tirava “xerox” das partes que eu precisava, trazia para casa, lia e resumia do meu jeito. Depois minha mãe lia e dizia se estava bem. Se não estava, e eu fazia de novo até ela dizer que tava bom

Eu já vi muitas vezes colegas copiando textos dos outros. Quando os professores davam tarefas de uma semana para outra e esquecia de fazer ou deixavam os trabalhos para a última hora, principalmente textos de Português, iam no Google ou num site desconhecido e copiavam os textos, para ninguém saber que tinham copiado os textos.

Toda semana eu retiro livros para ler. Gosto muito de ler e leio na sala ou sozinha em casa. Quando termino minhas atividades na escola e não tenho outras tarefas, eu leio, mas geralmente o barulho dos colegas me atrapalha e eu não consigo prestar muita atenção. Então eu gosto de ler sozinha em casa, na minha sala.

Já lia muitos livros na internet. Baixei cinco livros de alguns sites e lia ali. Como me dava muita dor de cabeça por causa da tela, agora eu leio mais no livro. Leio algumas partes de jornal que me interessam como esportes e revistas de fofoca. Mas o que me influenciou mais a gostar de ler foi o computador. Eu comecei a ver minhas amigas que me mandavam sites com crônicas, do tipo que eu gostava como da Marta Medeiros, e daí comecei a ler nesse espaço.

O computador para mim é um meio de comunicação com as pessoas. Tem muitas pessoas que vejo pouco durante a semana e então converso pelo MSN. Também é uma fonte e um meio de pesquisa para tirar nossas dúvidas.

Meu primeiro contato com o computador foi na escola. Já na pré-escola a gente desenhava no Paint e escrevia o nome dos desenhos e nosso nome. Eu não tinha computador em casa e usava mais na escola. Adorava ir nas poucas aulas de informática. Eu não tinha dificuldade com o mouse como a maioria das crianças tinha. A gente desenhava mais, acho que fazia parte dos planos de estudo do professor e daí fazíamos trabalhos para desenvolver a coordenação motora. Essas coisas.

A internet mudou minha forma de escrever, mas não que eu uso abreviações. Eu não uso abreviações até porque uma época eu comecei a usar e elas me atrapalharam minha maneira de escrever e agora não abrevio mais. Quando digitava textos escolares, me atrapalhava bastante e agora não uso mais.

O computador mudou minha maneira de escrever porque eu acho bem mais prático escrever no computador. Tudo que eu posso eu faço no computador. Várias normas como parágrafos e normas eu aprendi no computador, não foi na escola. Como leio bastante no computador, peguei de alguns textos para meu modelo de escrita.

Para fazer minhas produções textuais, sempre leio antes sobre o tema em uma revista ou um site para me informar e não escrever bobagens. Leio as informações e depois escrevo meu texto. Às vezes copio partes de site, mas coloco a informação da autoria. Às vezes quando copio trechos de livros, eles geralmente ficam com o mesmo sentido até porque quando vou procurar textos, é para ficar com o mesmo sentido.

O computador mudou minha forma de escrita que antes era meio simples e agora consigo uma escrita mais adulta e mais complexa. Sempre escrevo e falo o que penso nos textos que escrevo, mesmo que desagrade os colegas ou a professora. O que me influenciou bastante meu modo de escrita, foram os textos que costumo ler.

Acho a prática de *copiar e colar* no computador totalmente errada. O autor usou suas palavras, se empenhou para escrever o texto dele e sem falar que não se aprende nada *copiando e colando*. Acho isso errado e não tenho essa prática e não concordo com meus colegas quando eles fazem isso. Esse instrumento está sendo usado de forma errada. O texto

da internet está lá para ser usado como um conhecimento a mais e não para usar e colocar meu nome.

Eu nunca entreguei trabalhos de escola copiados da internet. Mas já vi meus colegas entregando. Os professores anulam os trabalhos, os alunos precisam fazer outro valendo 4 e precisam escrever na frente deles na sala para ter certeza que foram eles que fizeram.

Me sinto autora quando escrevo crônicas, que é o texto que mais gosto de escrever e quando eu escrevo algo para alguém como carta. Só isso me faz sentir autor. Em crônica tu dá a tua opinião, e para escrever textos dissertativos, tu leu e aprendeu com alguém algum assunto e daí escreve sobre isso.

Como tive que fazer muitas pesquisas antes de começar escrever, acredito que devo créditos aos livros e sites que li, até conseguir redigir o texto. Sinto-me um pouco autora sim, mesmo tendo feito pesquisa, pois os textos utilizados foram de minha autoria fazendo com que toda vez que lesse, ficasse orgulhosa de minha escrita. então eu não me sinto autor disso.

Nem todos têm acesso aos diversos tipos de mídia. Penso, que a internet facilita muito, e é um meio de mídia rápido e eficiente. Como meu assunto foi sobre música, além de ler bastante, cuidava qualquer sinal de música na televisão, entrevistas, reportagens... Tive uma oportunidade de utilizar todos os tipos de mídia, fazendo deste trabalho algo bem diverso. Se não tivesse auxílio dessas ferramentas, acho que o trabalho não teria ficado nem um pouco parecido com o que ficou.

Sempre gostei de escrever, dar minha opinião e discutí-la. Ouvi diversas pessoas fazendo com que meu conceito sobre algumas coisas citadas no trabalho, fosse revisto. E não vejo algum ponto negativo nisso. A sensação de missão cumprida, acho que é a melhor de todas. Senti um alívio quando terminei.

ANEXO L: RELATO DA ALUNA SIMONE

Eu não me lembro como eu aprendi a ler e escrever. Lembro que aprendi a escrever no jardim. Me lembro que fazia umas letras compridas, cheias de pernas. Eu não tive dificuldade para ler e escrever porque quando estava na primeira série, eu era uma das alunas mais inteligentes, assim. Eu muito inteligente, não era a que mais se preocupava, mas eu me empenhava. Eu aprendi juntando letras e depois sílabas, daí fazendo sons.

Eu lia livrinhos de criancinhas, coloridos, de bichinhos na sala de aula e em casa. Em casa toda semana a gente tinha uma hora de leitura. Minha mãe inventou isso para incentivar a leitura, mas isso não deu certo muito tempo porque meu pai e meu irmão desistiram de ler. Eu leio bastante, até agora.

Pra mim nunca teve esse negócio de ler historinhas antes de dormir. Ninguém lia pra mim, meu pai não gosta de ler. Me lembro dele lendo livros de reportagens. Eu prefiro ler livros, que eu posso pegar na mão, mais é romance. De aventura, suspense eu não gosto.

No computador eu converso com os outros, não gosto de ler livros no computador. Gosto de conversar com os outros no computador. Eu leio notícias no computador. Vou a blogs e sites e leio notícias, tipo um jornal. Procuro acontecimentos importantes no computador. Nas revistas eu só leio certas partes. Livro pra mim não serve o virtual, ele não é de verdade. No computador ele só um monte de folhas que representa o livro, mas ele não é o livro. É emocionante ter um livro na mão.

Quando eu era pequena eu era inteligente, fazia tudinho e nunca copiava nada dos outros. Mas hoje eu copio e dou para os outros copiar. Certo, certo eu não acho copiar dos outros. Quando eu copio dos outros eu acho certo, mas não gosto que copiam de mim, porque fui eu que fiz. Eu não costumo *copiar* o texto inteiro e *colar*. Eu leio algumas partes e vou pegando o que me interessa e vou inserindo partes minhas. Eu não vou só copiar o texto inteiro, ele deixa de estar no sentido do outro texto e entra no sentido do meu texto, não fica o mesmo sentido.

Comecei a usar o computador quando meu irmão ganhou um. Mas no início era mais para joguinho. Na época o computador era muito caro, era daqueles grandões e só pra joguinho e ficava brincando de escrever. Meu pai até hoje não usa computador, não sabe nem ligar na tomada. Ele ainda não sentiu necessidade e não se interessa, mas fala se que se um dia for fazer um curso, vai ser de computação.

Quando chegou a internet na minha casa eu era muito nova, não me lembro pra que eu usava. Acho que nem pra jogo eu usava. Agora, além de a internet estar diferente, tem muito mais informação, mais gente usando. Eu praticamente respiro internet, eu já tive épocas de ficar o dia inteiro na frente do computador. Agora só fico jogando e mexendo, indo em sites, lendo informações e me comunicando com as outras pessoas. Eu já escrevi aquele jeito todo errado na internet, mas agora procuro escrever certo, o melhor que posso. Escrever no computador tem tecnologia, tu aperta e a letra aparece. No papel tu pratica a escrita e o computador faz a escrita tecnicamente pra ti, tu só mexe o dedo e aparece lá. Tu não faz exatamente a ação de escrever letrinha por letrinha, é mais mecanizada, acho que está se perdendo o uso da escrita. Eu acho a escrita mais original, porque vem de tanto tempo atrás. Tem a ver com a mão que faz e a cabeça pra pensar. No computador eu que penso, mas quem age é o computador, quem põe a letrinha é o computador. É a tua mão que faz, mas tem que ter uma cabeça pra pensar. Escrever e digitar com a mão tem diferença.

Quando eu copio partes pequenas eu não indico a autoria, quando vou pegar só ideias eu também não indico. Eu indico a autoria em trabalhos escolares, quando tenho que fazer a referência do onde peguei as informações, daí eu indico. Todo mundo *copia e cola* , é uma prática. Quando entregamos os trabalhos escolares *copiados e colados* não acontece nada. Para avaliar os professores vão ler e ver o que tem de acordo com o assunto e não. Eles percebem que *copiamos e colamos* porque eles conhecem o nosso modo de escrever e de falar. Quando aparece uma escrita muito elaborada, palavras muito formais, ou tá muito complicado, eles reclamam que a gente não colocou de onde tirou ou que copiou inteiro.

Quando escrevo sempre escrevo o que penso, não vou escrever uma coisa com a qual não concordo. Me sinto autora quando escrevo um texto na escola porque não faço textos em outro lugar.. Me sinto mais ou menos autora porque eu fiz o texto, mas não sou uma autora conhecida. Autor pra mim tem que escrever, tem que ser de livro e tem que ser conhecido, estar a público. Os autores começam fazendo crônicas pequenas, mas eu não me considero autora porque minhas histórias não são boas, tanto que quando escrevo um texto na escola eu boto fora, eu acho ruim. Um texto da escola eu prefiro escrever a mão, trabalhos da escola eu prefiro fazer no computador porque tenho que discutir o assunto.

Meu site ficou ruim, eu não gostei. Ele não teria ficado bom porque eu não tenho capacidade, qualificação pra fazer um trabalho que ficasse a altura de um site normal. Quando eu comecei a fazer aquilo eu achava que ia ficar bom, agora vejo que não ficou bom.

Ele tá muito ruim pra ter sido eu que fiz. Já acreditava mais em mim, agora não acredito mais em muita coisa. Hoje eu contrataria uma pessoa pra fazer mais direitinho, um site normal. Colorido, uma formatação diferente, que é interessante, com informação. Isso é difícil, a informação é possível. Nem tanto, mas o conhecimento técnico é mais difícil.

ANEXO M: RELATO DA ALUNA ROBERTA

Eu lembro que comecei a ler na primeira série. No meu livro tinha sílabas, a gente colava em tampinhas de garrafa e ia juntando as sílabas. Em casa ninguém lia pra mim, a gente não tinha o costume de ler. Eu tinha livros infantis, mas eu não gostava. Ninguém lia pra mim porque eu não gostava e não pedia pra ninguém ler. Eu via minha irmã lendo, mas não me interessava em saber sobre suas leituras.

Na escola eu me lembro que era chato. A minha professora era chata então eu não gostava. Eu não gosto de ler até hoje. Eu gosto de ler revistas sobre fofoca e futebol. No computador eu só fico lendo as notícias e conversando com as pessoas no Orkut, MSN, Twitter. Fico mais em site de fofoca.

A minha mãe fala que não é certo copiar, mas ela não se importa que eu copie. Ela fala pra eu cuidar para o professor não ver que eu copiei e que eu tenho que fazer as coisas. O professor vê que eu copiei, mas eu não tô nem aí. Muitos professores não falam nada sobre os trabalhos, outros perguntam se foi tu mesmo que fez. Eu respondo que uma parte eu copiei e outra não. Eu não copio tudo, eu copio uma parte, eu leio e escrevo com minhas palavras. Eu acho certo *copiar e colar*, todo mundo já copiou e colou uma vez. Então eu acho certo. Aposto que os professores também já fizeram isso. Cópia pra mim é certo, eu penso assim.

Se eu tô falando de um assunto eu vou procurar sobre o assunto que eu quero, eu leio e vou escrever. Eu não copio ctrl+c/ctrl+v e colo. O sentido do texto é o mesmo porque é meu pensamento. Eu leio, se eu concordar eu vou copiar, se não concordar eu não copio. Alguns professores não veem que agente copia e cola, têm outros que só perguntam se tu mesmo fez ou não.

No computador eu só leio em casa, eu leio sites de fofoca e na escola quando os professores pedem. Eu gosto de ler no computador e não lembro quando começou meu contato com o computador.

Meu pai comprou computador antes de entrar na pré-escola, mas eu não lembro como foi exatamente. Quem usava o computador eram meus irmãos mais velhos. Eu só me lembro de ter jogado joguinhos quando não tinha nada para fazer, só.

Com o acesso a internet eu conheci o site da Barbie. Eu vestia ela, pintava ela, coisas assim. Eu também tinha uma boneca Barbie, mas eu gostava mais de brincar de carrinho do que de boneca, mas o site da Barbie eu gostava.

Escrever no computador não cansa minha mão, escrever no papel cansa minha mão. A produção é melhor no computador. Eu não gosto de escrever no papel porque acho a minha letra feia. Eu fico pensando e não vem nada. No computador eu tô lá conversando e daí de repente vem uma coisa, vou lá e escrevo o que to pensando. Daí não vem nada, vou lá e converso com a pessoa no MSN sobre um assunto totalmente diferente do meu texto. De repente vem a idéia e daí vou lá e escrevo. Eu penso mais no computador, não cansa tanto minha mão. Fora a mão, ele deixa minha imaginação mais fértil, digamos. Deixa eu com mais imaginação, o computador.

Dependendo do texto eu mesmo escrevo. Se é um assunto que eu gosto eu mesmo faço, se não sei o assunto, eu leio alguma coisa, vou na internet e vejo como é que é. Eu acho certo *copiar e colar*. Eu acho mais fácil *copiar e colar*, é mais fácil do que ficar tardes e horas pra fazer um trabalho. Eu indico a fonte só na bibliografia, só se pede bibliografia e na resenha crítica, fora isso eu não indico. Nos textos eu indico só se a frase for muito conhecida, se não eu não indico nada.

Quando eu escrevo, eu consigo escrever o que eu penso. Se tu não concorda comigo, eu não vou mudar de opinião porque tu acha outra coisa. Esse meio não me impede de escrever o que eu penso. Eu sou autora só quando escrevo textos na escola, o resto não me sinto autora. Quando escrevo em casa eu não me sinto autora. Em casa eu não tenho vontade de escrever, eu faço por obrigação, então não me sinto autor. O meio, o ambiente que eu tô me influencia. Na sala cada um faz seu texto, o professor fica junto. No meu site eu sei que tudo que tem lá fui eu que escrevi, que fui eu que fiz, mas eu não me sinto autora. Pra mim autoria tem a ver com os textos escolares. Tipo os meus textos, os dos outros não. Eu não me vejo que fui eu que fiz. Ele tá muito grande, tem textos muito grandes lá, pelo que eu lembro. Eu escrevi, mas não acho que sou autora daquilo. Os textos que eu escrevi eu acho que ficaram muito bons pra mim, por isso acho que não fui eu que fiz. Mas o design ficou muito ruim...

ANEXO N: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DO ALUNO ROGER

ANÁLISE DO SITE DO ALUNO ROGER

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Significado de "amor" a partir dos autores

Amor pode significar mil coisas, diante dos olhos das pessoas, mas amar e se sentir amado, é uma sensação de liberdade, o conjunto de descrições de coisas belas da natureza, a utilização de um trecho do tango Madreselvas, de Carlos Gardel, ou trechos da música Monte Castelo, de Legião Urbana, apresentam o amor como algo que não podemos explicar, uma sensação que nos mergulha em felicidade, o amor, é considerado para os autores, o melhor remédio para algumas situações.

O soneto 11 de Luiz Vaz de Camões, escreve em mágicas palavras, o sentimento de amar:

Amor é fogo que arde sem se ver

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

Sentimentos assim, nós não conseguimos explicar, e difícil falar de amor, mas todo o mundo se apaixona, todo o mundo tem seu grande amor, quando estamos amando, parecemos crianças, esquecemos coisas ruins e dedicamos o nosso tempo, a mergulhar no amor, na paixão. Todos os autores, ressaltam o amor, como uma forma de abrir caminhos, voltar a falar, com pessoas que talvez não falávamos. O exemplo mais antigo de amor, está na Bíblia, a partir daí, a maioria das formas de expressão cultural, tem falado o que é o amor, e talvez amar totalmente alguém, seja falar a língua dos anjos, e mergulhar num lugar, onde esses anjos estejam presenciando a maior magia da vida, e dizer belíssimas palavras, dizendo para alguém, EU TE AMO. Dizendo com um olhar, com uma simples atitude, fazendo o coração acelerar e o corpo inteiro arrepiar mesmo com um pequeno toque entre as mãos!

Significado de amor para você

É um pouco complicado, dizer o significado de amor, mas tentarei. As vezes, dizer te amo, se torna um pouco complicado, mas através de algumas palavras, podemos expressar ele, como também a poesia, ou uma música, podem dar um ajuda no momento de dizer {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} te amo. Amor não se pode conceituar, ou tentar explicar, tem que se viver, a única forma de saber o que é amor, é ter amado em alguma oportunidade. O amor não acontece de uma hora para a outra, acontecem varias etapas de palavras, antes de dizer te amo, dizendo com um olhar, com uma simples atitude, fazendo o coração acelerar e o corpo inteiro arrepiar mesmo com um pequeno toque entre as mãos!.O amor é uma cansável busca, é inevitável e persistente. O amor é muitos em um só sentimento,

por vezes um de cada vez e em outras tantas todos misturados. Pode fazer bem, pode fazer mal, quando não correspondido. {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} Acredito que o amor verdadeiro seja pra vida inteira, porém tantas outras vezes me deparo amando pela miléssima vez... Como é lindo o amor declamado por poetas - 'meu amor, minha dor'.

Recursos utilizados pelos autores

Alguns dos autores, utilizaram a propriedade do som e da imagem, para dizer o que é amor, o filme O carteiro e o poeta, utiliza duas importantes formas de manifestar isso, uma delas, é através da poesia, que está introduzida na história do filme, e a outra forma de expressão utilizada, é a música, através do tango Madreselvas, de Carlos Gardel, cantor e compositor de tango, de nacionalidade uruguaia. Juntando a poesia, com o tango, cria-se aquele toque de magia no desenvolver da história, ressaltando mais o assunto amor.

Outros recursos foram utilizados pelos autores, como por exemplo: literatura e música. Na {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} literatura, é utilizado um trecho da bíblia para {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} mostrar, o que foi escrito sobre o amor, este conceito que foi escrito na bíblia, posteriormente, é utilizada na composição da música Monte Castelo, do grupo Legião Urbana, colocando esse trecho, assim, praticando a intertextualidade, e assim, colocar sua opinião sobre o assunto. O Soneto 11 de Luiz Vaz de Camões, expressa através da linguagem literária, seu ponto de vista sobre o amor, como ele é sentido e o que ele causa, positivamente na nossa vida.

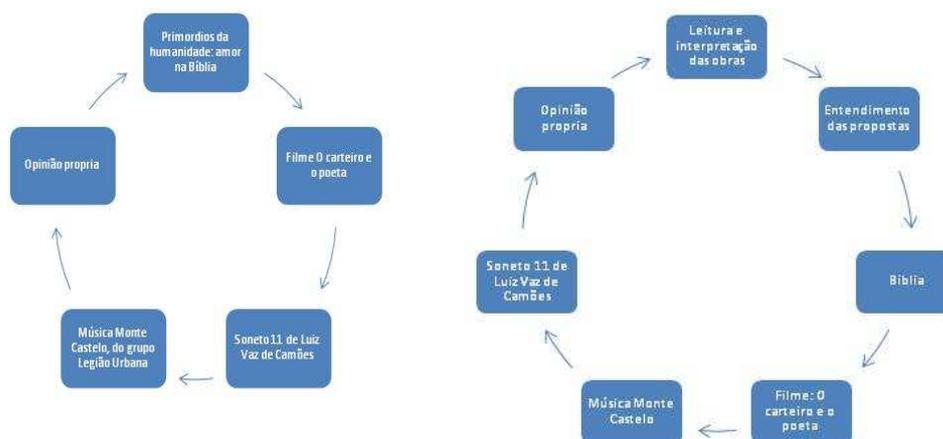
Todos os recursos utilizados pelos autores, tanto do filme, da música, quanto no soneto, são formas muito utilizadas pelas pessoas, mas, explorando ao máximo, como poder expressar esse sentimento de amor, as vezes, não é fácil dizer ou escrever a opinião própria sobre o amor. Tanto o filme quanto o soneto a bíblia e a música, se interligam uma na outra, através das palavras, relacionando-se cada um, com o mesmo assunto. Dentro da língua portuguesa existem vários modos de expressarmos sentimentos e de dar a intensidade que cada um {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} deles merece. As formas de expressar tais emoções também são muito variadas, pois podemos usar o cinema, {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} a música, a literatura entre outras formas.

Intertextualidade

A intertextualidade está presente no decorrer das várias formas de expressão cultural, citadas neste site, como a música, o cinema e a literatura. Ela permite dar um toque a mais, um plus, em um texto, isso dá um charme a mais quando é realizada uma produção literária, criando um laço, com produções de outras épocas. Podemos também, através da intertextualidade, conhecer outras obras, outras expressões utilizadas para conceituar alguns termos.

Neste trabalho, a intertextualidade entra na palavra amor, utilizando as várias formas de explicação deste sentimento, cada autor escreveu seu conceito sobre o tema amor. Em suas diversas formas de expressão, colocaram seu ponto de vista, sobre o amor, como amar e ser amado, como esse sentimento pode mexer conosco. É através dessa palavra, é dessa forma de

sentimento, que podemos expressar o que sentimos ou queremos dizer para uma pessoa, sem machucar, ou seja, através da intertextualidade, podemos colocar um plus nas produções, das diversas formas de manifestação cultural, trazendo para o leitor, a opinião de outras pessoas, que em outras épocas, conceituaram alguns assuntos. Para {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} poder aplicar essa intertextualidade, nas obras, trechos da música Monte Castelo, derivam do trecho 1 Corintios 1.3, que após, são aplicados no primeiro trecho o soneto de Camões, e posteriormente, como dito, na música do grupo Legião Urbana.



Organogramas

No meu ponto de vista, o segundo caminho permite trabalhar melhor as propostas, poder colocar o que cada autor quer dizer, sobre o amor, através das suas palavras. Para poder compreender todo o assunto, foi necessário ler e entender, os métodos que foram colocados para poder conceituar o tema amor.

Diário de Bordo

01/10/2008-Conclusão do trabalho sobre o conceito de amor.

12/09/2008-Realização da tarefa sobre o conceito de intertextualidade, utilizando o conhecimento sobre o tema e o assunto, e como a intertextualidade foi utilizada nas formas de manifestação utilizadas pelos autores, o conhecimento do aluno, foi bastante importante para poder escrever sobre a intertextualidade.

06/09/2008-Conclusão da tarefa sobre o amor, no ponto de vista dos autores. Próxima etapa, realização do conceito de amor, na opinião do aluno.

03/09/2008-Formas iniciados os trabalhos, sobre o conceito de amor. Primeiramente, foi assistido um trecho do filme: O carteiro e o poeta, logo após, houve uma leitura do soneto

de Camões e da letras da música Monte Castelo, do grupo Legião Urbana. Todas essas fontes, conseguiram elaborar um conceito sobre amor.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

Relatório do arquivo: Análise do texto do aluno Roger.doc em 17/12/2009

Utilizando: Google - Yahoo - Alltheweb - Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	355
Sites com semelhança	546
Sites no Google	444
Sites no Yahoo	
Sites No Alltheweb	86
Sites no Altavista	21
Sites no Live	4

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	2
1º e 2º mais usados	01 %
1º ao 5º mais usados	00 %
1º ao 10º mais usados	00 %
Pequisas por minuto	20 sites
Confirmações por minuto	31 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
4	br.answers.yahoo.com/.../index?qid...
4	br.answers.yahoo.com/question/index?qid...

ANEXO O: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA BRUNA

ANÁLISE DO SITE DA ALUNA BRUNA

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Significado de "amor" a partir dos autores

É indiscutível a visão poética e profunda que perdura sobre os autores referindo-se ao amor. Tratam do tema como a forma mais pura de se desejar alguém, mostrando-nos que é esse sentimento que engrandece {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} e faz a vida valer a pena ser vivida. {www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=25&id=946} {www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=25&id=946} {www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=25&id=946} {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} O amor esta acima de qualquer outro sentimento {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} superficial, supera magoas, reconstrói caminhos antes perdidos. É uma simples canção, uma linda dança, um momento mágico, transformando mero instante em único! Transpassando até a vida ou a morte, esse adoração esta além de nosso simples entendimento, mas é o que da o sentido aos nossos dias.

Sem o amor a graça se perde, pessoas vivem um vida cinza, pois é este e somente que da cores novas a cada novo passo. Os autores nos trazem o amor de uma forma bastante intensa, falando-nos de amar em meio as dificuldades e ainda assim permanecer alegre pelo simples fato de conter este nobre 'frio na barriga'. É negar tudo e aceitar o que for preciso. O amor é o que nos basta e sem ele apenas existiríamos, o que seria triste demais. "Pois sem amor, eu nda seria..."

Amor pode significar mil coisas, diante dos olhos das pessoas, mas amar e se sentir amado, é uma sensação de liberdade! Somos frutos de amor e desde crianças somos ensinamos a isso, é falado constantemente que cada um de nós tem a sua "metade". Sentimentos assim, nós não conseguimos explicar... Só sabe-se que nada seria pior do que perder a pessoa estimada, mas ainda pior seria não sentir esse sofrido amor. Isso é mostrado claramente em um poema de Vinícius de Moraes, chamado 'soneto da separação':

"De repente, não mais que de repente

Fez-se de triste o que se fez amante

E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante

Fez-se da vida uma aventura errante

De repente, não mais que de repente."

Este soneto, escrito por Vinícius de Moraes e denominado "Soneto da separação" nos dá a clara idéia dos vendavais ocorrentes no amor, das pequenas transições e pequenos atos que podem nos dar um tristeza inimaginável! Todo amor pra ser belo deve ser triste, pois

não importa o quão boa uma pessoa seja ela vai nos ferir em algum momento. Porém é óbvio que nem só de tristezas perdura uma paixão, aliás elas são mais raras do que as alegrias causadas pelo simples acelerar do coração.

"De tudo, ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento. " Pequeno trecho do 'soneto da fidelidade' (Vinícius de Moraes), agora expressando o quanto abrimos mão e somos capazes de fazer em nome de um sentimento por outra pessoa. Esses poetas tão românticos dizem dar a vida por amor e o colocam como o maior valor de um ser humano. Pode-se concluir que muitas das nossas concepções sobre o amor vem dessa época, mais apaixonada que essa nossa geração das informações rápidas e desejos passageiros. Essa inspiração pode ter vindo também de uma tentativa de fuga, fugindo das injustiças e ainda acreditando que vale a pena continuar vivo por alguém, mesmo que ainda não o conhecemos! E como diria Carlos Drummond de Andrade: 'jogue tudo fora mas principalmente esvazie seu coração, fique pronto para {www.joafe.com.br/cronica3pag.html} {www.joafe.com.br/cronica3pag.html} a vida, para um novo amor. Lembre-se somos apaixonáveis, somos capazes de amar muitas e {www.joafe.com.br/cronica3pag.html} {www.joafe.com.br/cronica3pag.html} muitas vezes. Afinal de contas, nós somos o amor.'

Significado de amor para você

O amor é uma cansável busca, é inevitável e persistente. O amor é muitos em um só sentimento, por vezes um de cada vez e em outras tantas todos misturados. Pode fazer bem, pode fazer mal, quando não correspondido. Acredito que o amor verdadeiro seja pra vida inteira, porém tantas outras vezes me deparo amando pela milésima vez... Como é lindo o amor declamado por poetas - 'meu amor, minha dor'. Queria eu saber falar de amor de forma tão bela, tratando-se de um amor triste! Ainda não aprendi a me contentar com a ausência de quem amo ou sentir como são doces as lágrimas derramadas pelo fim! Sei amar de um jeito ainda criança e inocente que foge ao perceber o perigo, que prefere a angústia da dúvida do que a certeza de um não!

Porém, tenho a absoluta certeza de que o amor é transformador! Quando estamos amando queremos ser melhores, pois é como se não nos sentíssemos dignos desse sentimento. Quem nunca sentiu frios na barriga, achou o dia chuvoso lindo ou ficou escutando {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} várias vezes a mesma música? Mas se esse amor não foi pra vida toda, será que era mesmo amor? {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} Ou existe muitas formas de amar? Ainda não sei, talvez nunca saiba, mas ainda espero que encontre alguém que me ensine todas aquelas cafonizes e coisas bregas sobre o amor, mesmo que nelas eu não acredite. "Sem amor, eu nada seria..."

Que sentimento estranho esse, capaz de nos fazer sofrer, capaz {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} de nos fazer sorrir, mas o qual se não existisse acabaria com a cor da vida e com a razão da existência humana. É por amor que deisejamos nos tornar pessoas melhores, transformando-nos em loucos, sim, daqueles que fazem juras de amor eternos e ficam horas a pensar insistentemente em quem não pensa na {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} gente, o amor tem mesmo dessas coisas, desses desvaneios, dessas loucuras torturantes, desse riso maroto e essa alegria constante, só por estar vivo.

Recursos utilizados pelos autores

Os autores usaram de intertextos com poesias. Um exemplo seria entre o soneto de Camões e a música cantada por Renato Russo, "monte castelo" ou ainda entre um pequeno trecho da bíblia. Soneto: 'O amor {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} é fogo que arde sem se ver. É ferida que dói e não se sente. É um contentamento descontente. É dor que desatina sem dor', o mesmo aparece no segundo parágrafo da música do Legião Urbana, misturada ainda ao lindo versículo bíblico. O filme 'O carteiro e o poeta' é a linguagem visual, que traduz toda beleza dos poemas, todo o romantismo do amor e as dificuldades que os poetas tanto nos falam que o amor e só o amor nos tras. A música não são só palavras, nem mexe com nossa visão, ela nos faz, através da audição, perceber o tema, sendo este o amor. E acredito, que por se tratar do mesmo assunto, mostrando a pureza do sentimento até as dificuldades já seria um intertexto.

Intertextualidade

Intertextualidade é basicamente um texto dentro de outro. Para isto acontecer seria necessario qe ambos os autores tivessem idéias ou conceitos em comum. Algo que não é nada raro acontecer pois todos nós, literados, compartilhamos diversos pensamentos em comum. Uma pesso que lê com bastante frequencia percebe isso com mais facilidade. Nenhum livro é escrito ao acaso, existe {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} sempre a influencia de determinados pontos de vistas. A capacidade de estabelecer essas conexões nos mostra com maior ênfase o raciocínio da humanidade, pois só a inteligencia e os mais profundos pensamentos conseguem {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} fazer esta ligação. O homem não cria conceitos simplesmente por criar, para isso ocorre {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} um campo de pesquisa sempre! Baseando no

errado para conseguir fazer o certo, ou então aprimorando teses já bem elaboradas antes. Para mostrar um lado oposto á nossos conceitos também podemos utilizar a intertextualidade, aderindo a uma frase ou trecho de outros autores e assim justificando o porque a discordância. Em poemas o intertextos é feito de forma implícita, não mostrando o nome do {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} outro autor, um exemplo seria o soneto de Camões e a música "Monte Castelo". Nossa vida abre vastos horizontes para que possamos ver e aderir aos intertextos, outro exemplo clássico nessa era da modernização é entre livros e filmes ou ainda a construção de títulos baseados em músicas, reportagens, filmes ou textos literarios cheios de intertextualidade. Basicamente é saber reconhecer e aderir outros mundos no seu.

Organogramas



O primeiro organograma seria a minha sugestão para ser seguida e o segundo o caminho feito por mim pra elaborar meus textos. Acredito que a diferença entre esses dois caminhos é a lógica, começando pela bíblia, ja que esta tem como objetivo falar do principio da vida, do amor e o porque estamos aqui, somos frutos do amor e esse é o maior e melhor sentimento existente, único capaz de movimentar a paz e a guerra. Logo após ler a letra da música e então ouvi-la, pois ela revela outros intertextos entre soneto de Camões e a própria Bíblia. E então o soneto e o filme, porque seguindo este caminho vamos entendendo o sentido que estes diversos autores querem nos passar e também percebemos a ligação entre a visão do amor que eles tem. Chegando a conclusão que o amor é quase indiscreível, apenas pode ser sentido.

Diário de Bordo

29/09/2008

Nos foi concedido mais um tempo em aula. Reli minhas anotações e fiz algumas pesquisas sobre o tema. Procurei ler e interpretar, fazendo intertextos entre os conceitos meus edo Rodrigo.

24/09/2008

Nos é concedido um tempo em aula para desenvolver este trabalho. Pesquisei em sites contendo poesias de Vinícius de Moraes, citando ele e suas poesias em meus textos, também procurei fazer um intertexto entre meus conceitos e os do meu colega. Terminei {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} o segundo organograma. Eu escrevi bastante coisas mas o site não está salvando!

14/09/2008

Conclusão sobre intertextualidade, onograma e pesquisas para ampliar e explicar a linguagem aderida pelos autores. Tive algumas idéias de inserir intertextos dos meus colegas em minhas conclusões e pretendo fazer isso em casa!

09/09/2008

Considero falar de amor algo um tanto {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} quanto complicado. Poque parece algo tão obvio e tão complexo ao mesmo tempo, nem mesmo sei se ja amei de verdade sabe? Tenho muitas duvidas em relação a esse sentimento e cada vez encontro respostas ainda mais diversificadas. Mas mesmo assim é um dos assuntos que mais me empolgo e gosto de falar, porque somos frutos de amor, querendo {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} ou nao, somos parte dele...

03/09/08

Primeiro encontro entre os alunos do 3º ano, Bianca, Nicole e Rodrigo com a professora Lidia. É então nos mostrado o assunto do trabalho de pesquisa e o site em que poderemos trabalhar, música, filme e poesia sobre este mesmo tema. Inicia-se alguma coisa do trabalho, mas em função do tempo nada é concluído.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

 Relatório do arquivo: Análise do texto da aluna Bruna.doc em 16/12/2009

 Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	500
Sites com semelhança	897
Sites no Google	583
Sites no Yahoo	
Sites No Alltheweb	186
Sites no Altavista	108
Sites no Live	20

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	4
1º e 2º mais usados	02%
1º ao 5º mais usados	03%
1º ao 10º mais usados	00%
Pequisas por minuto	29 sites
Confirmações por minuto	51 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
10	br.answers.yahoo.com/question/index?qid...
5	br.answers.yahoo.com/.../index?qid...
4	www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=25&id=946
4	www.joafe.com.br/cronica3pag.html

ANEXO P: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Significado de "amor" a partir dos autores

Acredito, que cada pessoa tem um pensamento diferenciado sobre o amor. Se todos pensarem igual, não teria a menor graça. Mas percebo neste trecho no soneto de Camões:

"Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer (...)"

Podemos pensar que por parte, o amor é meio do mal, sendo que ele nos traz um pouco de angústia e infelicidade, mas ao percebemos que vivemos do {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} amor e pelo amor, vemos que amor é um mistério. Todos eles definem o amor por uma maneira muito direta, mas para mim, ele não é tão simples....

Muitos deles dizem e contradizem as coisas, mas {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} acredito que na música de Renato Russo ele diz tudo, alias, música para mim, é a melhor {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} maneira de ser traduzida o amor, pois ela toca o coração, {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} acalma os aflitos e anima os deprimidos. Se {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} pudesses escolher alguma forma de retratá-la seria através da música.

Porém, em qualquer forma de expressão, eles dizem que o amor é o sentimento mais intenso, puro e verdadeiro pois afinal: 'e não {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} tivesse amor, nada seria!' (Coríntios, 13).

Significado de amor para você

O amor é mais do que palavras, frases feitas, perfeitas, é mais do que ter um bem... Sinceramente, não sou {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} eu que definirei o amor, ele simplesmente é tão complexo, tão exato e preciso, que não está ao {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} alcance de ninguém descrevê-lo.

Para mim, ele é extremamente importante em minha vida, é minha família, meus amigos, tudo aquilo que me faz bem e me faz levantar de manhã e agradecer por tudo que tenho {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} e por mais um dia de vida. É o que move o mundo. O amor está em todos os lugares, nas pequenas coisas, como uma brisa batendo em seu rosto, uma noite estrelada, a magnitude de um pôr-do-sol, a beleza de um flor, o reflexo do céu no mar... Coisas tão simples, e ao mesmo tempo tão complexas, que nos passa uma calma, um serenidade, algo que toca o nosso coração. Nos faz pensar na vida, em nossos atos, e felizmente isso cada vez mais atinge as pessoas.

Amor é muito mais do que uma 'paixãozinha' de escola, muito mais que dizer 'eu te amo'. Amar nos faz sofrer, nos faz passar por momentos que não estamos preparados e muito menos queremos isso. Amar é querer estar junto, querer estar perto, querer {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} compartilhar a dor do próximo para ele se sentir melhor. E um amor só é verdadeiro, quando {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} ele se torna indescritível.

Amor está muito além da capacidade humana entender.

Recursos utilizados pelos autores

Os meios expressos por cada autor varia muito. Cada um expressou de {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} maneira simples e complicada, sendo que alguns compreendi sem nenhuma dificuldade, outros que deixaram algumas dúvidas {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} em minha mente.

A música, como já disse acima, é uma forma clara e direta de transmitir o significado de amor. Ela nos inspira de qualquer forma, mesmo se não prestarmos atenção na letra, o ritmo e a suavidade dela, já nos faz refletir.

O poema, neste caso o Soneto de Camões, também expressa com suavidade, mas colocando {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} os defeitos que muitas vezes, pessoas supostamente "amando" {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} não querem entender nem enxergar.

O filme, já nos dá uma idéia mais clara, pois nela podemos ouvir e ver ao mesmo tempo... Causando um imacto muito diferente entre os outros recursos utilizados, mas mesmo sendo o mais claro, deixou-me com muitas dúvidas.

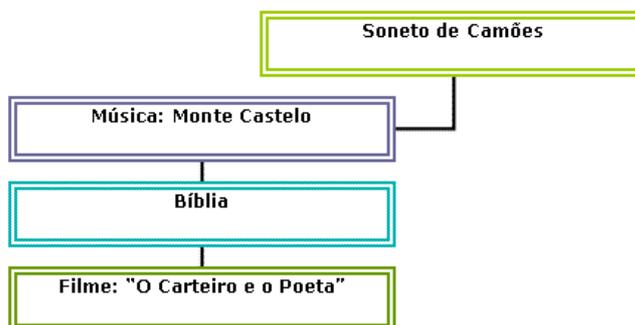
Já na bíblia, que na minha opinião foi o que melhor explicou, me faz parar para pensar, tive que ler muitas vezes para entender qual era a sua verdadeira mensagem.

Sinceramente, não posso dizer qual foi o melhor recurso {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} utilizado... Mas apesar de muitas dúvidas, todos os recursos de alguma forma ou de outra, são extremamente tocantes e emocionantes.

Intertextualidade

Intertextualidade está em tudo. Na minha opinião, um exemplo é a vida. Atitudes, pensamentos, tudo de se liga de uma forma tão intensa que o resultado se torna o mesmo. Cada um de nós, escolhe uma forma de seguir a vida, sendo que sempre achamos que essa forma é certa. Mas as coisas que ela fez, se ligam de um forma {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} ou outra, cedo ou tarde, não importa. Chegando a conclusão de que intertextualidade está em tudo novamente; ela sempre será o modo de cada um pensar, agir... Sendo {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} que muitas vezes, as pessoas estão fazendo coisa {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} e fazendo sem perceber a intertxtualidade.

Organogramas



Diário de Bordo

06/11 - Criação do "Significado de Amor para você".

13/11 - Conclusão da parte do amor. Próximo passo, leitura e interpretação do intertexto.

01/12 - Intertextualidade concluída. Falta apenas a página sobre o assunto que escolherei.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

 Relatório do arquivo: Análise do texto da aluna Daiane.doc em 16/12/2009

 Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	215
Sites com semelhança	393
Sites no Google	312
Sites no Yahoo	OFF
Sites No Alltheweb	62
Sites no Altavista	22
Sites no Live	6

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	2
1º e 2º mais usados	05 %
1º ao 5º mais usados	00 %
1º ao 10º mais usados	00 %
Pequisas por minuto	23 sites
Confirmações por minuto	41 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
14	br.answers.yahoo.com/.../index?qid...
7	br.answers.yahoo.com/question/index?qid...

ANEXO Q: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA SIMONE

ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA SIMONE

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Significado de "amor" a partir dos autores

O amor é aquele sentimento que faz tudo mudar. Que chega sem pedir licença, e toma conta de todas as atitudes e pensamentos. E ele pede cada vez mais atenção e tende a crescer aceleradamente no início. O amor muda, e muda sempre para melhor. Faz tudo ficar colorido. Os problemas vão embora e a partir daí, é só alegria.

Mas, note exatamente neste trecho no soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

Temos então que o amor é em parte, um tanto quanto mal. Porque ele faz o mundo parar de girar tomando decisões e tendo atitudes precipitadas, digamos assim. As quais, podem resultar em consequências dolorosas.

Mas em geral, o amor é tratado como o sentimento mais puro que existe. O mais verdadeiro, e mais intenso. É br.answers.yahoo.com/.../index?qid... tão forte, que a Bíblia traz o amor como a resposta para todas as coisas. De que não adianta saber sobre qualquer coisa que for, o amor é simplesmente a fonte da vida.

'... e não tivesse amor, nada seria' (Coríntios, 13).

Significado de amor para você

O amor é totalmente relativo. Várias formas, tamanhos, intensidades, tipos, etc. Abrange todas as categorias sociais e psicológicas, e principalmente todas as idades. Nunca é cedo, muito menos br.answers.yahoo.com/.../index?qid... tarde para amar. O amor chega a qualquer hora e em qualquer pessoa. É um sentimento louco que não tem explicação, só se sabe que se sente.

Uma vez, o amor era respeitado, e sempre verdadeiro, br.answers.yahoo.com/question/index?qid... ninguém se machucava, todo mundo se amava. Mas chegou um dia, que um bobo mentiu sobre o amor e isso virou moda. Ridícula, por sinal. É difícil hoje, acreditar no amor das outras pessoas, todos costumam mentir. E ainda mais, o amor virou uma coisa qualquer, sem grande valor.

É de grande importância esse sentimento abstrato, ele passa a fazer companhia e participar das decisões tomadas pelas pessoas.

É de maior importância ainda, que ele não se torne rotineiro e apenas uma simples coisa. O amor é mais forte que tudo, e ele está lá, dentro do coração de todos, só ainda não foi descoberto, ou foi, mas expresso de outra forma.

Recursos utilizados pelos autores

Os meios de expressão são muitos, alguns complicados, outros mais simples.

Uma música é um método bem fácil, e que passa toda a mensagem desejada, ou não. No caso da música Monte Castelo, do Legião Urbana, transmite o tema amor de uma forma simples e delicada, que fica na cabeça e ao mesmo tempo faz pensar. Um poema também, neste caso Soneto de Camões, trata o amor com seus defeitos não sentidos pelas pessoas, as reações que o amor tras. O filme passa a mensagem através da fala e da imagem, o que se torna mais fácil de identificar o tema amor por conter dois métodos. Mas um não menospreza o outro, são todos importantes, com suas diferenças e semelhanças. Cada pessoa transmite a mensagem do jeito que achar mais [adequado para expor suas idéias e opiniões.](http://br.answers.yahoo.com/.../index?qid...)

Mas não adianta somente o autor se esforçar e tentar passar sua mensagem. Vai de cada pessoa entender de um jeito, ou se esforçar para aprofundar seus conhecimentos e assim encontrando resultados mais concretos.

Intertextualidade

Portanto, a vida é um intertexto.

Todas as pessoas ligadas a mesmos assuntos e atitudes, de uma forma que se cruzam em resultados iguais.

Cada pessoa usando uma forma de trilhar a sua vida, tomar suas decisões, acontecendo que no meio desse caminho, pessoas sigam do mesmo jeito. Podendo ou não, ter um mesmo resultado. E assim, a intertextualidade entra em todas as coisas; ela é apenas o ponto de vista diferente de cada pessoa, sobre um mesmo assunto ou atitude; fazendo com que as pessoas se cruzem e formando cada vez mais intertextualidades sem nem mesmo percebermos.

Organogramas



O organograma acima à esquerda, representa o modo como eu refleti sobre o amor nos materiais apresentados neste site. Que não tem muito uma explicação, pois abri cada informação pelo título que me interessava mais.

Já o organograma da direita, mostra como eu aconselharia alguém a visitar essas informações. {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} Escolhi a Bíblia em primeiro, pois ela traz o amor com um significado rápido e {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} simples. A música é um modo muito utilizado por todas as pessoas, {br.answers.yahoo.com/.../index?qid...} que expressa muito bem um sentimento. O poema {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} é suave, e passa uma mensagem bonita, é curto e simples. Já o filme, é um pouco mais demorado, e tem que se pensar um pouco pra entender a mensagem desejada.

Mas todas as formas de expressar o amor são válidas. Sejam elas difíceis, simples, fáceis ou complicadas. Tudo fica bom quando se tem {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} amor.

Diário de bordo

05/11/2008 Primeiramente, li o soneto de Camões, após, a letra da música Monte Castelo. Então, comecei a formular o significado do amor. Consultei também as postagens dos Alunos 1 e 2.

06/11/2008 Fiz os organogramas, e concluí o significado do amor. E então, opinei sobre os recursos utilizados pelos autores ao expressarem o amor.

18/11/2008 Refleti e postei então sobre intertextualidade.

20/11/2008 Terminei o último organograma e agora finalizo então, o trabalho.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

 Relatório do arquivo: Análise do texto da aluna Simone.doc em 16/12/2009

 Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	258
Sites com semelhança	430
Sites no Google	349
Sites no Yahoo	OFF
Sites No Alltheweb	62
Sites no Altavista	14
Sites no Live	5

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	2
1º e 2º mais usados	02 %
1º ao 5º mais usados	00 %
1º ao 10º mais usados	00 %
Pequisas por minuto	24 sites
Confirmações por minuto	40 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
5	br.answers.yahoo.com/question/index?qid...
5	br.answers.yahoo.com/.../index?qid...

ANEXO R: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA ROBERTA

ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA ROBERTA

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Significado de "amor" a partir dos autores

Amor é querer estar perto mesmo quando não se está longe, amor é {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} começar a gostar das coisas que nunca suportou só porque a pessoa amada adora. Amor é ter atitudes sem nunca se importar com o que os outros vão achar.

Na psicologia vê-se o amor como mais de um fenômeno: {pt.wikipedia.org/wiki/Amor} {pt.wikipedia.org/wiki/Amor} social e cultural.

Segundo o poema "Definição de amor" de Marcelo das Nuvens, amor te preenche, amor é um misto de TUDO ou NADA. Que mesmo a distância impedindo que tu veja a pessoa amada, não impede que tu ame. Mesmo sendo um amor platônico muitas vezes ele te completa! Para que você possa viver o amor não é preciso procurar muito, ele está nas pequenas coisas da vida. Apenas ame como uma criança, se entregue por inteiro, assim você será muito feliz.

Significado de amor para você

Respeito, confiança, honestidade e união de corpos e {br.answers.yahoo.com/question/index?qid...} mentes.

É um sentimento mais potente do que um simples gostar entre duas ou mais pessoas, é {pt.wikipedia.org/wiki/Amor} parecido com uma conexão, você se liga a pessoa de alguma forma. Ele entra no seu coração sem hora e dia marcado.

Não existe explicação para um sentimento que vem de dentro, um sentimento que é maior que você, um sentimento que você não pode mandar. Amor é avra pra tentar descrever amor, é pouco para o que realmente ele é. Só sentindo para saber!

Recursos utilizados pelos autores

O modo mais fácil de expressar o amor é por meio de música. Pois ela nos acompanha grande parte de nosso dia. No carro, no trabalho, em casa... Através da música se expressam outros sentimentos, estados de espírito, desabafos!

Mas além da música muitos autores utilizam o recurso de escrever poemas (ex: "definição de amor"), filmes ("o carteiro e o poeta"), entre outras coisas...

Intertextualidade

Pode-se definir a intertextualidade como sendo um "diálogo" entre textos. A intertextualidade está ligada ao "conhecimento de mundo", que deve ser compartilhado.

O diálogo pode ocorrer em diversas áreas do conhecimento, não se restringindo única e exclusivamente a textos literários, às vezes, provoca certa atualização ou modernização do primeiro texto.

Na literatura, e até mesmo nas artes, a intertextualidade é persistente.

Sabemos que todo texto, seja ele literário ou não, é originário de outro, seja direta ou indiretamente. Qualquer texto que se refere a assuntos abordados em outros textos são exemplos de intertextualização.

Um exemplo clássico de intertextualidade são os textos Camões X Legião Urbana X Bíblia, todos falando sobre amor e um utilizando algo do outro, quando lemos um automaticamente remetemos ao outro, é claro, desde que conheçamos o outro.

Organogramas



O organograma da esquerda foi feito a partir do meu entendimento sobre o trabalho. No organograma da direita, foi feito a partir do modo que eu entendi sobre o trabalho e os passos que segui.

Diário de Bordo

05/11 /2008 - Pesquisei sobre amor, e estou apta para começar o trabalho.

10/11/2008 - Interpretação do significado "amor" para os autores.

12/11/2008 - Significado do amor para mim.

17/11/2008 - Recursos utilizados pelos autores.

20/11/2008 - Organograma.

25/11/2008 - Texto sobre intertextualidade e trabalho finalizado.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

Relatório do arquivo: Análise do texto da aluna Roberta.doc em 16/12/2009

Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	150
Sites com semelhança	283
Sites no Google	183
Sites no Yahoo	OFF
Sites No Alltheweb	48
Sites no Altavista	38
Sites no Live	14

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	3
1º e 2º mais usados	04 %
1º ao 5º mais usados	05 %
1º ao 10º mais usados	00 %
Pequisas por minuto	23 sites
Confirmações por minuto	44 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
6	br.answers.yahoo.com/question/index?qid...
4	pt.wikipedia.org/wiki/Amor
4	pt.wikipedia.org/wiki/Intertextualidade

ANEXO S: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

Música

Segundo o dicionário Luft, ela significa: Música: s.f. 1. Arte de combinar tonalidades e sons de maneira agradável ao ouvido. 2. {luishora.blogspot.com/2008/01/musicas-que-ouvimos_12.html} {luishora.blogspot.com/2008/01/musicas-que-ouvimos_12.html} Composição musical. 3. O modo de executar uma peça musical por meio de instrumento ou voz. 4. Papéis {luishora.blogspot.com/2008/01/musicas-que-ouvimos_12.html} {luishora.blogspot.com/2008/01/musicas-que-ouvimos_12.html} ou livro que se acha escrita ou impressa uma composição musical.

Para mim, significa muito mais que apenas isso. Música é emoção, expressão, conteúdo, distração. Movimento que nos faz viajar em altitudes desconhecidas, desculpa para liberar os sentimentos mais profundos e ocultos. É alegria para os infelizes e lapso para os bem-aventurados.

Algo sem explicação que causa emoções que nunca imaginara reconhecer em uma vida inteira. Prazer. Puro prazer. Aprofundamento da alma, quando bem apreciada. Causa tantas emoções diferentes e incoerentes. É uma organização, uma composição, uma construção de uma {pt.wikipedia.org/wiki/Música} linguagem peculiar, a que muitos estudam e se aprofundam.

Não dá a mesma sensação a todos que a ouvem, os mesmos sentimentos, o mesmo sentido. É pura imaginação, compreensão, cultura, lembranças, emoção. Não {pt.wikipedia.org/wiki/Música} existe definição, é de cada um. Os detalhes, as sutilezas da improvisação é o {pt.wikipedia.org/wiki/Música} que se faz interpretar, se sentir de maneira diferente por cada pessoa, de classes, idades e culturas diferentes.

A música passa tanto pelos símbolos de sua escritura, como pelos sentidos que são atribuídos a seu valor afetivo ou emocional. O ouvinte participa diretamente da expressão do que ouve, através {forums.tibiabr.com/showthread.php?t=325242} {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=4} {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=9} {pt.advantacell.com/wiki/Faixa} {www.scribd.com/doc/6323157/Trab-Mariana} {pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica} {www.explicasax.com.br/escola/aula0/Musica.pdf} {musicasrdg.blogspot.com/2007_05_27_archive.html} da dança ou do canto grupal, dá valores que privilegiam a autenticidade autoral e procuram inscrever a {www.scribd.com/doc/6323157/Trab-Mariana} {pt.advantacell.com/wiki/Faixa} {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=4} {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=9} {saber.sapo.pt/wiki/M%C3%BAAsica} {musicasrdg.blogspot.com/2007_05_27_archive.html} música dentro de uma história que a liga, {pt.wikipedia.org/wiki/Música} através da escrita, à memória de um passado {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=4} {www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=9} {pt.advantacell.com/wiki/Faixa} {www.scribd.com/doc/6323157/Trab-Mariana}

{ www.explicasax.com.br/escola/aula0/Musica.pdf } { saber.sapo.pt/wiki/M%C3%BAsica }
 { pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica }
 { musicasrdg.blogspot.com/2007_05_27_archive.html } idealizado, como se só a sua mente estivesse presente ao concerto.

A música quando composta e executada deliberadamente é considerada arte por qualquer das facções. E como arte, é criação, representação
 { pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica } { forums.tibiabr.com/showthread.php?t=325242 }
 { www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAsica&action=edit&ion=9 }
 { www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAsica&action=edit&ion=4 }
 { www.scribd.com/doc/6323157/Trab-Mariana } { pt.advantacell.com/wiki/Faixa }
 { www.explicasax.com.br/escola/aula0/Musica.pdf }
 { musicasrdg.blogspot.com/2007_05_27_archive.html } e comunicação. Não tem quem não aprecie uma boa música, um bom som para seus ouvidos, mas é apenas gosto, o desconhecido no qual nos entregamos completamente ao momento. Sonhos, ilusão. Prazer. Puro Prazer.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

 Relatório do arquivo: MÚSICA.doc em 18/01/2010

 Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	100
Sites com semelhança	232
Sites no Google	123
Sites no Yahoo	
Sites No Alltheweb	54
Sites no Altavista	44
Sites no Live	11

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	11
1º e 2º mais usados	07 %
1º ao 5º mais usados	16 %
1º ao 10º mais usados	23 %
Pequisas por minuto	27 sites
Confirmações por minuto	63 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
8	www.scribd.com/doc/6323157/Trab-Mariana
8	pt.advantacell.com/wiki/Faixa
8	www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=9
8	www.tiosam.com/enciclopedia/?q=M%C3%BAAsica&action=edit&ion=4
6	www.explicasax.com.br/escola/aula0/Musica.pdf
4	pt.wikipedia.org/wiki/Música
4	musicasrdg.blogspot.com/2007_05_27_archive.html
4	luishora.blogspot.com/2008/01/musicas-que-ouvimos_12.html
4	pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica
4	forums.tibiabr.com/showthread.php?t=325242
4	saber.sapo.pt/wiki/M%C3%BAAsica

ANEXO T: RELATÓRIO DA ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

ANÁLISE DO TEXTO DA ALUNA DAIANE

Farejador de Plágio - Registrado para LIDIA ZART

História da música

A palavra MÚSICA deriva de "arte das musas" em uma referência à mitologia grega, marca fundamental da cultura da {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {adrianacrisanto.blogspot.com/2006_11_01_archive.html} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html} antiguidade ocidental.

No entanto muitos estudiosos procuram as origens da música nos períodos {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} anteriores da história do homem, ou seja, na pré-história. A maioria acredita que é muito {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} difícil conceber como os "homens das cavernas" entendiam a música. Porém, através dos estudos de sítios arqueológicos podemos ter uma idéia do desenvolvimento da música nos primeiros grupos humanos. A arte {www.radioboanova.com.br/mundo_artes.php?sMostrar=mostrar&iId=8} {www.dihitt.com.br/noticia/de-cara-nova-1} {www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=24&id=2166} {pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica} {www.radioboanova.com.br/mundo_artes.php?sMostrar=mostrar&iId=8} encontrada em cavernas dá uma pequena ideia desse desenvolvimento ao apresentar figuras que parecem cantar, {pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica} {www.dihitt.com.br/noticia/de-cara-nova-1} {www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=24&id=2166} {www.radioboanova.com.br/mundo_artes.php?sMostrar=mostrar&iId=8} {pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica} dançar ou tocar instrumento.

Mas se refletirmos um pouco, a possibilidade de imaginar a música em sociedades Pré-históricas é mais fácil do que se imagina, pois encontramos ainda hoje sociedades que vivem na pré-história, em um nível de organização social que não atingiu o estágio de {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm}

{jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html} civilização. O exemplo mais simples são os indígenas brasileiros, que, na maioria dos casos, vivem {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} ainda no período neolítico.

Dessa maneira podemos perceber que o homem na pré-história produzia uma {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} música com caráter religioso, muitas vezes como um ritual, batendo as mãos e os pés, com {www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780} um ritmo definido, agradecendo aos deuses ou buscando sua proteção para a caçada ou guerra. No mesmo {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} período os homens passaram a bater na madeira, produzindo um som ritmado, surgindo assim o primeiro instrumento de {cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} {www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86} {adrianacrisanto.blogspot.com/2006_11_01_archive.html} {www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm} {www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429} {jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html} {www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86} percussão.

FAREJADOR DE PLÁGIO - REGISTRADO PARA LIDIA ZART

 Relatório do arquivo: HISTÓRIA DA MÚSICA.doc em 17/01/2010

 Utilizando : Google - Yahoo - Alltheweb – Altavista - Live

Resumo Estatístico

Trechos pesquisados	75
Sites com semelhança	262
Sites no Google	86
Sites no Yahoo	
Sites No Alltheweb	93
Sites no Altavista	90
Sites no Live	12

Áreas suspeitas no DOC

Sites suspeitos	11
1º e 2º mais usados	13 %
1º ao 5º mais usados	26 %
1º ao 10º mais usados	34 %
Pequisas por minuto	24 sites
Confirmações por minuto	83 sites

Principais Sites - Analisar detalhadamente

Repete	Site encontrado
17	www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2008/pl91_08.htm
16	www.ump.edu.br/metro/materias.php?id=86
16	www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=429
11	www.ump.edu.br/metro/colunas.php?id=17&aid=86
8	cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11/
7	www.jornaldeuberaba.com.br/?MENU=CadernoB&SUBMENU=CulturaeArte&CODIGO=6780
6	cleudf.blogs.sapo.pt/2008/11
4	jbhistoria.blogspot.com/.../msica-na-antiguidade-primrdios.html
4	adrianacrisanto.blogspot.com/2006_11_01_archive.html
4	www.radioboanova.com.br/mundo_artes.php?sMostrar=mostrar&iId=8
4	pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_m%C3%BAsica
4	www.ilhado.com.br/index.php?id_editoria=24&id=2166
4	www.dihitt.com.br/noticia/de-cara-nova-1

**ANEXO U: CD-ROM COM ARQUIVOS DOS SITES RELACIONADOS À
DISSERTAÇÃO**

